007

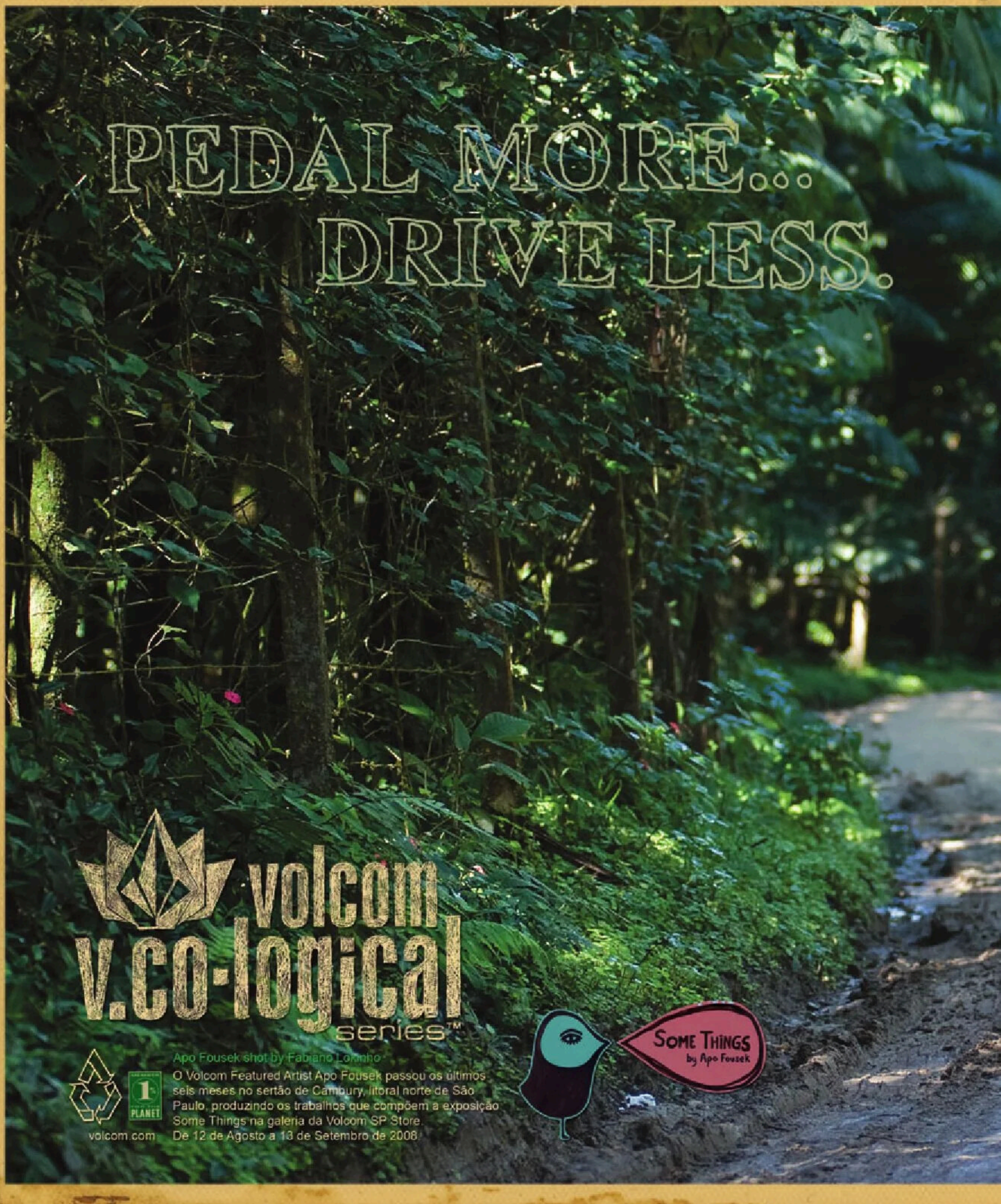
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

SOMA

SOMA

DJ NUTS . JACA . ALISA RESKIN . APOLLONIA . PETER BRÖTZMANN . MAYA HAYUK . CARLOS DIAS . KAMAU

SET . 08 #07


PEDAL MORE...
DRIVE LESS.
volcom
V.CO-logical
series™
Apo Fousek shot by Fabiano Lobinho
O Volcom Featured Artist Apo Fousek passou os últimos seis meses no sertão de Cambury, litoral norte de São Paulo, produzindo os trabalhos que compõem a exposição Some Things na galeria da Volcom SP Store.
De 12 de Agosto a 13 de Setembro de 2008.
1% PLANET
volcom.com
SOME THINGS
by Apo Fousek

Volcom São Paulo
SP
BRASIL
Al. Lorena, 1835 São Paulo SP

© 2008 adidas America, Inc. adidas, the trefoil logo and the 3-Stripes mark are registered trademarks of the adidas Group.

adidasskateboarding.com

THE BRAND WITH THE 3 STRIPES

LA MARCA MUNDIAL DE LAS 3 BANDAS

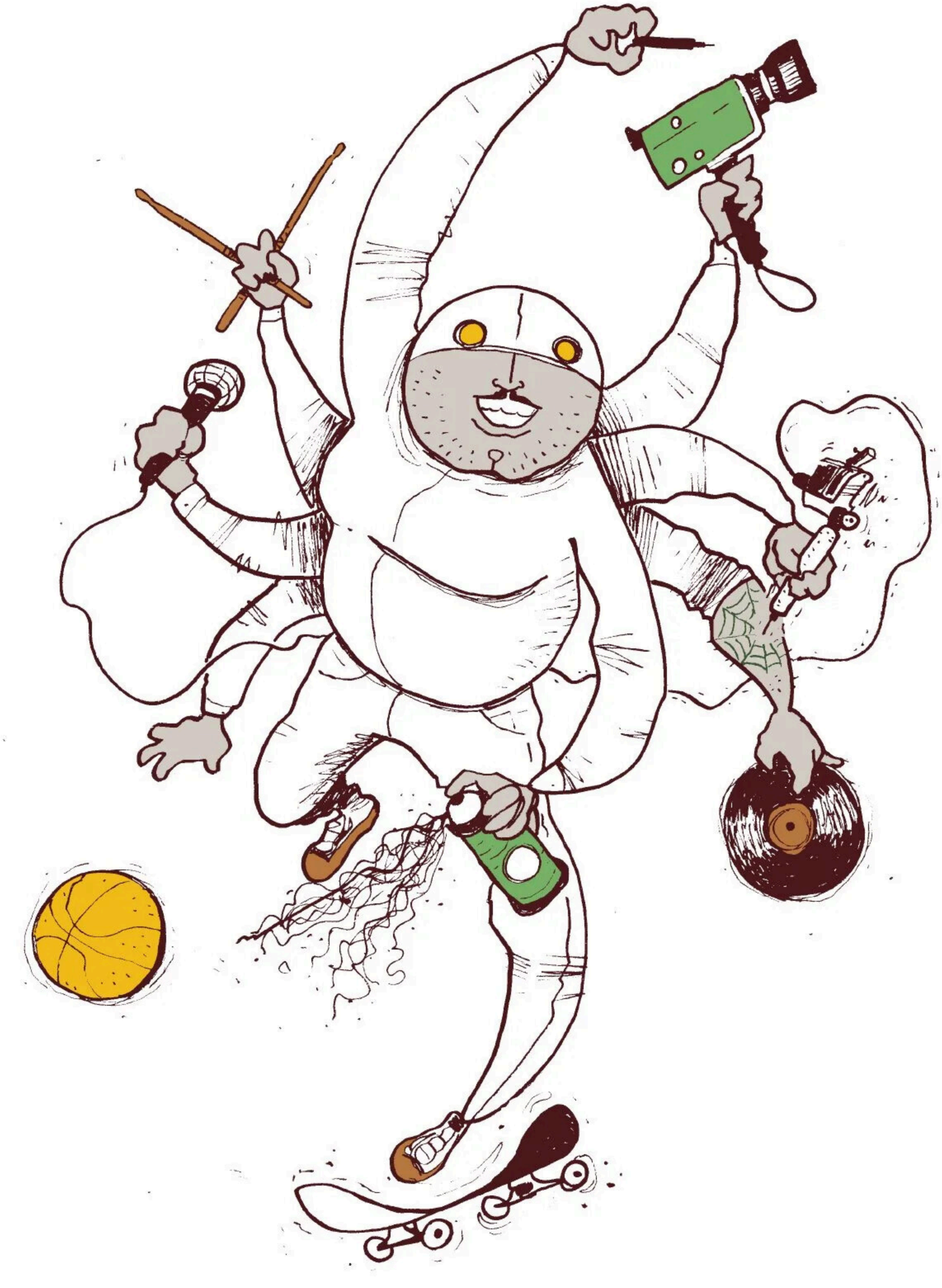
adidas

DENNIS BUSENITZ

OLLIE FROM THE YELLOW LEDGE
in the BUSENITZ CAMPUS VULC

OSKLEN

s | s collection 09



O universo expandido dos multiartistas

Nesta edição da **+Soma**, o acaso nos presenteou com personagens que, mesmo vindos de universos díspares, compartilham pelo menos uma característica em comum: **não se contentam em fazer só uma coisa na vida.**

Melhor ainda: desempenham, com invejável naturalidade, habilidade e destreza, duas ou mais atividades artísticas, fazendo com que as criaturas que não tiveram a sorte de nascer com algum dom artístico queiram se jogar do viaduto mais próximo, tamanha injustiça cometida pelo universo.

Peter Brötzmann, saxofonista e clarinetista, lenda viva da música de vanguarda, também é um reconhecido artista plástico, tendo inclusive participado ativamente do movimento Fluxus no final da década de 1970. DJ Nuts é conhecido mundialmente por sua indiscutível habilidade nas pickups, mas o seu barato mesmo hoje é pesquisar e resgatar a história da música brasileira. Jaca, artista underground que influenciou muitos dos grandes artistas *lowbrow* brasileiros (mesmo, pasmem, tendo tido a sua primeira exposição individual somente em 2007, já com 50 anos) se divide entre telas, muros e sua paixão mais antiga: os quadrinhos.
A norte-americana de origem ucraniana Maya Hayuk exibe a mesma destreza desenhando com luz ou usando canetas e pincéis. Apo Fousek dedicou sua juventude ao skate, foi empresário e hoje divide seu tempo entre o surf, o design e as artes plásticas. Kamau, rapper paulistano que acaba de lançar seu primeiro disco solo, vem de uma bem sucedida carreira como skatista profissional.
E, finalmente, o visceral Carlos Dias - que já apareceu por aqui em uma das edições anteriores sob a alcunha de Albertinho dos Reys (um de seus projetos musicais atuais) - divide seu tempo entre pinceladas intensas e acordes de violão.

Na arte não existem barreiras nem regras pré-estabelecidas.

Arte é a interpretação da vida, é poder se expressar acima de tudo, buscar novos caminhos e ampliar os horizontes. E é quando o artista descobre e explora esse universo de possibilidades que a história começa a ficar ainda mais interessante.

Boa leitura,

+SOMA

foto: F.BITÃO

ELEMENT ADVOCATE KAREN JONZ

Skatista desde 2000, **Campeã Mundial** em 2006, Européia em 2005 e 3º lugar nos **X-Games** global, **Karen Jones** é apenas livre. Sua arte personifica o seu espírito, monstros e criaturas coloridas com dizeres em Português e Inglês que fazem referência à forma como o mundo é trivial, como "**Something Might Be Wrong When All You Care Is The Colour Of Your Hair**" e "**Human Beings Are Weird**". Ela aborda a sua arte da mesma forma que ela anda de skate, para ela não existem erros, porque em tudo que ela criou, a única maneira de fazer as coisas é **não se preocupando** e nem se apegando às coisas do passado, evitando assim bloquear coisas novas. E **Karen** pretende continuar desta forma, fazendo música com sua banda **Violeta Ping Pong**, criando arte para exposições ao redor do mundo e sendo um espírito livre, do tipo que você certamente vai lembrar por meio de suas exposições de arte ou campeonatos de skate...

ARTISTA | MÚSICA | PRO SKATEBOARDER

+CONTEÚDO

Shuffle.....
.....18 .....
.....A orquestra invisível do DJ Nuts .....
.....20.....
.....Jaca e sua economia do caos.....
.....28.....
Alisa Resnik.....
.....36.....
.....Apo Fousek na contramão..... .....
44.....Estilo de vida free jazz de Peter Brotzmann .....
.....50 ....O amor de Maya Hayuk ...
.....54.....
.....Que venha a nona arte .....
.....60.....
.....
.....A quimera ao lado de Carlos Dias .....
.....70.....
.....
+Soma vai às ruas com o fotógrafo Ronaldo Franco.....
.....78 .....
....
..... Kamau e o império de um rapper só.....
.....84.....
.....
.....Low_res nyc outdoor advertising attacks mobile cam shots .....
.....
.....90 ..... .
.....A feliz jornada do Burro Morto .....
.....
92.....
.....Ethiopiques em Londres.....
.....94 .....
.....
Crime e descontração.....
..... 96 .....
.....Reviews.....
.....98.....
..... .
....Versões e subversões .....
.....101 .....
.....Parques pessoais..... .....
.....
....102.....
.....
....Dias de um fantasma suicida .....
.....
.....104.....
.....
.....

.....THE NEIGHBORHOOD WHERE LOWBROW IDEALISM STROLLS WITH HIGHBROW INTELLIGENTSIA

VONZIPPER.COM

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #7
Setembro 2008

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
Alexandre Vianna, Flavio Samelo, Helena Sasseron,
Marcelo Fusco e Rafael Jacinto

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**
Mateus Potumati

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Fotografia . **Cia de Foto**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

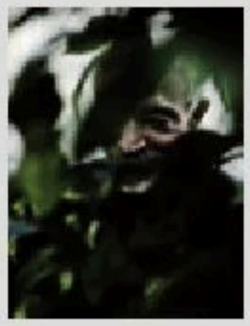
Gostaríamos de agradecer a Dago Donato, Adriana Silva, Bebel Prates e Ale (Trama); Flora, Edu Sarita e Baixo Ribeiro (Galeria Choque Cultural); Diego Motta; os artistas Rafael Silveira, Fido Nesti, Rafael Coutinho, Marcelo D Salete, Fábio Lyra, João Pinheiro, Denny C., Lucas Lourenço e Caeto; Guilherme Marzano (Big Nitrons), Luiza Petroni, Rodrigo Neves, Mila Cavalcante, Rael da Rima, Eliza Romancini Lombardi e Amanda Bertato; staff Bleecker St., Gabi Munin (Tronco Produções), SESC Vila Mariana, Volcom Art Gallery, Fernando Torelly, Ed Motta, Flavio Samelo, MZK, Allan Sieber, Fábio Zimbres, Tony de Marco, e a todos que enviaram material para resenha, aos anunciantes e aos pontos de distribuição da revista. Nosso mais sincero muito obrigado!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da **Cia de Foto**.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
T. 55 11 3849.2045 . cris@kulturstudio.com

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3842.6717** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**



Capa . Retrato do Jaca
por Cia de Foto

Editorial . Ilustração por Fernando Torelly

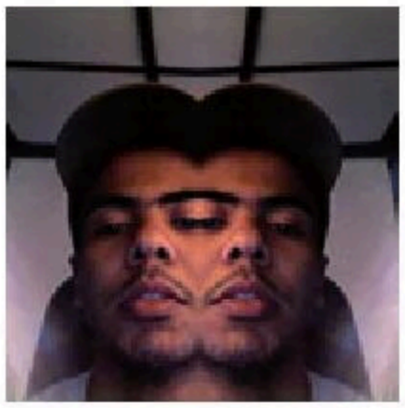
Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, galerias de arte, museus, centros culturais, shows, eventos e casas noturnas.
Veja os endereços em . **www.maissoma.com/info**
Papel . Nova Mercante
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

BONECOS UM POUQUINHO
DIFERENTES DO SEU ÚLTIMO BONECO.

PLASTIK™

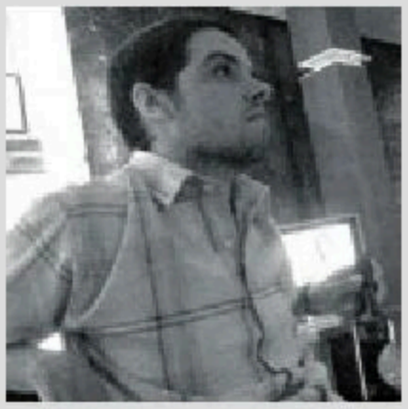
www.plastiksp.com.br
Rua Dr. Melo Alves, 459, São Paulo - Brasil
55 11 3081.2056 - 55 11 3081.1714

+COLABORADORES



Ronaldo Franco

Integrante do coletivo
de fotografia ROLÊ
e professor do SENAC.
Também colabora com as revistas *Trip*
e *Rolling Stone Brasil*.



Fernando Torelly

Nascido na cidade de Bananal-SP, mas
criado na capital fluminense. Cursou
gravura na Escola de Belas Artes da UFRJ.
Tem ilustrado para um monte de gente,
desde 1997. Suas influências são Jack
Kirby e Patrick Woodroffe, entre outros.
Defende o desenho sem rascunho e
acha que borracha é coisa de viadinho.
E a foto aí acima é do Rodrigo Peres.

Alexandre Vianna

Alexandre Vianna é skatista,
jornalista, fotógrafo e
criador/editor da *CemporcentoSKATE*.
É workaholic, não assiste televisão,
e não desiste de continuar trabalhando
para que o estilo de vida do skate,
e da cultura ligada a ele,
seja legal no Brasil.

.

Helena Sasseron

Produtora e stylist
nascida em SP, acredita no
"cada um com seu cada qual".
Filmes e arte sempre que
sobra um tempo.
Música o tempo todo.

André Maleronka

André é repórter da revista
ELEELA e colaborador
da *Rolling Stone Brasil*.

Fernando Martins

É skatista e fotógrafo
autodidata.
Nasceu no Rio de Janeiro,
mas escolheu a cidade de
São Paulo para viver.

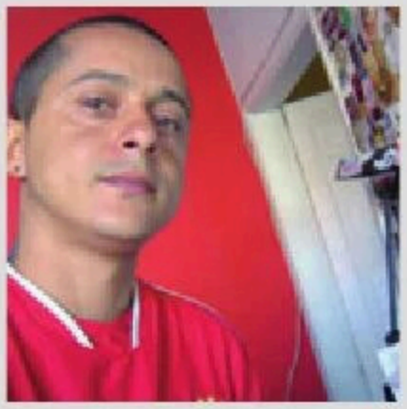
Dimas Forchetti Filho

Dimas, 23 anos, é ilustrador
e desenha desde criança.
Formado em publicidade e
propaganda, largou sua formação
para se dedicar ao que mais gosta
de fazer, rabiscar. No currículo:
marca de skate, revistas, camisetas
e tatuagens.

Fabiano Rodrigues "Lokinho"

33 anos, ex-skatista profissional,
artista e fotógrafo autoditada.
Criou duas marcas de skate,
e atualmente trabalha no
departamento de arte
da Volcom do Brasil.

.

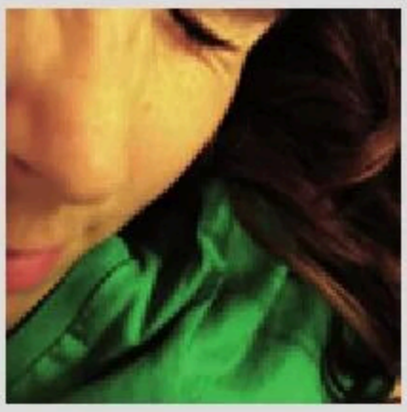


Sylvio Ayala

É fanzineiro até o osso.
Pilota uma oficina de comunicação
chamada Palavra & Atitude.
Não votará em ninguém na próxima
eleição. Edita o *Bagazine*, bem na manhã.
Pretende fazer um irmão pro Lucio,
aprender xilogravura e comprar uma
mapoteca. Pede três vivas para Hunter
Thompson, Toniolo e sua vó preta Adinha.

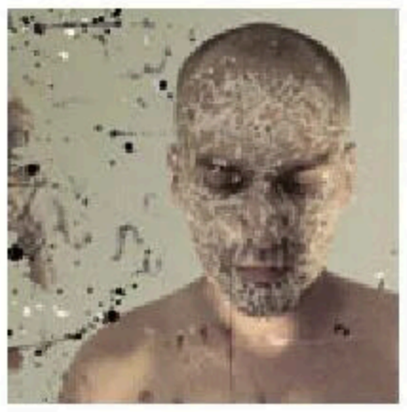
Alexandre Casatti

É jornalista, jardineiro
e glass collector
(recolhedor de copos)
em Londres até outubro de 2008.



Renata Barros

Mineira, já trabalhou como
designer em revistas de Londres,
São Paulo e Oslo, cidade que -
sabe-se lá até quando - resolveu
chamar de sua. Quando não está
trabalhando - ou se encapotando
contra o frio - brinca de recortar
o que vê.



Renato Larini

É motion graphics designer
e fotógrafo.

STUSSY
DISCOUNT SNEAKER MARKET
TEAM COLOURS
RUNNER

5HUFFL&

POR TIAGO NICOLAS

Bernardo Pacheco – o Berna do Elma, Are You God? e engenheiro de som do Hurtmold e afiliados – tem um gosto musical que foge de qualquer convenção: vai de Extreme Noise Terror a Elton Medeiros. Uns podem dizer que ele é um "metaleiro inteligente", mas Bernardo não se enquadra em qualquer regra e rótulo. Aproveitando esse gosto abrangente e sua sensibilidade musical, fiz uma visitinha à casa dele para trocar a boa e velha idéia de som e pedir que ele apontasse, na sua coleção, alguns discos não muito convencionais.

Um disco que mais parece um cometa?
Se por "que mais parece um cometa" você quis dizer "de roque pauleira da porra" eu voto no *Clandestine*, do **Entombed**.

Um disco que vale o quanto pesa?
Se por "vale o quanto pesa" você quis dizer "pesa o quanto vale", lembro do *Obscura*, do **Gorguts**, banda canadense que foi das poucas a fazer algo de interessante no metal na segunda metade dos anos 90, trabalhando com as texturas das cordas e ritmos desordenados em vez de virtuosismo e complexidade gratuitos.

Um disco que dá bom dia a cavalo?
Se por "que dá bom dia a cavalo" você quis dizer "alastrão", bom, essa palavra não tá no dicionário. Juro, eu olhei. Pode colocar aí então o primeiro disco, auto-intitulado, do **Captain Beyond**.

Um disco rígido?
Se por "rígido" você quis dizer "pulsante e latejante", na verdade querendo dizer "fala um disco foda aí", tem o *Revolver*, do **Walter Franco**, que é bom em todos os aspectos, mas me chama muito a atenção pela produção inspirada e incomum pros padrões brasileiros.

Um disco que foi presente da tia sem noção?
Se por "presente da tia sem noção" você quis dizer "afanado da coleção dos seus pais" pode ser o *Beleléu, Leléu, Eu*, do **Itamar Assumpção**. Apesar de ser um compositor e intérprete incrível, ele só acertou mesmo a mão em estúdio nesse primeiro álbum. "Nega Música", "Fico Louco" e "Beijo na Boca" já coloquei em muita coletânea (hoje se diz "mixtape", né).

Um disco que é lobo em pele de cordeiro?
Se por "lobo em pele de cordeiro" você quis dizer "bobo em pé se diz coveiro", eu não entendi nada. Mas *Corredor Polonês*, da **Patife Band**, é o melhor disco do qualitativamente rarefeito rock nacional.

Um disco de 1,99?
Se por "1,99" você quis dizer "R$ 1,99", o fascículo do **Ismael Silva** da coleção *História da Música Popular Brasileira* (fase das capas pretas) foi o que me interessou pelo samba, a combinação da crueza das gravações com a invenção melódica do Ismael e as interpretações do Mário Reis me converteram de vez.

Um disco pra aquela *biatch* que não pára de olhar pro seu pau?
Se por "aquela biatch que não para de olhar pro seu pau" você quis dizer "percebi que tua presença me deu a força de um leão", nem preciso recomendar o *Retratos da Humanidade*, do **Revolucionnários**, que encheu meu 2008 de cor com versos como "através do reggae conquistei o seu sorriso", "olhando pro ar tô na brisa, surf / sentado e curtindo o astral do lugar".

Um disco agropecuário?
Se por "agropecuário" você quis dizer "de samba", escolho o do **Elton Medeiros** de 1973. O disco tem arranjos que vão do quase-cinematográfico ao despojado, "Pressentimento" e "Vazio" são duas das músicas que eu mais gosto no mundo.

Meu disco favorito gravado por ele?
Como em casa de ferreiro o espeto é de pau –, escolhi não um disco, mas um show do Are You God? que eu nem vi, mas só de saber do feito já justificou a escolha: eles tocaram na íntegra o show do filme *O Magnata*, inclusive com os diálogos, como a genial e já citada "esse som vai para aquela vagabunda que não pára de olhar pro meu pau".

Por Arthur Dantas e Tiago Moraes
Fotos por Fernando Martins

A ORQUESTRA INVISÍVEL DE DJ NUTS

“*Latest news*, consegui uma das 32 cópias do LP Paraibô, de Hugo Filho, agora já ERA!”

Essa frase, enviada dias após a entrevista diretamente de Los Angeles – onde Rodrigo Teixeira, 31, mundialmente conhecido como DJ Nuts, acompanha Marcelo D2 – sintetiza um universo. O que ele chama de psicopatia – sua busca infinita por discos raros e preciosos de música brasileira – se traduz no ambiente de seu apartamento: os discos são onipresentes, se espalham pelos corredores, por debaixo da mesa e chegam a seu estúdio, onde são devidamente organizados e reverenciados pelo paulistano, que se iniciou na arte de manipular toca-discos em 1991.

Em quase duas horas de conversa com a **+Soma**, Nuts falou sobre suas influências, seu interesse por música brasileira, que já rendeu cinco Mix Cds – e vem mais pela frente –, o trabalho tantas vezes ingrato de ser DJ, rap gospel, OMB, música psicodélica nacional, Hermeto Pascoal e sua ambição atual: se tornar maestro. **E avisa: Marcelo D2 foi à procura da batida perfeita, mas quem criou o samba-rap foi ele**, responsável pela produção do primeiro álbum do rapper. ⏩

O que você gostava de ouvir no início?
O primeiro disco que eu comprei foi este (mostra o álbum *Diary Of A Madman*, de Ozzy Osbourne). Ouvia Kiss também. Mas no final dos anos 80 já comecei a escutar dance music européia. Rap ainda não era bem aceito por aqui.

E como era essa época?
Meu mestre foi um cara chamado Marcelo 2Da Bone, primeiro produtor dos Racionais MCs. Foi ele quem me ensinou a tocar. Ele era do Dynamic Duo. Quando eu ainda não tinha toca-discos, alugava um estúdio e gravava mixtapes para as pessoas na escola. Foi nessa época que surgiu o tape deck duplo. Era a época dos DJs Grego, o Celsinho Double C, Valter Benacca, um pouco depois o Renato Lopes, o Marquinhos MS, que já faleceu, o Mau Mau. Observei muito DJ de outros estilos para chegar aonde cheguei. A coisa de equalização, de comparação de métrica, veio mais do techno, e acabei fazendo isso no rap. Isso foi influência de DJs de outros estilos. Ainda mais em uma época em que o rap não era bem vindo. A classe média não escutava, era coisa de maloqueiro. Fiz uma equipe de som com um amigo de escola, usávamos a vitrola dos nossos pais, mixers e iluminação horríveis, feita com lata de óleo. Logo me especializei em rap, e o meu parceiro, em techno, que foi o começo do jungle. Eu fui nas três primeiras raves no Brasil, no Hell’s. Curtia estilos diferentes.

(Nuts sai para atender o telefone. Começamos a falar sobre o projeto Keepintime, que uniu bateristas que gravaram clássicos do balanço e DJs, que trabalham a partir dessas gravações, incluindo o próprio Nuts.)

[Para os músicos mais velhos,] foi uma resposta de vida. Existe o sentimento de que no Brasil os músicos são esquecidos, e é verdade. Só os tropicalistas são lembrados, desse período. Mal se fala sobre Flora Purim, Hermeto Pascoal, que é o maior músico contemporâneo do país. Eles sabem que nós, DJs, entendemos os motivos e os propósitos do trabalho deles. Conhecer músicos como Lula Côrtes (com quem Nuts pretende gravar um disco ainda este ano), Arthur Verocai, Wilson das Neves, João Parahyba, Élcio Milito, Mamão, Dom Romão, João Donato... É um prazer encontrar essas pessoas e desenvolver coisas juntos.
No meio dos DJs, só faz esse rolê quem tem profundidade, entendeu? Nossos amigos não se medem por dinheiro, se medem – medem mesmo – conforme o conhecimento e a profundidade. Se você tem algo a oferecer, ou algo pra conversar, algo pra ensinar, é bem vindo.

TRIBO MASSALI

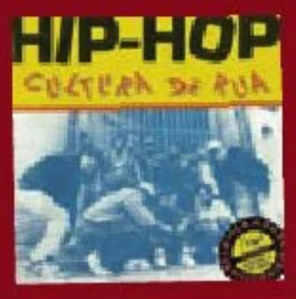
ESTRELANDO

EMBAIXADOR

Você já conheceu o Hermeto?
Cara, é um sonho da minha vida. Mas é o seguinte: eu tenho vergonha na cara! (Risos.) Não tenho cacife pra conversar com ele. Tenho um amigo escocês que em 2006 queria me apresentar para o Hermeto. Mas pra quê? Não tinha o que apresentar para ele. Quero conhecer o Hermeto no dia que eu for alguém, quando for um mestre no meu trabalho. Tô passando por uma fase que eu falo que é a minha faculdade, aprendo as coisas com colecionadores e músicos, comprando discos. Não vou parar de comprar discos, mas quero acabar com essa psicopatia. É muita dedicação, todo o dinheiro vai em disco e, assim que eu pegar a conclusão do meu "curso de discos", quero tirar a música de dentro de mim. Gente que ouve música boa quer fazer música boa. Eu quero fazer música tão boa quanto os discos [que eu ouço]. Com instrumentos, arranjos, algum maestro. Eu tenho ambição de ser maestro. Não importa que eu tenha 31 anos, quero ser maestro!

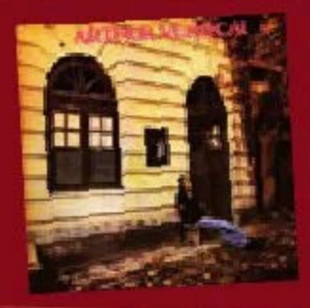
Com o fim da sua "faculdade", você deixaria de ser *turntablist*?
Não. A vida dos DJs é estranha, tem muitos problemas de ego etc. Para mim, fazer uma festa bombar é o mínimo! Eu me acho abençoado por Deus de poder chegar em uma festa e botar todo mundo para dançar. Hoje eu dependo disso, trabalho com estilos musicais que fogem do meu gosto. Eu não ouço rap comercial, mas toco na noite. Quando eu era mais jovem, entrava em conflito com isso. Hoje vejo que faz parte da minha missão. E esse trabalho é melhor do que qualquer outro tipo de trabalho. É graças ao meu trabalho na noite que eu faço a pesquisa, porque são as festas que me permitem comprar discos toda semana. Se não fosse assim, eu estaria com minha bandeira de underground por aí. Já tive posicionamento de underground e hoje eu sou todas essas coisas juntos. Encontrei uma harmonia dentro de mim.

Conhece outro DJ no Brasil que faça pesquisa como você faz?
Se tiver alguém você me fala, porque eu não conheço! Vejo jovens emergindo aí, fazendo o que eu fazia. Quero ver se vão chegar nesse grau de psicopatia que eu cheguei. Porque colecionar por moda não adianta. Se você faz arte, é para colaborar com a própria arte, dar retorno. Artista para mim é isso, não nego que fica inflando o ego igual balão.



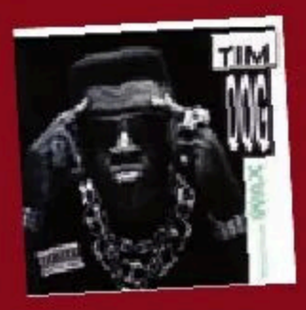
3 LPs de rap nacional:
Dynamic Duo . *Don't You Know* (*Tim Maia Racional*) (Fat Records)
Vários (Thaíde DJ Hum, Código 13, MC Jack e outros) . *Hip Hop Cultura de Rua* (Eldorado)
Vários (Racionais MCs, Gregori, Sharylaine...) . *Consciência Black* (Zimbabwe)

3 LPs de black music nacional:
Tribo Massahi . *Estrelando o Embaixador* (Riversong)
Amado Maita . *Amado Maita* (Copacabana)
Arthur Verocai . *Arthur Verocai* (Continental)



3 LPs de psicodelia brasileira:
Banda Espectrum . *A Geração Bendita* (Todamerica)
Marconi Notaro . *No Sub Reino dos Metazoários* (Rozenblit)
Pedro Santos . *Krishnanda* (CBS)

3 LPs de bossa nova:
Werther . *Werther* (Stylo)
Sérgio Ricardo . *Esse Mundo é Meu* (Forma)
Moacir Santos . *Coisas* (Forma)



3 LPs de rap golden era:
Lord Finesse DJ Mike Smooth . *The Funky Technician* (Wild Pitch)
Chi Ali . *The Fabulous* (Relativity)
Tim Dog . *Penicillin on Wax* (Ruff House)

⏩ "Tem gente que faz música pra ficar famoso, outros que fazem música pra ganhar dinheiro e ainda há os que fazem música porque nasceram pra isso, e assim como a maioria dos seus amigos músicos brasileiros de verdade, o Nuts nasceu pra isso e escolhe bem as músicas que usa nas mixtapes, nas festas e nos samples." ***Flavio Samelo***

Com o mix CD *Cultura Cópia* e os três volumes do *Disco é Cultura*, você começou a mostrar uma primeira etapa dessa sua pesquisa em música brasileira, certo?
Em 2004 eu tava em um período ruim da vida. Quando olhei para minha vida eu só tinha os discos e uma tape deck. Não tinha nem um PC para gravar. Olhei meu tape deck e fiz [o *Cultura Cópia*] em fita K7, depois passei para CD. Encontrei com o Kiko (o artista Nunca, que fez todas as capas de seus Mix CDs), trocando idéia sobre modernismo, antropofagia etc. Eu falei "vamos pegar sua arte e a minha e fazer um lance juntos". Fiz uma demo de cem cópias e um mês depois tinha uma proposta da revista *Wax Poetics*. Eles deram o CD para todos os assinantes da revista, que são os maiores produtores e colecionadores de disco do mundo. Foi um bom começo.

As três edições do *Disco é Cultura* saíram no exterior?
Saíram. Mas o único que foi lançado como CD, em maior escala, foi o *Cultura Cópia*, e mesmo assim em pequena escala. Com o *Disco é Cultura* 1 e 2, quis fazer um lance mais profundo, tiragem só para amigos, 500 cópias cada. Ninguém pode me cobrar nada, porque não vendo os CDs, eu dou! Não quero dez reais em um CD, se me pedir eu dou. Sou generoso. Quer música? Toma! Pra mim é difícil fazer, mas é fácil dar. Procurar é difícil, mas para ouvir é só apertar o play e você tem ali o néctar da música. O volume 3 é uma mixtape de sambalanço/samba jazz e aconteceu uma coisa boa também. O Gilles Peterson, um dos DJs da BBC mais influentes em Londres, estava no Brasil. Ele pirou na parada e bancou minha passagem pra lá. "Tô levando o Ed Motta pra Londres e vou levar você também, mesmo que não esteja no orçamento." Ele fez um especial na BBC e tocou o disco todo. Foi foda, porque ele forma opinião no mundo inteiro, para um público maduro. E lá foi a primeira vez que peguei uma pista cheia e toquei um samba jazz. Quando eu via uma pista cheia, sempre tocava rap ou samba rock. Nunca tinha tido a oportunidade de tocar um som dessa qualidade para uma pista cheia dançar. Em Londres, quando toquei um Tenório Jr., todo mundo dançou. Fiz a turnê toda abrindo os shows do Ed Motta. Tudo isso em 2006. Fiz música, fui respeitado, comprei um monte de disco e quando voltei pintou uma nova perspectiva pra minha vida.

O que você mais se orgulha de ter apresentado nessas quatro mix?
Com certeza é o *Krishnanda*, do Pedro Santos. Tinha uma época que só eu e o Ed Motta falávamos dele. Já tive 4 cópias disso e passei para frente. (Visivelmente animado.) Ah, vá! Foi o disco que eu descobri e apresentei para os outros! (Risos.) O Pedro Santos é um percussionista super criativo, tocou com a Maria Bethânia, com o Sebastião Tapajós - com quem fez longa parceria. Esse disco é de 1968, produzido pelo Élcio Milito. Quando conheci o Élcio, entendi que o Pedro Santos é um cara super importante para ele. O Pedro criava instrumentos, ele tinha um set de bambu, por exemplo. O Élcio era do Tamba Trio, e o tamba é um instrumento que tem bambus no lugar do chimbal. Foi o Pedro que apresentou a tamba pra eles. O *Krishnanda* pode ser chamado de afro-brasileiro, mas tem elementos indianos. É um disco importante na minha vida.

Quais são os DJs que você curte, parceiros que te estimulam etc.
Gosto muito do Yellow P, vejo ele como um moleque de bom propósito, que tá fazendo o lance dele direitinho. Eu gosto muito do Renato Lopes, que tem uma postura de DJ que eu admiro. Gosto muito do Mau Mau. Também vi muito o Marky tocar, é um DJ que eu nunca vi errar uma virada. E o único DJ de rap que eu realmente admiro, que posso dizer que é um DJ bom que eu vi cruzar o meu caminho, é o Primo.

E na gringa?
Gosto muito do D-Styles, é o meu DJ predileto. Admiro as direções que ele toma. D-Styles é influência de vida, é um cara que eu entendo, vi ele tocar de pertinho e achei o máximo. E o [Mix Master] Mike também, adoro ele. Admiro o Mike pra caralho, pela capacidade dele de destruir. Pode pular o disco (grita e gesticula, como se o disco pulasse), que ele vai lá e... (faz uma série de ruídos com a voz, como se estivesse rodando o disco com pressa)... volta pro ponto... (mais barulhos), entendeu? Adoro isso. É uma lição.

Você está pesquisando música psicodélica brasileira. Vem alguma coisa daí?
É um trabalho que eu quero concluir agora, pra poder passar a outros estágios da minha vida. Porque eu sou só um moleque que vai atrás de discos, entendeu? Eu preciso crescer. Depois da conclusão dessa minha nova pesquisa, terei permissão seguir em frente. Eu conquistei todas as áreas que precisava: black soul music brasileira, samba rock, bossa nova, samba jazz. Tenho todos os discos que eu conheço, que eu queria. O rock psicodélico, folclórico e progressivo é a área que eu colecionei bastante, e é hora de colocar tudo para fora.

Esse recorte abrange desde aquelas bandas de garagem, psicodélicas, da década de 70, até esses grupos do Nordeste, Zé Ramalho, etc.?
Só não abrange o que chamam de beat, que é uma onda mais jovem. A praia é música que pessoas normais não conseguem ouvir. Eu quero que uma pessoa normal tente ouvir [esse Mix CD] e não consiga chegar até a terceira música. Tenho 25 minutos prontos. O resultado dessa pesquisa vai ser um catálogo que é uma tiração de sarro com o Hans Pokora, um austríaco que publicou cinco livros sobre os discos de rock mais raros do mundo. [Nos livros dele] tem uma seção sobre o Brasil. Eu quero mostrar os discos que estão no livro do Pokora, mas em áudio. Vou fazer um Mix CD e um livrinho com todas as capinhas e cotações dos discos. Tudo dentro da psicodelia, amarrado dentro da mesma linguagem. Acho que vai se chamar *Record Collector Dreams*, que são os discos mais procurados no mundo inteiro. *Psych Folk Prog from Brazil*. Inspirado e tirando um sarro do livro do Pokora. (Risos.)

» “Eu acredito que as raridades é que procuram as pessoas... As pessoas não procuram os discos - os discos acabam sempre caindo na mão de gente que vai fazer alguma coisa boa com eles -, e, de todos os colecionadores que eu conheço, o Nuts é o maior cagão que tem. Ele consegue várias raridades por um preço super barato, o que é a grande honra de um colecionador. Ele sempre vem me contar que conseguiu tal disco por tanto, outro por tanto, dá vontade de enforcar (risos)... Presenciei isso numa das últimas feiras de disco em São Paulo e era impressionante como as coisas vinham para ele, um disco atrás do outro. Acho que tem uma coisa meio espiritual nisso.” ***Ed Motta***

Sobre a regulamentação da profissão de DJ, a questão de a pick-up ser um instrumento ou não. Conversei com alguns DJs, e eles dizem “foda-se, quem é a OMB pra falar se eu sou um músico ou não?”

Eu tenho um sonho de ir na OMB tirar carteira de músico. Pra mostrar que essa porra (aponta para os toca-discos) é um instrumento. Você pode tocar o “Danúbio Azul”, se quiser. (Cantarola a melodia e depois a cadência, imitando o som do scratch.) A primeira música que eu tirei foi bem difícil: “Eu e a Brisa”, de Johnny Alf. Eu sei tocar “Eu e a Brisa” com toca-discos. Eu pensei “ah, tenho que ir lá na OMB mostrar essa porra!” (Risos.) Porque todos os DJs que tiraram carteira de músico foram lá e sacudiram um pandeiro. Eu tive um impasse com a OMB quando tocava com o Rappa. Tipo, “e o DJ, não tem OMB?”. “Não, o DJ não tem OMB.” Daí teve brigas, tentativa de multa, tudo mais. [O toca-discos] é tanto um instrumento de melodia como de percussão. Eu não tenho carteira assinada, não tenho aposentadoria, não tenho nada que garanta a minha velhice. Ou eu ganho dinheiro agora ou viro um velho sem grana.

A primeira vez que eu descobri que o toca-discos era um instrumento foi vendo o Kid Koala tocando. Não acreditava que o cara tava fazendo aquilo, solo de trompete etc.

Dá pra se mexer com tudo que tá em vinil. Se você tem uma nota livre no disco, pode manipular ela. (Nuts manipula escalas musicais no toca-discos, via scratch. Produz um tom e sua oitava aumentada.) Se você colocar um “iiiiiiin”, pode tocar “Iron Man” se quiser. (Cantarola o riff de “Iron Man”.)

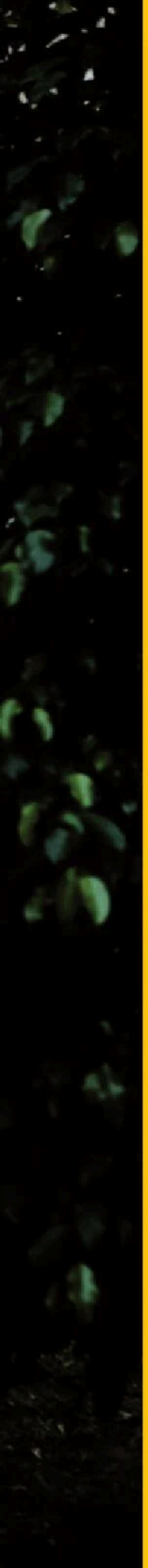
Além do seu trabalho com o Marcelo D2, lembro do grupo Nitro, com o MC Paulo Nápoli. Era bem diferente dentro da cena rap daquela época. Queria saber mais sobre este projeto, e se você tem vontade de fazer outras coisas do gênero.

A gente se conheceu na escola, jogando basquete. Gostávamos de música e fizemos um grupo de rap na igreja. Isso em 94. A gente visitava igrejas e cantava rap. Eu era o DJ do grupo e tinha mais umas quatro pessoas. O Nápoli é de família evangélica e me levou para a igreja para ser DJ. O grupo se chamava Consciência Cristã. Foi um período muito legal, porque me senti útil, falei coisas boas etc. Acho que a gente influenciou muita coisa dentro do rap gospel, que evoluiu muito. Passou um pouco de tempo, lá por 1997, e montamos o Nitro. Lançamos a demo *Palavras Cruzadas*. Foi o começo da liberdade na cena rap daqui. Surgiu a cena de freestyle, e a primeira batalha daqui eu fui DJ, na feirinha da Pompéia, com o Max B.O e o Nápoli. Tudo que diz respeito a essa coisa do rap underground foi a gente que criou. Com respeito a todo mundo. Até então no rap tinha-se medo de expressar idéias diferentes, muito ganguismo. Aliás, eu comecei a tocar como DJ com uma rapper chamada Rose MC. Ela foi uma das primeiras rappers do Brasil. A Rose me descobriu muito jovem. Eu sou dessa geração, que vivia ali no centro, peguei o fim da era do [Metrô] São Bento, antes da internet. Trocávamos informações através de pastas, recortes de matérias etc.

O Nitro eu vejo como a base de uma linguagem nova no rap daqui. O rap nacional teve uma época muito criativa, em que se falava de várias coisas, no fim da década de 80 até 91, mais ou menos. Depois isso morreu, e [o rap nacional] virou uma coisa mais de periferia, de gangue. Tenho outro mix CD quase pronto para lançar, chamado *Máquina de Dança*, só com rap nacional antigão. Vai mostrar uns raps que os manos têm vergonha de lembrar. Pepeu, MC Kid, as produções do Marcelo 2daBone, Thaíde & DJ Hum, Ndeee Naldinho, Duck Jam... Amo essa época!

» **Saiba Mais**
www.myspace.com/djnuts
www.dj-nuts.blogspot.com
Veja em www.maissoma.com vídeo e a entrevista completa.

Limix



Jaca e sua economia do caos

Por Sylvio Ayala

Figura anti-notoriedade, o Jaca é arredio a "jornalistas desgraçados" e fotógrafos que possam tirar sua alma. Primeiro esquivou-se, naturalmente. Só topou levar esse papo descritivo porque apelei para o emocional. Benditos amigos em comum. Cerquei seu perfil com a ajuda de sua esposa Taís Rivoire, e do comparsa de longa data Fábio Zambres. Embora ele não faça mal a ninguém, está longe de ser inofensivo. Ainda que alegue inocência, o Jaca é culpado. Paulo Carvalho Júnior é um cinqüentão (52) recluso, uma velha de verve gráfica assombrosa que passou por todos os grandes jornais do Sul e Sudeste do país. Ilustrador por excelência, meteu histórias em quadrinhos nas revistas Dundum, Animal, Geraldão, Big Bang Bang, Edições Tonto, Front, Ragú, e por aí vai. Não economiza energia e joga tintas adoentadas em tábuas de gaveta, paredes e gravuras. Fui entrevistar um honesto desenhista e encontrei um falsário pra lá de talentoso. Semi-analfabeto por julgamento próprio, seu intelecto está no traço. Puxa do rabisco infantil, pero mortal, contundentes denúncias visuais. Jaca se dá o direito à reserva, e arrebenta sempre que convocado. E assim, o calado se fez tagarela, e a sobrancelha semicerrada deu lugar ao sorriso largo de um homem feliz.

o desenho em sua vida

"Desde sempre - em compensados, nas costas do armário, em pedaço de duratex, atrás da mesa de botão. Me lembro que desenhava uns bagulhos e já achava algo estranho. Pensava, com 5 anos: sou uma criança desenhando isso... Mas isso não é coisa de criança."

Jaca realmente curte ver suas criações impressas, registradas. Se orgulha. Só lembra que desenhava e desenhava. Imitava os desenhos pornográficos tipo Carlos Zéfiro, coisa de guri, incentivo do seu irmão. Descolou o primeiro emprego aos 15 anos, com carteira assinada e "salário de menor", na empresa de painéis SORIPA, em Porto Alegre –, publicidade à base de cartazes gigantes, pintados a mão. Pegava um rolo de papel craft, esticava 4 metros, quadriculava no lápis, e reproduzia proporcionalmente as marcas/letterings que vinham em catálogos menores. Quando atingiu a idade do serviço militar, correu para São Paulo, apostando no excesso de contingência da megalópole. Apavorado, escapou por estar banguela.

Primeira vez na Babilônia

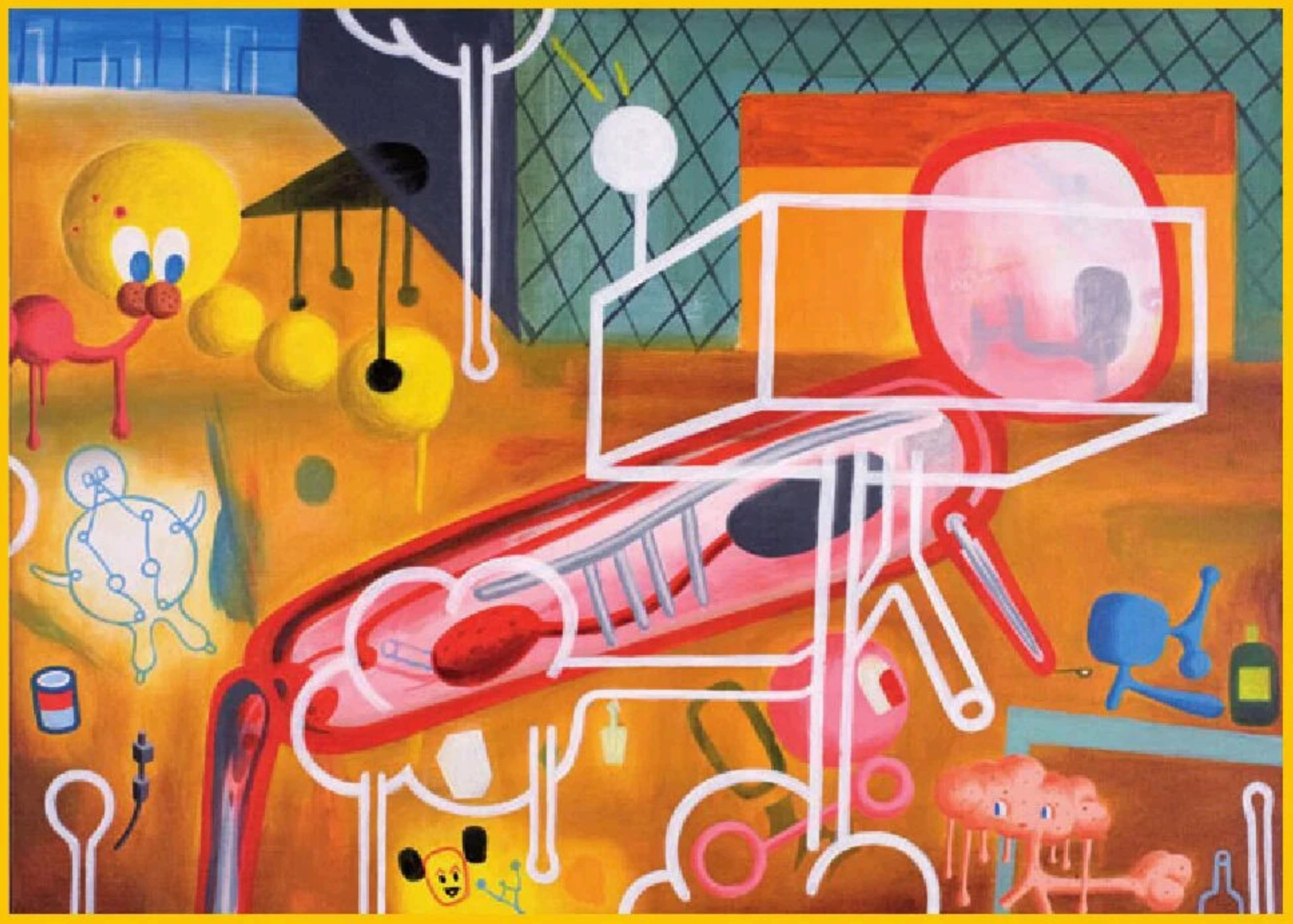
"Entrei nessa de roubar toca-fitas, marginalzinho, traficante do Colégio Objetivo. Cheio de paranga. Cheguei aqui e fui recebido por uns amigos vagabundos. Eram mais velhos, eu era a mula. Vinha aquela galera de viciadinhos, e eles faziam um cerco ao meu redor. Um cara em cada ponta recolhendo o dinheiro, e eu no meio, só na distribuição, pum, pum (gesto de lá pra cá com as mãos). Era o meu trabalho."

Não se constrange de sua fase criminosa, encara com naturalidade o que passou. Inclusive os cinco dias em cana que amargou, todo cagado. Sem assombro. Nessa época trabalhou também numa gráfica, das 18h à meia-noite, fazendo as antigas emendas. Pouco depois, entrou na Editora 3, onde ficou como *paste-up* para as revistas *Vogue*, *Planeta* e *Status*. Prismava as fotos com um projetor, contornando cada enquadramento na arte final. Na época quente desses títulos, forjou um portfólio legal, voltando com moral (pela primeira vez) para Porto Alegre. Foi direto na menor agência de P&P, encontrou o amigo Paulo Figueiredo. "O que tu sabe fazer?" "Sou arte-finalista."

Picaretagem

"Não sacava nada, indicações, composição de texto, fontes, corpo de letra... Eu era braçal! Fazia cara pensativa, ficava amarrando, até o fim do expediente. Os caras iam embora, eu ficava até a noite. Eles guardavam as artes-finais no banheiro, eu copiava as cartolas e filetes. Revia os anúncios impressos, e chupava tudo. Assim fui indo."

Por esses tempos morou com sua mãe na atual Casa de Cultura Mario Quintana, antes Hotel Majestic e lar do famoso poeta. No aposento a *la* Van Gogh, riscava na cola do pintor catarinense Juarez Machado. Aos 19 anos, produzia conforme o lugar onde aterrissava e à medida que os *jobs* baixavam na sua prancheta – o que não o impedia de continuar com a vagabundagem. Criou embalagens e rótulos com o pessoal que fundaria anos mais tarde a agência GADesign. Embalou numa série de boletins empresariais e ilustrações, assinando Jacaré e, logo mais, Jaca.



Não sei se é fácil ou difícil falar do Jaca, um de meus mestres espirituais no desenho. O fato é que suas imagens com perspectivas impossíveis e quebra-cabeças visuais ricos em detalhes deram um nó em meu cérebro desde o primeiro momento em que as vi. Jaca parece ter uma biblioteca de cartuns na cabeça, de onde saem uma enorme quantidade de referências.
O curioso é que, apesar do estilo híbrido, seu traço é autêntico e facilmente identificável. **MZK**

Vizinho Mario Quintana

"Minha mãe procurou pensão no centro e o Hotel Majestic tava pra fechar, no auge da decadência. Pegamos um quartinho com sacada, super barato, nos fundos. No mesmo andar do Mario Quintana. Eu dormia clandestino pra não pagar diária, chegava de madrugada, só havia uma cama de solteiro, eu deitava ao lado, cobertor no chão. Quando melhorou um pouco, pegamos um quarto maior. Vez em quando íamos ao restaurante do hotel, decadente pacas. Garçons com paletós brancos, pra lá de puídos, e ratões enormes passando pelos cantos."

Iniciou longeva trajetória pelos jornais como ilustrador da *Folha da Tarde*. Tentou fugir do lugar, com vergonha de seus desenhos. Ficou por lá quase quatro anos, aderindo à rotina das redações. Ao falir a *FT*, na crise que matou também o *Correio do Povo*, ficou como *freelancer* um ano. Quando abriu o lendário *Diário do Sul* nos anos 80, lá estava Jaca. Faliu o *DS*, um tempo em casa, e foi pra *Zero Hora*, da *RBS*, braço da Globo no Sul. Por lá tomou um chá de banco de três meses, do pior chargista do mundo, Marco Aurélio. Mas eles precisavam de ilustrações e infográficos, então contrataram o Eugênio Corvo, o Pit e o próprio Jaca. Ótimo. Na segunda vez no *ZH* (saído do *Estadão*), foi retalhado por outros ex-atuais colegas de ofício.

Boas memórias

"Risquei esse tablóide do meu currículo. Fiquei quatro meses sentado numa pilha de jornal, nem cadeira ofereceram. Era um sintoma geral. Os locais não curtiam a dupla Peninha (o escritor Eduardo Bueno) e Augusto Nunes, trazidos diretamente de São Paulo para serem cabeças da Zero. Não pedi, mas o Peninha me indicou, daquele jeito espalhafatoso dele. Precisava de emprego e topei. Pronto, fiquei marcado e nenhuma editoria me passava nada. Saí de lá de uma maneira estranha."

Vagabundão e tomador de perventin, seu pai, trabalhava na Rádio Gaúcha e era uma espécie de capanga do inventor da RBS, Maurício Sirotsky. Jaca viraria afilhado do capo – igreja e família referendando. Não botava banca, mas estava imbricado na sub-história da imprensa local e nacional. Na *Folha de S. Paulo*, passou quatro meses como fantasma, na penumbra trabalhística, e pediram que trocasse de nome. Foi ovacionado e dispensado do *Jornal da Tarde*, no recorde de dois dias. Desses ambientes extraiu episódios folclóricos. Como quando espirrado do *Estadão* em 94.

A pequena suástica

"Um dia fiz um desenho no meio da madrugada. Risquei camisetas com símbolos e resolvi botar uma suástica por ali, bem pequena pra não pegar mal. O editor do Caderno 2 aprovou. Tô em casa e me telefonam, ele de novo: 'olha o que tu fez,

botou uma suástica, agora tem um monte de judeu ligando pra cá! Quero que tu escreva uma retratação!' Me retratar do quê? Eu fazia peraltices, escondia mensagens vez em quando, subliminares. Mas não tive intenção. Se achavam que devíamos explicação, que escrevessem. Não sei escrever."

No olho da rua, tranqüilo. Intercalava as fases de carteira assinada com as incertezas do esquema de frila, aproveitando para lançar suas histórias em quadrinhos nas revistas independentes do país. Generosidade underground que deu gás para inúmeros fanzines. Em lance de rara prosperidade financeira, abraçou três serviços, na *Gazeta Mercantil*, na Editora Plural e no escritório aberto com Fábio Zimbres. Em seguida, acabou com seu único "frila fixo", de 15 anos, na revista infantil *Ciência Hoje das Crianças*.

Reconhecimento e postura

"Tava satisfeito quando publiquei na revista Gráfica *em 85, do Paraná, super conceituada. Cruzei o editor Oswaldo Miran no bar do Instituto de Artes do Brasil, levei no bolso uns recortes meus, e ele publicou. Fiquei lisonjeado. Tentava ser engajado politicamente, ainda que me julgue meio burrão, sem estudo. Cartunista deveria ser politizado, eu não era. As ilustrações fluíam melhor."*

Atentamente alheio ao *boom* publicitário de Curitiba e aos panfletos políticos de Porto Alegre, Jaca só queria adentrar o campus da UFRGS, saborear as gurias do meio universitário e sacar a malandragem da faculdade. Lia *O Pasquim* e imaginava que ser militante era ser marxista. Tinha amigos como o comuna Fischer, cabeça política e cachaceira dos anos de guerrilha, e o estivador Miguel KGB, articulador de assaltos em nome da causa. Fez de carona colaborações para cartilhas feministas e sindicais, mas parava por aí.

Mas, bah...!

"Sou gaúcho sem gauchismo, do hospital Beneficência Portuguesa. Porto Alegre é uma cidade vazia, estatal. Vejo assim até porque minha família é toda de funcionários públicos. Acho bobagem esse ufanismo localista. Me acho um cara reacionário pra caralho. Não curto os charminhos da política, onde não cabe um pensamento mais desvairado. Sou reaça no sentido do rigor, vim de família alemã, rígida, onde todos são Krug. Menos eu, o único moreno."

Legítima ovelha negra da família, Jaca girou por todos os bairros da cidade. Ficou um bom tempo largado. Aos 12, 13 anos foi viver com a avó, grana apertada, bancava os anseios da adolescência com a venda de "baura, panka e meleca". Maconha, mequalon e mandrix. Era o jeito de descolar grana pro cigarro, tênis ou dar aquela chegadinha no clube. No Baile do Cascalho, desopilava. Via com sua lupa clínica a horda dos enlouquecidos, antecipando os êxtases atuais. A língua chapada era um código, virou moda e sotaque. Essa fala carregada e enjoativa dos gaúchos gralhas é fruto dessa geração pankeka. Drugs também é cultura.

Jaca, sempre um gentleman, me mostra, - depois de eu implorar muito - um pouco de sua produção recente. Folhas e mais folhas A2 preenchidas com aquela fúria e liberdade próprias de quem transita no caos, mas não desperdiça uma linha sequer. Humilhante, pra dizer o mínimo. Mostra seus cadernos. Muitos e completos até a última folha, os desenhos mais lindos e doentes que um ser humano (será o caso?) pode conceber. Estou arrasado. Pela décima vez na vida, resolvo parar de desenhar e enganar os incautos. **Allan Sieber**

Não gostei do primeiro desenho que eu vi do Jaca – umas silhuetas em preto-e-branco bem definidas e geométricas. Sou de traços mais orgânicos. Mas assim que eu bati o olho, falei: ###...! O nome foi fácil de gravar, e depois eu vi outras coisas dele, confirmando que o cara era um pouco demais pra esse mundo. Não sei se existem gênios, mas a coisa mais perto disso que eu já vi em atividade é o Jaca. Para o bem e para o mal. Para o bem de nós, pobres mortais que temos usufruir do que sai daquela cabeça, e para o mal dele mesmo, que tem que conviver com isso. **Fábio Zambres**

Tarja Preta & Verde

"O que me dá mais prazer não é ficar chapado; gosto de desenhar, e desenhar chapado é tão bom! Tu fica deslizando, foge do esquema, porque é mais anárquico. A cannabis*, de certa forma, apaziguou minha vida. Eu era meio violento. O problema é o vício, ficar prisioneiro, não consigo fumar amadoramente. Acho que os usuários que pagam impostos mereciam um pneumologista para ajudar na redução de danos."*

O Jaca é vegetariano. Filosofia alimentar capitaneada pela mulher, Taís. Mas eles são tão gente fina que permitem que assemos uma costela em sua churrasqueira. Fazem tudo juntos há 14 anos, inclusive algumas colagens. Se conheceram no consultório dentário – ela é dentista. O gaiato Jaca foi parar lá depois de uma encrenca desavisada, uma briga de casal. Amiga meio confidente + chopinho que não deu em nada + ex-maridão enfurecido.

Dentes pra que te quero

"O cara nem esperou, eu tava encostado na porta da garagem, ele me deu um soco à queima roupa. Era goleiro, forte. Afundou meus dentes, ficou tudo pendurado. Daí foi foda, eu era um guri belo, dentição direitinha. Putz, fiquei cheio de grampo, pivô, cheio! Aquilo abalou minha auto-estima, me achava feinho. Pensei: tenho que ser mais malandro. E isso diz do meu desenho, tudo meio falso. Até minha vida, cheia de mitos. Tem cara que pensa que fui a Nova York, Japão, mas eu nunca saí do Brasil. Tem a ver com esse negócio de se esconder."

É isso mesmo. O Jaca traz monstros de lugares onde nunca esteve. As referências simplesmente estão lá. Reminiscências díspares de quando foi chapeiro no Bom Retiro, ou estilista de moda em sonhos juvenis. Passou a afeminar o traço, os personagens, buscando um 'charme gay'. Dando vazão ao decorador e vitrinista que queria ser quando crescesse. Se valendo de aparências e simulacros, criou um contraponto ao estilo macho alfa dos desenhistas moderninhos metidos a rockstar.

Traço delicado

"'Abichornei' o desenho. Inspirado em alguns artistas gays que admiro, como Keith Haring e Leonilson. Clima anos 70, sem medo de assumir sua sexualidade. Eu poderia ser gay. Filho de pais desquitados, criado entre teatrinhos de fantoches, no meio da mulherada da família. Pelo meu traço, já chegaram a achar que eu era uma guria, a Jaca. Mas meu desenho não representa minha imagem."

O cara falsifica seu próprio trampo. Revisita outros feras, como Gary Panter e Mark Marek. É pré *toy-art*, fazia essa onda em 91 e já curtia os japas – mais ligado na estética que nos aspectos culturais. Sabe mesmo é da embalagem. Se explica na repetição espontânea: laboratórios do cientista maluco, que não rouba doce, mas rouba desenho de criança.

Nada se cria do nada

"Recorro aos olhinhos singelos, pegos mesmo. Mesclo um boneco sofisticado com guriazinha de pernas curtas e vestidinho. Gosto de desenhos de criança, não é frescura, acho bonito mesmo, melhor que muito adulto. Não é porque é de criancinha, sem ligação pedagógica. E vejo que tu pode copiar, chupar e ser honesto, fazer um plágio bagaceiro. Mesmo plagiando, se esquecer do plágio e redesenhar sem olhar, tu acaba transformando. Foco muito a mentira no meu desenho, pra parecer mais rico do que é, pra forjar um conhecimento que não tenho. Pode parecer complicado, mas é uma concepção minimalista, tá tudo simples ali: técnica, personagens, sem hachuras, sem excesso de traços. Faço uma bolinha e algo mais."

Sua primeira expo foi em 2004, no Museu do Trabalho, em solo gaúcho, sob curadoria de Hugo Gusmão, com direito a anti-vernissage *legalized*, só pra quem chegou na hora. Cita os artistas plásticos Cynthia Vasconcellos, Tereza Poester e Lia Mena Barreto, que lhe abriram os canais. Rezando a lógica, a segunda expo foi em Sampa, 2007, na Choque Cultural. Pintou lá mesmo, no

estranhamento. Não tinha sprays ou efeitos especiais, tinha o Jaca em cima de uma caixa.

Exposições

"Nessa época eu tinha uma vibe *de completar a exposição ao vivo. Tava sem grana pro aluguel, ao mesmo tempo pintou o trabalho na* Gazeta Mercantil *e a história da exposição. Chegava em casa, pintava um chapeuzinho, tomava um banho, ia pro jornal. Pensava, 'bah, a exposição!' Faltava uma semana, não tinha quase nada pronto, dei uma disfarçada, e propus de pintar lá mesmo. Na última semana que faltava eu pedi demissão do jornal, senão ia me queimar com o Baixo Ribeiro (dono da Galeria Choque Cultural)."*
Sabe que o colecionador é a alma do negócio, mas se desfaz facilmente do que produz e adquire. Livro, roupa, inclusive suas obras. Desprendimento total. Guarda só o que utiliza e ainda coloca à disposição. Seu modus operandi é asséptico, tem nóia por organização, deixa tudo devidamente guardado e limpo. Algo contraditório ao tom overdose com que compõe e sobrepõe intermináveis colagens, serigrafias finas, desenhos eletrônicos chocantes, todos igualmente insanos e bem recheados. O intrigante Jaca é o enigma. Seus dois cachorros esquizofrênicos ladram e avisam: ele recém-começou, se segurem.

Más influências e um boteco

"O Allan (Sieber) me reergueu pro mundo – tava passado, o pessoal do cartum orbitando o poder público, a prefeitura, chatice. Chegou o Allan, foi uma luz. Assim como o Schiavon e o MZK. O Fábio Zimbres é meu pai. Esses são meus mentores. Fora o Adão (Iturrusgaray), que me tirou o ranço do desenho sério, incentivando a linha bagaceira. Já o meu desenho não me representa. Pra mim o que vale é ir ali no boteco – não interessa se sou desenhista – contar uma piada, falar da mulher melancia, debochar da minha careca. Prefiro ser um artista medíocre a ser um publicitário de sucesso."

Saiba Mais

www.jacachoque.blogspot.com

Veja os depoimentos na íntegra em www.maissoma.com

www.flickr.com/alice-nel-paese

A **Cia de Foto**, parceira da **+Soma** desde sempre, foi responsável pela curadoria da Semana de Fotografia de São Paulo deste ano, que aconteceu no mês de agosto passado. Para agregar ainda mais idéias e discussões, a Cia decidiu criar um grupo no Flickr, convidando fotógrafos do mundo inteiro para que enviassem seus ensaios. Até o fechamento desta edição já haviam sido enviadas 2350 fotos, de aproximadamente 1850 membros.

A quantidade de material impressiona, e a qualidade dos trabalhos também. Resolvemos dar a nossa contribuição para o projeto, escolhendo um dos ensaios enviados para o grupo e publicando-o nesta edição.

A felizarda selecionada dentre tantas opções foi a jovem fotógrafa alemã **Alisa Resnik**. Seus retratos expressivos e cheios de personalidade mais parecem fotogramas extraídos de cenas de filmes cult do cinema europeu.

Não deixe de entrar na página do grupo e conferir também os outros trabalhos. www.flickr.com/groups/photoweek

Veja Mais
www.flickr.com/people/alice-nel-paese

APO FOUSEK na CONTRAMÃO!

Por Arthur Dantas e Tiago Moraes . Fotos Fabiano Lokinho e obras por Estúdio NOZ

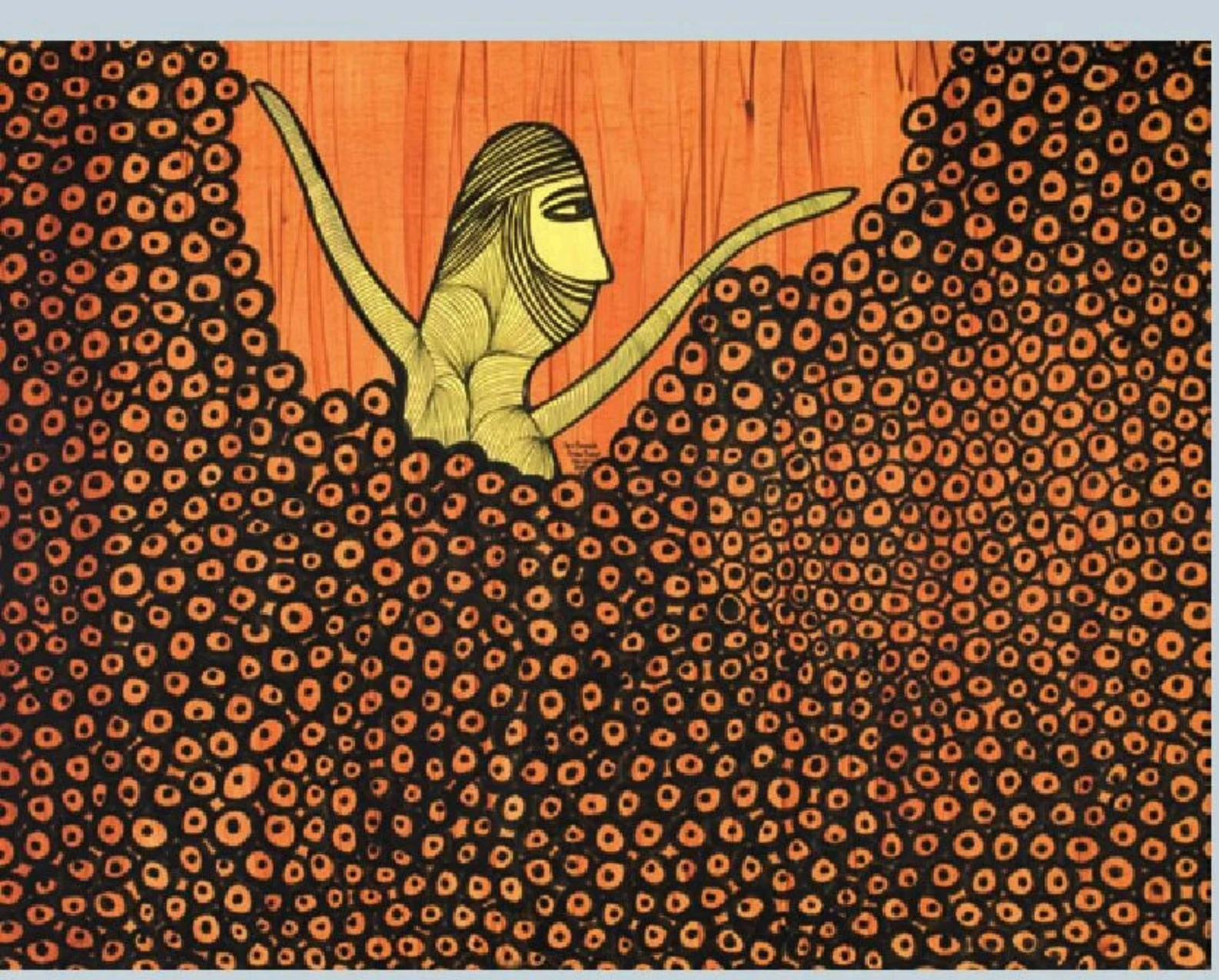
"Tem gente que chega e fala 'Ah, você é artista urbano'. Não, eu não sou um artista urbano! E aqui é uma coisa muito ligada ao grafitti. Teve uma época que eu ficava até puto com isso, porque se você não é grafiteiro, você não é artista, pelo menos no meio da arte urbana. E como eu tinha formação de designer, havia um certo preconceito. Os caras achavam que você era menos artista ainda, sabe? Eu procurei ficar meio à parte disso, não tenho uma coisa tão formatada sobre o que é arte urbana, como existe lá fora." E assim, Apoena (Apo) Fousek, 34 anos, começa uma série de quebras de expectativas. Para este artista paulistano, nada é o que parece ser, e seu gosto pelo desafio fez com que ele abandonasse os tons pastel que o caracterizavam e recuperasse uma perspectiva mais livre e colorida de seu trabalho.

Fale uma pouco da sua última exposição, Some Things.

Na verdade, essa exposição é uma espécie de resgate. Teve um período, de 1989 a 92, que era ligado à customização das capinhas de fitas cassete, uma coisa mais livre. Depois fui migrando pro design, que tinha aquele lance mais iconográfico, e meu desenho ficou mais sintético. Isso se acentuou na faculdade, ficando meio monocromático. O trabalho dessa exposição é ligado à infância, bem colorido. Eu estou me sentindo mais "eu", mesmo. Essa exposição é muito importante pra mim por causa disso.

Lembro de uma exposição tua na Rojo ArtSpace (espaço conjunto com a Livraria Pop, em São Paulo), em 2007, que era mais tom pastel etc.

Pois é, esse era o lado mais sintético. Eu considero este novo trabalho mais alegre, ele representa melhor meu momento atual.



E qual é esse momento?

É um momento de deixar um pouco de lado as coisas que me travavam na vida. O design foi uma coisa que me travou muito, porque eu era um cara muito rigoroso e tinha o Alexandre Wollner como ídolo. Era uma coisa meio utópica - eu queria propor este tipo de design do Wollner para o mercado de skate (Apoena teve uma marca de skate chamada Fox Force Five, além de ter criado para diversas outras marcas). Não tinha nada a ver, e eu sofri muito por causa disso. O skate é tão livre, e mesmo assim eu não consegui propor aquilo. Sofri muito.

Você começou a desenhar quando?

Eu sempre tive muito incentivo dos meus pais, por isso desenho desde os 3 anos. Logo após meus pais se separarem, comecei a desenhar muito mais. Também tenho duas tias artistas que me incentivaram bastante, sempre teve essa coisa de a família estar em cima. Aí fui estudar em um colégio em que as matérias obrigatórias eram artes plásticas, música e teatro. O colégio era na Vila Madalena, se chamava Novo Horizonte. Muitas pessoas que estudaram lá hoje em dia são designers, arquitetos etc. Era uma escola "alternativa": tinha horta, argila... Hoje em dia não tem mais muita coisa assim. Depois estudei numa escola técnica federal, onde fiz [o curso de] Edificações, e foi uma tortura para mim. Considero o colégio Novo Horizonte primordial, foi minha educação para a vida inteira.

Você fez faculdade de design gráfico, não?

Fiz parte da primeira turma de design gráfico do Senac, em 2000. Na verdade, foi a primeira faculdade com curso superior de design gráfico e foi bem bacana, meio que um laboratório.

Agora você está vivendo no litoral. Faz quanto tempo que você se mudou?

Faz seis meses e estou muito feliz. Continuo fazendo meus trabalhos de ilustração, mas estou centrado 100% na arte. Nestes seis meses trabalhei basicamente com o material para a exposição.

Se você estivesse morando em São Paulo, conseguiria produzir tanto quanto agora?

Sim, mas não sei se teria essa coisa tão solta. Quando ficaram sabendo que eu estava indo pra lá, pensaram "nossa, agora ele vai explodir na produção". Mas também tem um lance em São Paulo, uma tensão, não sei realmente o que é, que me influencia também. Eu vinha pra São Paulo a cada 15 dias, absorvia tudo isso, ia pra praia e produzia mais. A natureza te deixa equilibrado, mas olhar árvores e passarinhos todos os dias não me traz muitas idéias.

E quais são esses elementos da cidade que te renovam?

O que me interessa mesmo são as pessoas na rua, gente que dá duro para sobreviver - vejo várias soluções para alguns problemas observando essas pessoas. O mundo mais certinho, todo bacana e tal, não me interessa, não. Acho que isso também vem muito do skate, porque você fica sempre na rua e absorve. É engraçado, venho conversando isso com algumas pessoas, comparando o surf com o skate. Porque eu acho que o pessoal do skate é muito mais criativo, devido a toda a energia da rua. Você acaba produzindo um pouco mais, e eu tô tentando achar o meio termo disso tudo.

SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS

SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS
SOME THINGS

As fitinhas que você fazia eram um embrião desse teu lado designer. Como era esse trabalho? Você tentava reproduzir as capas?
Tinha uma época em que eu tentava reproduzir, mas nunca consegui copiar, tenho um problema enorme em copiar – nem minha assinatura eu consigo reproduzir da mesma maneira. Então eu criava em cima, ouvia o som, e era uma época muito rica. Andava muito com o [skatista profissional] Geninho. Sempre quando saía algum som novo a gente pirava, e era meio paranóico, porque se tinha alguém escutando outro som, a gente fazia a pessoa parar de escutar e escutar o que a gente queria. Então a gente era bitolado em música, e até hoje, eu acordo cedinho e já ponho um som. Escutava muito Jane's Addiction, Pixies, Dinosaur Jr., Firehose, Flaming Lips – bandas que ouço até hoje.

Qual foi a influência de artistas que vieram do skate, como Ed Templeton e Mark Gonzales? Isso mexeu com você também?
Sim. O Templeton marcou muito quando começou a expor, em 1994. Aqui no Brasil isso era impossível, não havia espaço nenhum para expor, nada. Me chamava muito a atenção a maneira livre com que ele lidava com as coisas. Ele tinha sua marca (Toy Machine) e expunha tudo aquilo livremente. Na verdade, o Mark Gonzalez não me influenciou muito, ao contrário do Natas Kaupas, que eu curto muito. Tem uma coisa de influência e de referência também. Gosto do estilo de vida de alguns caras, mas não curto tanto o trabalho deles.

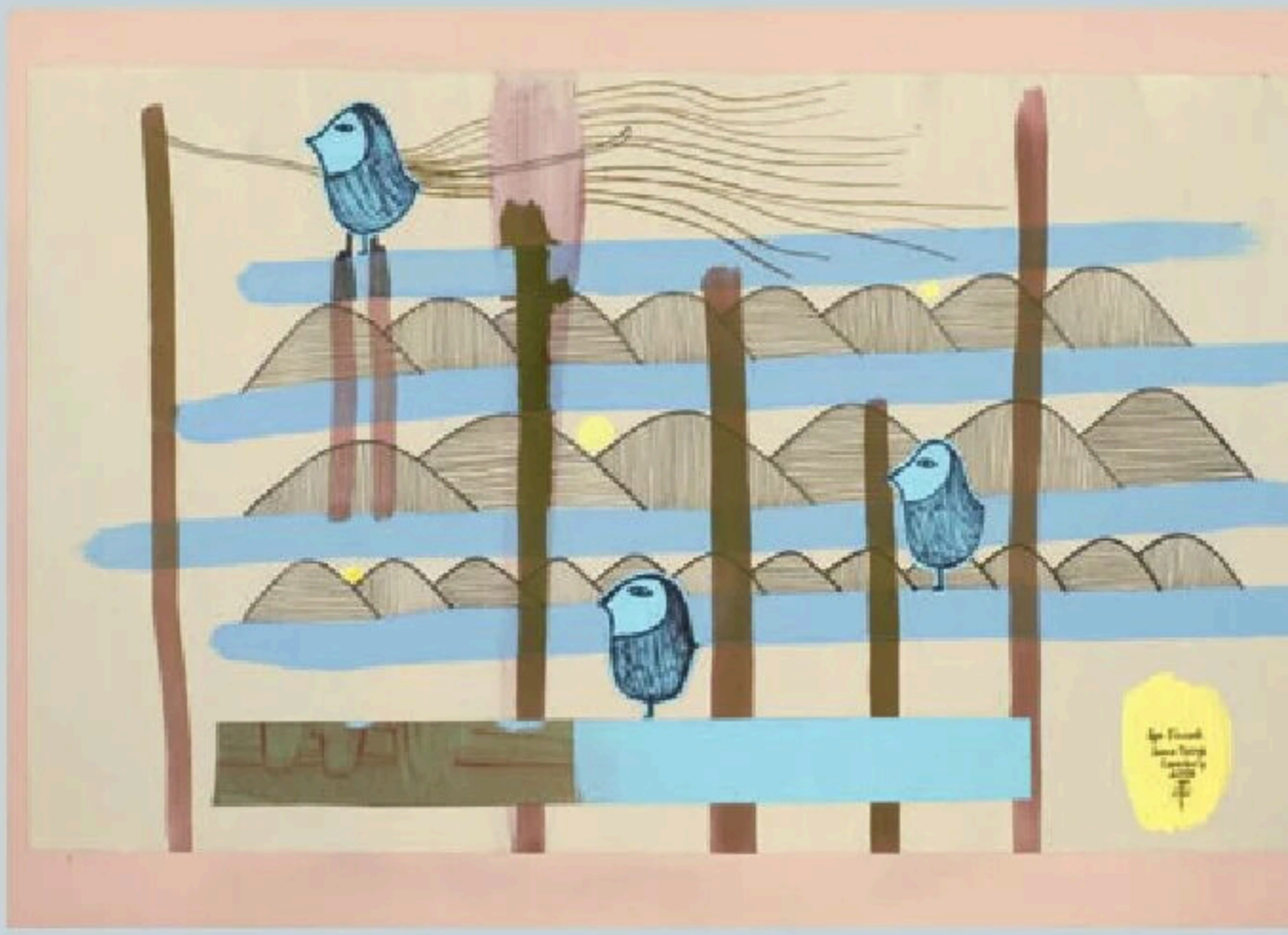
Como quem, por exemplo?
Tem o Antonio Dias. Vi um artigo sobre ele outro dia e me identifiquei total com o cara, e o trabalho dele não me cativa tanto. O Alex Fleming também – curto o pessoal mais contemporâneo, que tem a ver com o mundo do skate e do surf. Também tem a Claire Rojas. O Templeton hoje já não me cativa tanto, mas, na época áurea da Toy Machine, ele me chamou muito a atenção.

Você se considera parte de algum movimento de arte?
Não. É uma coisa até engraçada: lembro que na época do skate eu quis fazer parte daquele movimento e não conseguia. Uma época tentei fazer parte do surf, e aí vi que não era pra fazer parte de nenhum movimento. Era melhor ser um cara neutro, poder absorver um pouco de tudo.

No momento o que você é: skatista, surfista ou artista?
(Risos.) Não sei cara, não sou nada, prefiro não me rotular. Curto muito skate, mas já faz um tempo que eu não ando. Voltei a surfar também, fiquei parado de 90 a 2004 por causa do skate, agora deixei de andar de skate e voltei a surfar. O pessoal acha meio estranho, tipo "pô, você é surfista e não tem tatuagem?"

O que de mais importante você trouxe do skate e do design gráfico para a sua arte?
Do design, o que eu mais aproveito hoje em dia é a capacidade de não cair na mesmice. Você tá sempre se reformulando e tem o olhar mais crítico e apurado sobre as coisas, sabe? Acho que pode ser da pessoa isso, mas eu acho que o design me ajudou muito. Mesmo nesta exposição, que é uma coisa mais livre, existe um projeto por trás, um contexto. Isso é uma coisa que o design me oferece. Eu tava falando com um galerista, e ele falou "pô, você tem um lance que grafiteiro não tem pra desenhar uma exposição". Do skate, eu acho que é essa riqueza toda, de um universo que eu vivenciei por mais de 20 anos.

Uma característica bem forte no trabalho de Apo Fousek são os desenhos e a palheta de cores, que remetem diretamente ao trabalho gráfico de artistas ligados à música independente dos anos 1990. O imaginário de seus quadros é permeado por questões prosaicas, nos convidando a conhecer um pouco de sua rotina, de seu estilo de vida. Apoena preencheu uma dúzia de garrafas de vidro com elementos retirados diretamente de sua vida diária na praia, remetendo tanto à sua rotina mais trivial como a lembranças ternas. E os rótulos apresentavam nome de músicas de grupos que escuta diariamente. "Tem uma garrafa, chamada Paper Dreams, nome de música do [grupo de hardcore paulista] Sight For Sore Eyes, que foi preenchida com todo o papel picado nesses últimos seis meses. Uma outra é preenchida com casca de laranja seca, e se chama Emily, que é o nome da minha avó, porque ela fazia chocolate quente com laranja e isso marcou minha infância." Perguntamos sobre umas barras verticais recorrentes em alguns quadros. "Sei lá, talvez seja uma vontade de romper com algumas coisas." A qualidade de sua obra reside justamente nessa leveza e ternura que caracterizam o próprio Apoena, com sua fala mansa, modos educados e uma timidez flagrante.



Saiba Mais
www.apofousek.zip.net

BRÖTZMANN

FREE JAZZ DE PETER

O ESTILO DE VIDA

Por Arthur Dantas . Tradução luciano Valério

"Eu não tenho muitas expectativas, na verdade; só espero que as pessoas venham. Nós vamos fazer o que sempre temos feito: dar o melhor de nós mesmos e ver como o público reage, se irão gostar ou não."

Essa declaração de Peter Brötzmann, um dos maiores músicos de free jazz em atividade no planeta, sobre sua apresentação no SESC Vila Mariana, em São Paulo, reflete muito de sua postura em relação à música: toca apenas o que lhe interessa no momento, sem preocupação com convenções ou regras específicas. Brötzmann, que tem mais de cem discos gravados em 40 anos de carreira, veio acompanhado dos músicos Marino Pliakas (baixo) e Michael Wertmüller (bateria), divulgando o violentíssimo álbum *Full Blast*.

A apresentação do trio em São Paulo é inspiradora, para dizer o mínimo. Não à toa, o grupo foi eleito a melhor performance ao vivo de 2007 pelo site All About Jazz. De imediato, o público fica atônito, pasmado. A eletricidade corre pelo teatro quase lotado. Almas de pouca fé se levantam e saem, evitando o terror sônico vindo do palco. Como se pudéssemos nos safar da violência que nos espera do lado de fora do teatro. Toda alma é fustigada pela improvisação virulenta de Brotzmann. Seja no saxofone, no clarinete ou no tarogato, o ataque é o mesmo. O que quer aquele senhor grisalho no palco, empunhando seus instrumentos como se pudesse responder ao mundo por meio de notas musicais acintosas e frenéticas? O baixo, tão distorcido que ressoa permanentemente pelo espaço, prepara o terreno onde se instala o caos. A bateria complementa - se é que isso seja possível - o frenesi do experiente músico alemão.

Dave Lombardo, baterista do Slayer, notório pelo peso e massa sonora? Diria que soa ingênuo diante deste instrumentista. Passa-se quase uma hora. Cessa o som. Meu mundo ruiu e repentinamente volta ao lugar. As pessoas se levantam, aplaudem muito e vão embora. Essa movimentação me parece um tanto vulgar após uma sessão de depuração via free jazz violento e expressionista. Fico com a impressão que o artista se nutre intensamente da tensão moderna e nos devolve esse sentimento em forma de cascatas sonoras, alcançando um tipo de catarse muito peculiar.

O músico alemão se iniciou como clarinetista, mas logo passou para o saxofone - instrumento que o consagrou mundialmente -, influenciado por músicos europeus vanguardistas como John Cage e Karlheinz Stockhausen. Inicialmente, ligou-se ao baixista Peter Kowald, e logo tocaria com o lendário jazzista estadunidense Don Cherry. Músicos fundamentais da música contemporânea, como Han Bennink, Evan Parker e Keiji Haino, são alguns de seus parceiros mais constantes. Ainda que seu trabalho encontre variações e fases bem definidas e distintas, há uma característica muito evidente em sua estética: a improvisação intensa e animada, marcada por barulhentos e intempestivos solos de saxofone, expandindo o free jazz mais radical dos Estados Unidos, de artistas como Albert Ayler, Ornette Coleman e John Coltrane (em sua última fase). Esse estilo próprio acabou por caracterizar toda uma cena européia iniciada nos anos 1960, que deitou raízes e se espalhou pelo mundo. Para leigos, uma comparação igualmente leiga: pense nas paredes de ruído e vanguardismo de um Sonic Youth de seus melhores trabalhos e na violência sonora de um Napalm Death. Pois é, Peter Brötzmann e seus companheiros europeus fazem com que esses grupos soem como música de elevador.

Michael Wertmüller, Peter Brötzmann e Marino Pliakas

Antes de falar mais sobre sua carreira musical, vale abrir parênteses para falar de sua aptidão artística inicial: as artes plásticas. Assim como outro artistas do free jazz e da música livre, Peter Brötzmann começou na pintura. Só que se encontrava no meio de um furacão artístico chamado Fluxus, uma das vanguardas artísticas mais importantes da segunda metade do século XX. No início dos anos 1960, Brötzmann era um jovem assistente em uma oficina de artes plásticas em Wuppertal, na Alemanha. Acontece que, inicialmente, a Alemanha foi um dos pólos divulgadores do Fluxus – que, mais que um movimento, era "um modo de fazer coisas (...), uma forma de viver e morrer", nas palavras de Dick Higgins, um dos entusiastas dessa vanguarda. Óbvio que isso atraiu o saxofonista, que encara a arte como uma atitude diante do mundo.

"Eu tive grande prazer e honra em trabalhar com Nam June Paik (um dos principais artistas Fluxus). Ele fazia sua primeira grande exposição na Europa Oriental, justamente na cidade em que eu vivia. Eu trabalhava em uma grande galeria de vanguarda que havia por lá, então estava sempre preparando as coisas, consertando pianos – todas as noites o público tocava, quebrando as teclas do piano, e no dia seguinte eu tinha que consertá-los. Assim, conheci integrantes do Fluxus, como George Maciunas, que vivia na Alemanha naquela época. Era um bom lugar para a vanguarda. Acabei vendo várias performances, shows e exibições. Para além da música, foi uma outra maneira de abrir os ouvidos e o os olhos a outras coisas. Depois, acabei conhecendo Don Cherry, Steve Lacy e Nam June Paik." Pergunto se ele ainda tem interesse por pintura, já que quase todas as artes de seus álbuns são de sua lavra. "Sim, e naquela época a pintura era algo que eu realmente gostava de fazer – a música vinha em segundo plano. No meio da década de sessenta a coisa mudou de figura, e aí a pintura acabou ficando em segundo plano. Hoje eu tento equilibrar as coisas, colocar 50% de cada lado."

Mas houve ainda outro fator para que Brötzmann escolhesse a música: a paixão por se relacionar com artistas inventivos e igualmente livres, como Carla Bley, Steve Lacy e Cecil Taylor – que no ano passado fez uma comentada apresentação no Tim Festival no Brasil.

"E eu também gosto muito de estar na estrada, gosto de trabalhar com essas pessoas. Acho que tocar o que chamam de jazz tem um lado social, que é criar algo junto a outras pessoas. O grupo que montei em Chicago é como um evento social, em que eu divido boa parte da minha vida com meus parceiros para criar algo com eles. É uma sensação incrível. É legal trabalhar em estúdio, mas estar com outras pessoas e viajar é realmente o mais importante para mim." Esse trabalho de Brötzmann em Chicago, que chega a reunir de 5 a 12 músicos, é uma das iniciativas mais celebradas dentro da cena de free jazz mundial dos últimos tempos. Ele conta como tudo aconteceu: "Um dia eu estava conversando com o John Corbett (um dos maiores entusiastas e críticos da música contemporânea mais radical e vanguardista) em Chicago, e começamos a falar sobre os outros músicos que também estavam na cidade. Chamamos essas pessoas e logo começamos a fazer vários shows pela a cidade. Já se passou uma década desde então, e espero que isso dure até quando nós agüentarmos (risos)".

Da mesma forma que outros artistas vanguardistas, como os estadunidenses John Zorn e Ken Vandermark, o holandês Han Bennink e o sueco Mats Gustafsson, o músico alemão criou vínculos com certa fatia da música pop – se é que podemos usar a palavra "pop" para tratar de grupos como Sonic Youth, The Ex ou Napalm Death. Seu filho Caspar Brötzmann, inclusive, foi um dos pioneiros na mistura entre thrash metal e free jazz. "Eu não tenho muito que falar a respeito... Veja só este trio (se referindo aos músicos que o acompanharam no Brasil). Cada um de nós é de uma geração diferente, e temos passados diferentes. Claro que bandas como o [grupo holandês] The Ex são legais. Quando comecei a perder um certo sentido de busca em minha música, passei a tocar com vários músicos de rock, e nunca houve uma discussão sobre o que fazer, era somente chegar e tocar. Estou aberto a tocar qualquer coisa, mas também estou aberto a dizer 'dane-se, eu não gostei disso'." O músico explica também o que acredita ser o jazz: "O jazz não são os 12 compassos do blues, não são os 32 compassos do jazz tradicional: jazz é um sentimento bem forte e uma maneira de viver. E está ligado às ruas. Você viaja e aprende coisas, porque passa por diferentes estados mentais a cada noite, tem platéias diferentes. Os jovens não aprendem mais isso hoje em dia. A música nunca vai morrer, porque é centrada no ser humano, e é a maior forma de comunicação internacional. Você não precisa saber idiomas – só precisa tocar."

Pelo menos dois álbuns gravados por Peter Brötzmann são tidos como marcos na música moderna: *Machine Gun*, de 1968, e *Nipples*, do ano seguinte, ambos ao lado do plural e dinâmico baterista Han Bennink.

Nenhum desses dois trabalhos vendeu milhares de cópias, mas, como diria o poeta Fernando Pessoa, "primeiro estranha-se... depois entranha-se": *Nipples*, em sua primeira reedição em CD nos Estados Unidos, vendeu 3 mil cópias em poucas semanas. *Machine Gun* tem exatos 40 anos, assim como um acontecimento político-cultural que marcaria nossa época: as revoltas estudantis parisienses em 1968, que inspiraram outros movimentos similares ao redor do planeta. Muito se comenta sobre como a estética improvisada e livre deste disco antecipava esteticamente os idéias de igualdade, autonomia e livre associação dos jovens de Maio. Um crítico português acredita que esse álbum "é um dos mais potentes manifestos [sobre o Maio de 68] que ainda hoje se podem escutar sob a forma de disco. Uma efetiva declaração de guerrilha urbana". Reduzir a música de Brötzmann e de outros jazzistas europeus de então à esfera política parece banal, mas as conexões são evidentes – quando não explícitas, como no álbum *Machine Gun* – e deitaram raízes profundas, que se estendem até os dias de hoje. Pergunto sobre a política em 68, a música improvisada e a política atual: "[Maio de 68] é uma grande história, precisaríamos de muitas noites para falar a respeito. Claro que na Europa e na América foi uma época difícil, e especialmente nós, alemães, tínhamos uma idéia forte de como seria uma sociedade, de como a vida deveria ser, bem diferente de como o governo da época achava que deveria ser. É uma coisa que aprendi depois de ver as fotos de Auschwitz e os filmes sobre os campos de concentração. Vi filmes a respeito na escola, com 14 ou 15 anos, e foi aí que tive a certeza de que aquilo não poderia se repetir. *Existia um sentimento meio ingênuo na década de 60, achávamos que poderíamos mudar o mundo para melhor. Era uma idéia muito fútil, e aprendi rapidamente que esse tipo de pensamento não estava certo.* Hoje em dia se vê a mesma coisa acontecendo no Iraque, na África etc. E ainda não é uma boa hora para se sentar em uma cadeira confortável e relaxar ouvindo boa música. O mundo se afunda em guerras, e isso é algo sobre o qual não podemos fazer muito. Mas ao menos podemos ser bem livres, tirar algo dessa situação e dizer algo em nossa música. Eu ainda acredito que não é hora de desistir e sentar diante disso tudo, achando que está tudo bem, quando na verdade nada está bem." ◂

▸▸ Saiba Mais
www.shef.ac.uk/misc/rec/ps/efi/mbrotzm.html

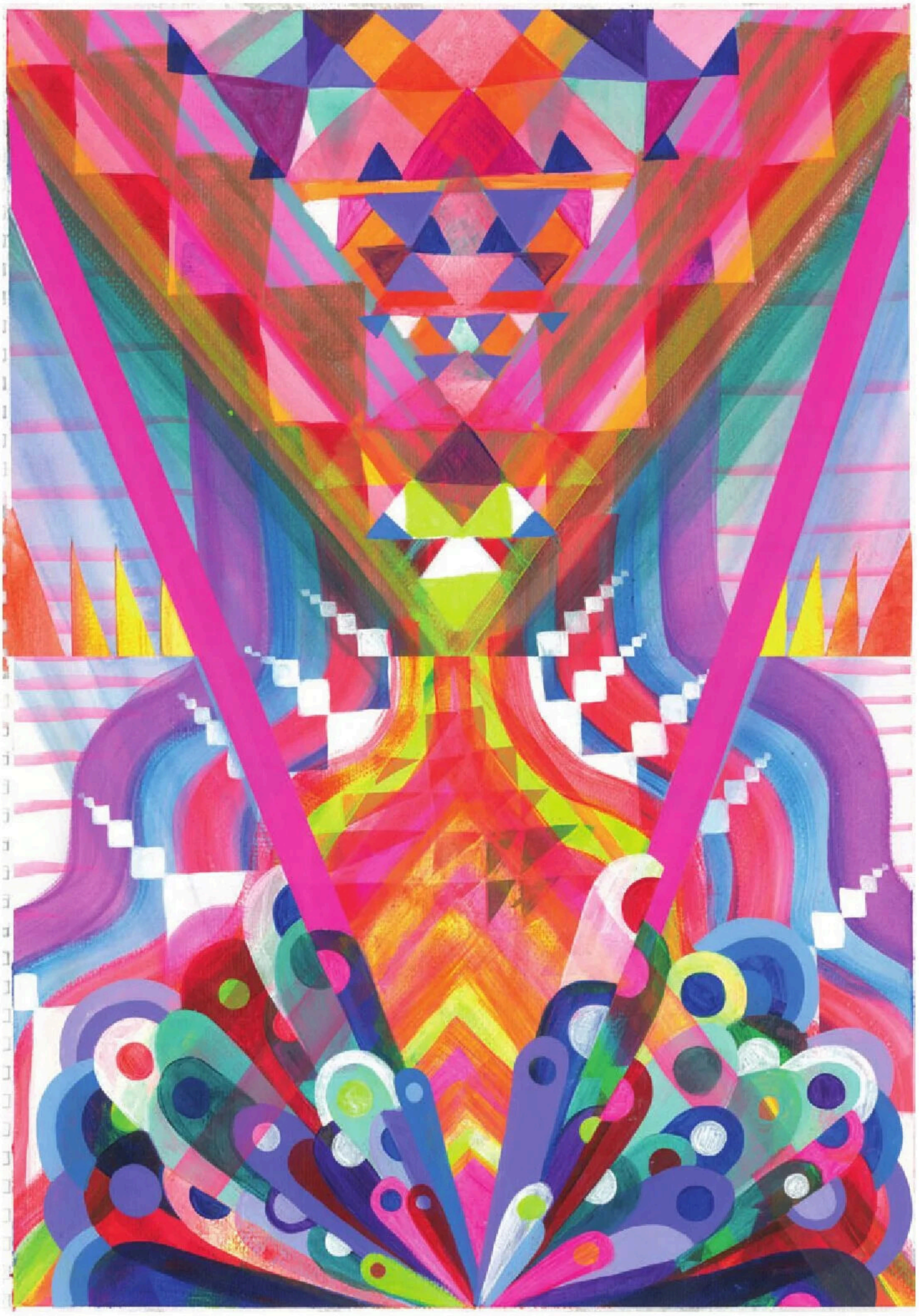
MAYA HAYUK

O amor de

Por Tiago Moraes
Imagens cedidas pela artista

Filha de imigrantes ucranianos, **Maya Hayuk** cresceu em um subúrbio da cidade de Baltimore, nos Estados Unidos. Ao contrário de outros imigrantes, que fizeram questão de deixar o turbulento passado pós-guerra para trás, a família Hayuk fez questão de preservar suas raízes. "Ucraniano foi sempre a minha primeira língua em casa, e minha avó fez questão de me ensinar todas as tradições da Ucrânia, como técnicas de bordados, *Pysanky* (pintura em ovos), música e poemas. Eu também freqüentava acampamentos de verão organizados pela comunidade ucraniana, por isso minha vida americana sempre foi algo secundário, o que sem dúvida teve muito impacto na minha arte."

Na adolescência, já uma desenhista compulsiva, deu início à sua obsessão pela música e começou a freqüentar shows da cena punk, que ganhava força a cada dia, além de clubes gays, que segundo ela "eram as únicas alternativas existentes ao status quo". Naquela época não existia uma cena de arte alternativa como existe agora, com apelo jovem, então tudo girava em torno da música. Foi também nessa época que ela descobriu na fotografia uma forma de se envolver mais com a cena e dar a sua contribuição, sem precisar necessariamente estar em cima de um palco. "Nesses anos todos eu tirei toneladas de fotos e contribuí com diversas revistas, selos e bandas independentes (...) Além disso, a fotografia sempre foi um bom motivo para freqüentar



os shows, e eu não precisava me preocupar se algum amigo iria me acompanhar ou não. E, principalmente, com uma câmera na mão eu conseguia sempre assistir aos shows nos melhores lugares", complementa a artista.

Apesar de declarar que já se divertiu bastante com alguns de seus projetos musicais, como The Hellcats from Outer Space, Open Arms, Summer Camp Number One e I Love You, Maya confessa que tem mesmo talento para as artes visuais. "Eu sempre fui péssima tocando instrumentos, mas não estava nem aí, me divertia mesmo assim! Ainda hoje, brinco de fazer minhas gravações caseiras, covers acapella de [nomes como] Chicago e Bob Seeger." Quando está trabalhando, Hayuk está sempre ouvindo música, e destaca nomes como Raveonettes, The Old Haunts, The Go, Japanther, Akron/Family, Destroyer, Roxy Music e Duran Duran como seus favoritos no momento.

Ainda falando de música, Maya já emprestou sua arte para nomes como RJD2, Devendra Banhart, Oakley Hall, Jackie Oh Motherfucker, The Cinematic Orchestra e Prefuse 73, entre outros. Pergunto se desenhar capas de disco e pôsteres de bandas é a realização de um sonho antigo e ela responde, enfática: "Meu Deus, sem dúvida alguma! Até hoje eu não consigo pensar em algo que seja mais gratificante e honroso, você consegue?"

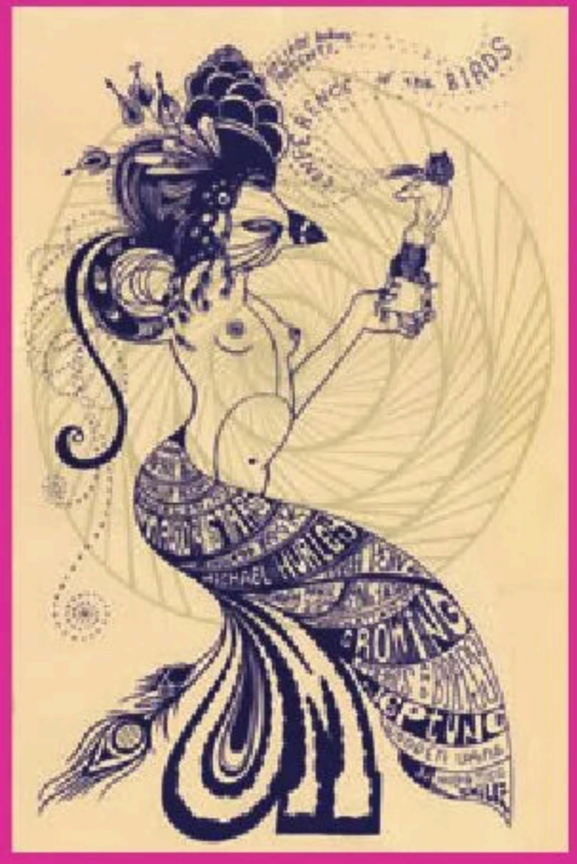
"Eu nunca entendi essas pessoas que não ouvem música. O meu mundo é a música, muito mais do que as artes plásticas."

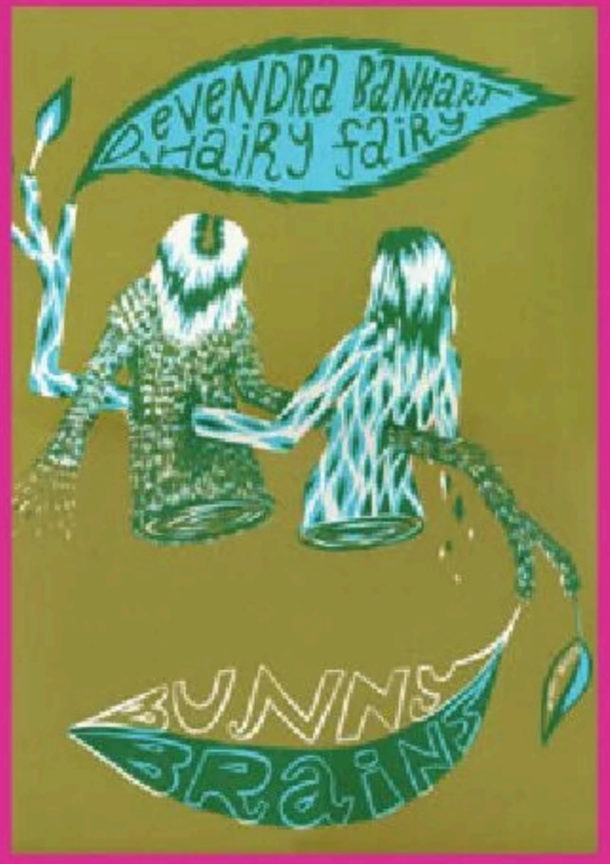
****

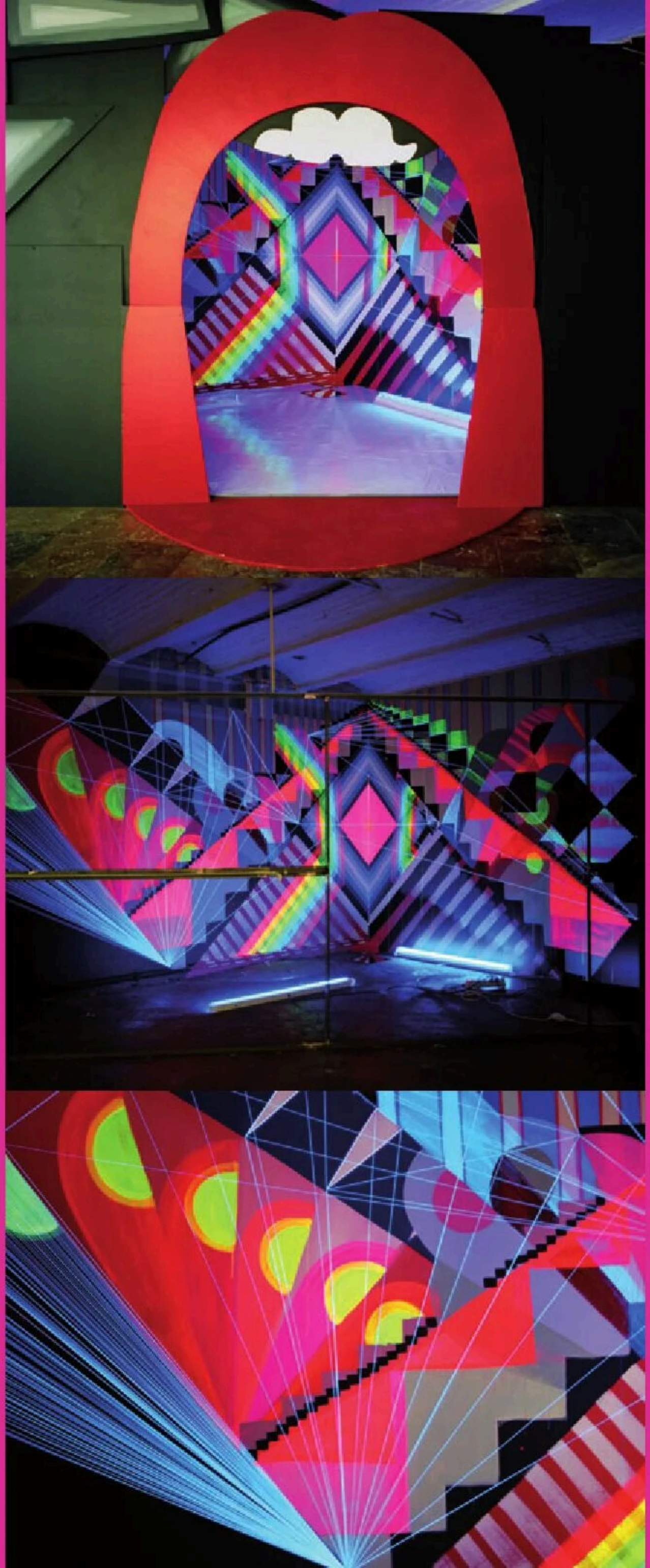
"As capas de disco que tinham uma foto da banda sempre me atraiam muito menos. Quem liga se você é gostoso ou não?"

Ainda criança, influenciada pelo irmão mais velho, ouvia discos de rock progressivo e viajava nas capas de disco. "Lembro de colocar um vinil no toca-discos e ficar alí, olhando para a arte da capa e viajando naquele universo de fantasia (...) O [artista gráfico norte-americano, famoso por criar capas de disco de bandas de rock progressivo como Yes e Asia] Roger Dean foi sem dúvida uma grande inspiração para mim.

A relação da arte com a música para ela sempre foi tão forte que existe de fato essa interdependência e relação declaradas. "De alguma forma, me imagino criando partituras musicais visuais com minha arte, diferente das tradicionais, com linhas, compassos e notas. A música se infiltra em minhas pinturas e espero um dia encontrar músicos dispostos a 'tocar' as minhas composições."







"Acredito que a vida, o amor, Deus e o universo, são ações, e não algo estático, imóvel. Para mim a razão da nosso existência é simplesmente existir."

Pergunto sobre o seu método de trabalho, e ela diz que considera muito mais divertido e desafiador lidar com a improvisação. Seu maior prazer está justamente em não ter a mínima idéia de qual será o resultado final. "Muitos dos rascunhos que eu fiz acabaram não virando nada, porque sinto que eles já estão prontos. Para mim é uma doideira não saber o que vai acontecer!", diz Maya. Ao ser questionada sobre qual seu meio favorito para a arte – se são as paredes, as telas ou os filmes, se são as ruas ou as galerias –, a resposta vem com uma só palavra, de quatro letras: **"amor"**.

Suas fortes crenças, intrínsecas ao seu trabalho, ganham cada vez mais força com o passar dos anos. "Eu acredito que todos nós somos parte de um organismo enorme e estamos todos conectados. Tudo está conectado e inter-relacionado. Para mim, a palavra 'Deus' é uma tentativa de descrever a palavra 'Amor', e é essa a energia que abastece todo o universo", filosofa a artista.

A arte de Maya é intensa e nos presenteia com sua manipulação precisa de cores exuberantes e traços marcantes, ora extremamente geométricos, ora mais soltos e orgânicos, mas sempre transpirando amor e vibrações positivas. Se em alguns momentos sua arte nos transporta diretamente para o universo hippie da psicodelia setentista, em outros nos arremessa para a sua versão, sempre otimista, de um futuro próximo, muito mais alegre e colorido do que o universo acinzentado em que vivemos hoje nas grandes metrópoles. Seus murais espalhados pelas ruas, sempre em escalas enormes, são verdadeiros presentes à comunidade, revitalizando áreas decadentes e dando aos locais a esperança de um mundo melhor.

Saiba Mais

www.mayahayuk.com

Conheça mais seu trabalho e leia a entrevista na íntegra na nossa galeria em www.maissoma.com

"Eu não sonho em ter um carro, uma casa ou coisas supérfluas. Tudo que eu preciso é um dinheirinho para pagar o aluguel e comprar comida, que está tudo bem. Para mim a coisa mais valiosa é ter tempo e espaço para pintar e poder viajar. O resto é lixo!"

Que Venha a Nona Arte!

Viver de histórias em quadrinhos, no Brasil, é tarefa para poucos. Exceção feita a um Ziraldo ou um Maurício de Souza, o que temos é uma dúzia de gatos pingados lutando por um lugar ao sol – ao contrário do Japão, onde os mangakás (artistas de quadrinhos) são verdadeiras celebridades, da França ou Bélgica, onde quadrinhos concorrem de igual para igual nas livrarias com os demais livros, ou dos Estados Unidos, onde os *comics* ainda são um mercado rentável e provedor de talentos para outras áreas (cinema e TV, por exemplo). No Brasil, o buraco é bem mais embaixo. **Mas os tempos estão mudando.**

O volume de álbuns em quadrinhos para livrarias e de títulos voltados ao público adulto cresceu assustadoramente nos últimos anos. Grandes editoras, como Ediouro e Companhia das Letras, estão entrando no mercado. A qualidade também salta aos olhos. Toda uma nova geração, influenciada por cultura pop, cultura urbana e artes gráficas, vem passando dos fanzines e webzines para as livrarias.

Em virtude desse período fértil para as HQs no Brasil, convidamos nove jovens artistas de estilos distintos a darem sua versão sobre o que seria a **"Vida do Artista"**. Esta é a nossa forma de dar espaço a essa geração fantástica que surge na nona arte brasileira.

QUE VENHA A NONA ARTE! CONTA COM O APOIO DA NIKE, QUE, ASSIM COMO A +SOMA, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO A CORRER ATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.

RAFAEL SILVEIRA . www.myspace.com/rafaelsilveira

RAFAEL COUTINHO . www.raffa-bingo.blogspot.com

MARCELO D'SALETE . www.dsalete.art.br

esboço

marcelo d'salete 2008

não parece comigo.

precisa de mais detalhes aqui.

isso nunca aconteceu antes...

FIDO NESTI . www.fidonesti.com.br

UM DIA na gloriosa Vida de um CARTUNISTA

POR FIDO NESTI© 2008

8:15... HOJE ACORDEI INSPIRADO! VAMOS LOGO PRA PRANCHETA E TERMINAR AQUELA VELHA HISTÓRIA EM QUADRINHOS!

8:20... O CARTEIRO.

DING DONG

CRETINO...

CONTA DE GÁS

MUITAS CONTAS PRA PAGAR... É MELHOR ME CONCENTRAR NA ILUSTRAÇÃO PARA O ANÚNCIO DE SABONETE... ESTES PAGAM BEM...

OS QUADRINHOS VOLTAM PARA A GAVETA

10:42... DORES NAS COSTAS... DEIXA EU ENVIAR ESTES ESBOÇOS PARA OS ENGOMADINHOS DO SABONETE...

CRUMB

PÉROLAS AOS PORCOS...

11:31... REPROVARAM OS ESBOÇOS... CLARO! QUEREM UM TRAÇO MAIS... COMERCIAL.

AQUELES IDIOTAS!

13:06... DORES NOS DEDOS E ARTICULAÇÕES EM GERAL. PAUSA PARA O ALMOÇO...

PIZZA ADORMECIDA

14:10... FALTA DE INSPIRAÇÃO (OU SERIA FALTA DE SACO?)... BLOQUEIO MENTAL.

CORAGEM, HOMEM...

16:47... O TELEFONE TOCA. O POVO DO SABONETE QUER A ARTE-FINAL PARA HOJE, JÁ QUE O BIG BOSS CHEGARÁ DE FÉRIAS AMANHÃ. ESTAVA EM SAINT-TROPEZ.

ISSO, FICA NA FRANÇA...

CONSULTA NO GOOGLE

18:09... A MAIORIA DOS SERES HUMANOS ESTÁ RELAXANDO COM UM COPO DE CERVEJA... NOS CHAMADOS "HAPPY-HOURS". E EU AQUI... BASTARDOS...

PELO MENOS NÃO PRECISO TRABALHAR DE GRAVATA...

LUXOR

20:54... DORES NOS OLHOS... O NANQUIM ACABOU... O SABONETE PARECE ESCORREGAR POR ENTRE OS DEDOS...

desalmados...

24:22... A SITUAÇÃO FOGE DO CONTROLE... O MONSTRO SAI DE CENA.

A QUEM ESTOU ENGANANDO?...

FIM

JOÃO PINHEIRO . www.ossubterraneos.blogspot.com

LUCAS LOURENÇO . www.lucaslourenco.blogspot.com

TUDO PELA ARTE

Lucas Lourenço 08

6h

TRRRIIIIIIIM

Z

Z

8h

BOM DI...

TOMA!

TUM!

15h

A ÚLTIM...

TOMA!

@#&%

MUITO, MAS MUITO TEMPO DEPOIS...

Z

21h

ATÉ QUE ENFIM...

...LAR DOCE LAR...

...HORA DE TRABALHAR!

FIM

AS PESSOAS SEMPRE ME PERGUNTAM: "É LEGAL FAZER QUADRINHOS?"

EU DIGO QUE SIM! É MUITO FODA!!!

E AGORA VOCÊS VÃO SABER POR QUÊ, POIS EU VOU CONTAR COMO É...

A VIDA DE UM QUADRINISTA

UM RELATO ESCRITO E DESENHADO POR FÁBIO LYRA

FÁBIO LYRA - www.myspace.com/lyrarocks

PRA COMEÇAR VOCÊ É CONSTANTEMENTE ASSEDIADO POR GROUPIES, PAPARAZZI E EDITORES.

ATRIZES E MODELOS FAMOSAS IMPLORAM PARA SER RETRATADAS POR VOCÊ.

DEVO PEDIR PARA AS SRTAS. BÜNDCHEN E JOHANSSON ESPERAREM MAIS 15 MINUTOS, SIRE?

SIM, JARBAS.

SEU ROSTO APARECE NAS CAPAS DE REVISTAS RELEVANTES.

VOCÊ VIVE RODEADO POR CELEBRIDADES...

DEPOIS DO JOE É A SUA VEZ, BOB.

MAS NEM TUDO SÃO FLORES. SEMPRE HÁ ALGUM ABORRECIMENTO PARA SER RESOLVIDO.

...E FALA PRO **MAINARDI** PARAR DE ELOGIAR OS MEUS QUADRINHOS!

ISSO TÁ QUEIMANDO O MEU FILME, PÔ!

ENTÃO É ISSO, CRIANÇAS. SE VOCÊ ALMEJA UM ESTILO DE VIDA HEDONISTA, ONDE SOBRAM DINHEIRO; MANSÕES, MULHERES E IATES, FAÇA QUADRINHOS.

DENNY CHANG . www.misantropopervertido.blogspot.com

ANGOS DIAS

(OU ROTINA DE ILUSTRADOR)

ESCRITO E ILUSTRADO POR: DENNY CHANG

07.08.2008

min 15°c max 24°c

www.misantropopervertido.blogspot.com

TRABALHO? ACEITO

ACEITO

SEIS PÁGINAS...

ACEITO

ESTILO LIVRE

PRAZO

FOLHAS EM BRANCO, CANETA E SEMANAS CONFINADO EM UM MESMO ESPAÇO...

5 4 3 2 1

SQUEEK

IDÉIAS I DÉIAS É IAS I D ÉIAS

DENNY C.

POR FAVOR, UMA IDÉIA...

MALDITA PROFISSÃO

E O RECONHECIMENTO?

NÃO ME PAGARAM AINDA...

DESISTO, VOU SER FUNCIO

GANHAR MERRECAS

MUITA INFORMAÇÃO

5 PRAZOS DIFERENTES

3 SEMANAS NENHUMA IDÉIA

SEM TEMPO PRA PROJETOS PESSOAIS...

CAETO . www.glamourpopular.blogspot.com

COMO UM MOSQUITINHO ATRAÍDO PELA LUZ

NÃO CONSIGO PARAR DE VER TV !!!

CAETO

FUGINDO DE PÁGINAS BRANCAS, ME ESCONDO NA LITERATURA.

DEIXO PRA FAZER OS TRABALHOS NA ÚLTIMA HORA.

TENHO QUE DESENHAR AQUELA HQ

DAÍ É SÓ SE SENTAR À MESA E ARRANCAR A CABEÇA.

PLOC!

ROSQUEAR AQUELA LÂMPADA NO LUGAR, ATÉ A LUZ ACENDER.

DEPOIS DEIXAR A A HISTÓRIA FLUIR.

A QUIMERA AO LADO DE CARLOS DIAS

Por Alexandre Charro

Começo com um trecho de Nietzsche: ***"Quanto mais a natureza íntima de um homem tem raízes fortes, tanto mais ele estará em condições de dominar e de se apropriar também do passado; e se se pensasse a natureza mais poderosa e mais descomunal, ela se faria reconhecer no fato de que não haveria para ela absolutamente nenhum limite..."***

A arte não pode ser separada da natureza de seu criador. Quando ela sai do coração, leva um pedaço dessa carne, estigmatizada por uma vida única. Carlos Dias tem muitas paixões e, no seu caminho, se entrega de fato aos sons e aos sonhos que as imagens escondem. Em um restaurante no centro de São Paulo, conversamos sem rumo por horas, sobre os sentidos que aguçam a arte e a vida – que, na cidade ou no campo, nos perfuram e sensibilizam.

Como você vê essa discussão sobre o que vale e o que não vale dentro do universo contemporâneo da arte?

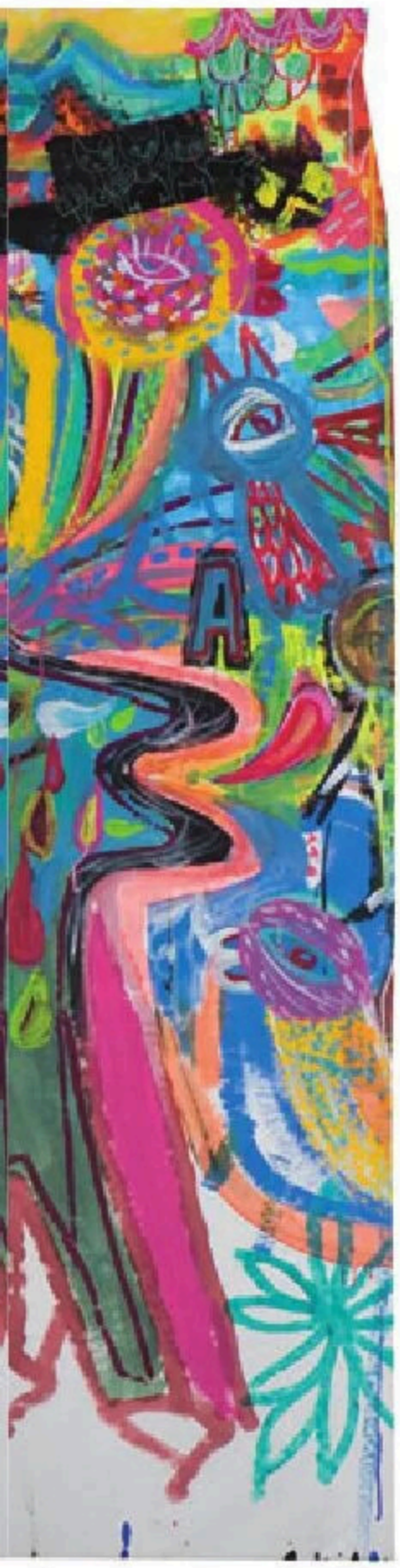
De certa forma, você sempre vê o artista vive em conflito, seja o cara da rua ou o cara da galeria. Pensando no que seria o melhor e em como se renovar, um trabalho pode nunca estar pronto. Mas não sei, falo por mim, e fazer aquilo virar, dar um preço... É difícil tudo isso pra mim, eu acabo aceitando... Sou um cara que teve banda, e essa discussão sempre existiu na minha cabeça. Pra mim não tem muita diferença, porque, seja como for, é o seu produto, o que você está vendendo de certa maneira. Acho que não existe o artista pelo artista, existem pessoas que dizem "eu não vendo meu trabalho", mas mano, você está sempre formando a sua imagem, não importa se é sério, pau no cu, blasé, desgraçado, o que nega tudo, mesmo um pichador, ele está fazendo a imagem dele...

Então por que te deu essa vontade de começar a vender teus trabalhos?

Comecei em uma época que estava saindo do emprego, me separando. Estava meio perdido. Pensei "mano, eu preciso apostar nisso". Foi uma época que comecei a trampar com o Stephan (Doitschinoff). Ele já tinha uma visão comercial da coisa. Coisas que eu escuto sobre o mercado agora, já escutava da boca dele naquela época, como meta. E às vezes eu dava risada, nem sabia como era o mercado de arte. Eu falei aquele lance de banda porque quando era moleque já existia essa discussão de que fulano se vendeu; ou era o Clemente do Inocentes, ou o Gordo do Ratos, o Sepultura, umas outras de metal, sempre teve isso. Agora, com a arte de pintar, é diferente. Eu não me incomodo em vender um trabalho meu, tá ligado? Eu gosto que aquilo esteja decorando a casa de alguém, mesmo que seja um colecionador. Tipo o Daniel Melin, o Titi Freak, o Zezão, uns mais, outros menos, já estamos num preço que pessoas compram para colecionar e investir. Mas sempre achei difícil dar um preço nas minhas coisas, e sempre vou achar. Vale muito, mas ao mesmo tempo pode ser de graça.

E como você acha que as pessoas vêem o seu trabalho?

Existe uma coisa no meu trabalho, que é o traço rudimentar e expressivo, que acaba mexendo com as pessoas, deixa elas à vontade. É um trabalho meio relaxado. A última exposição que fiz ficou meio assim, mas talvez tenha ficado mais relaxada do que



eu queria. Muitas exposições que eu fiz, os caras achavam que era excesso de informação, de caos, mas tinha o cara que ia, que voltava e voltava e, pela décima vez, acabava comprando. Tem também aquele cara que é seu amigo, sempre gostou, e depois que você fez sucesso acaba comprando. E tem aquele cara que é colecionador, que está investindo.

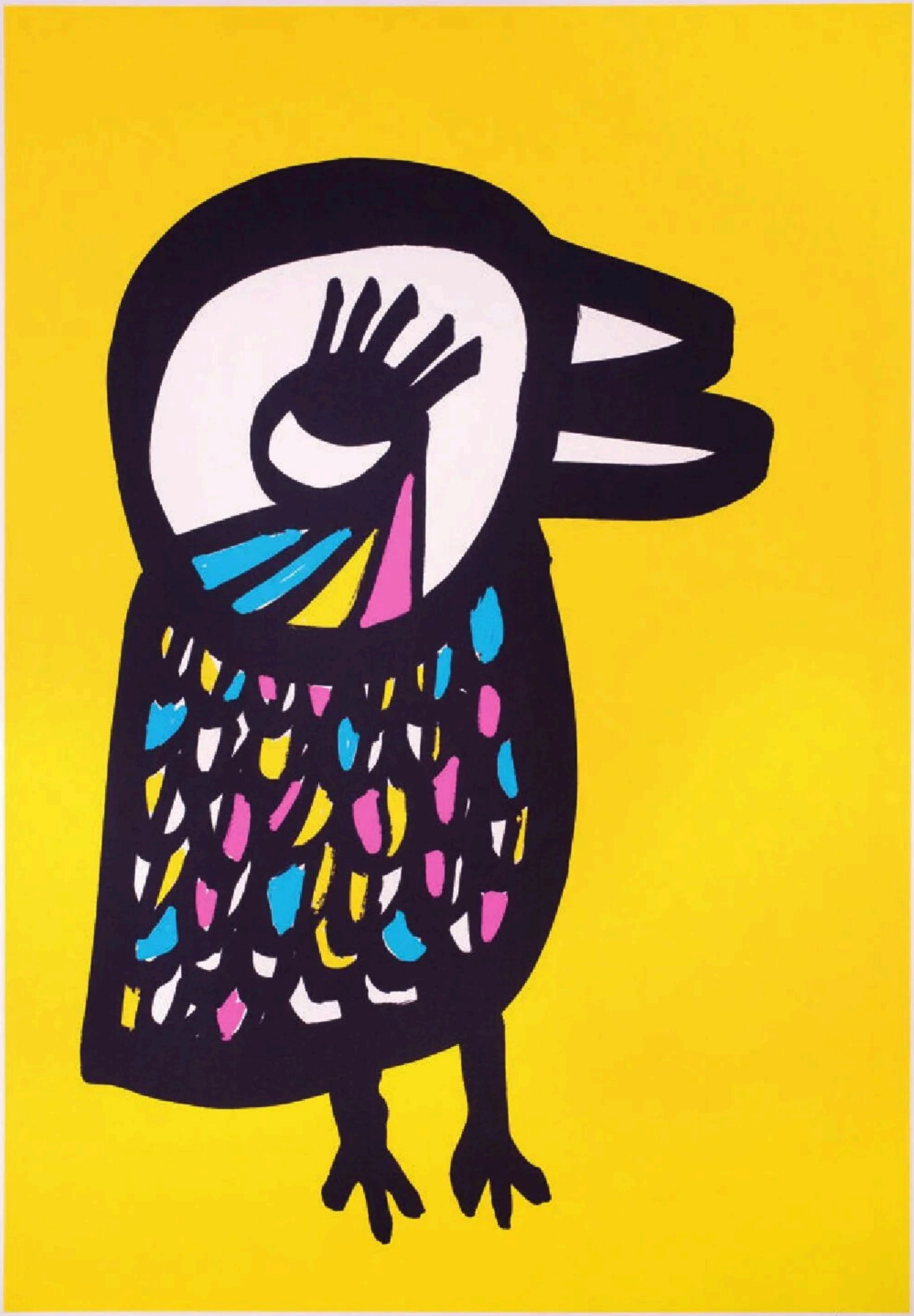
O mercado, ou a venda, é o estágio final do seu trabalho. Quando você está no processo, aquele momento transparece nos seus traços. Você poderia falar sobre isso?

Uma vez me disseram assim: mesmo que você não seja culto - ignorante até, em certos aspectos -, você vai ser classificado. E não que isso importe, mas em uma exposição da Choque Cultural, me classificaram como neo-expressionista e, tá, beleza, o expressionista pinta com os sentimentos, mas existem muitas outras referências, como a arte das crianças. Gosto muito da arte delas... De arte de gente esquizofrênica, os traços da rua. Eu acho que o jeito que eu pinto e o jeito que eu me inspiro, a dor e o sofrimento, ou a paixão e o amor, que são as coisas que me movem para pintar, são coisas que eu carrego comigo. Meu inferno tá comigo e meu tempo também. A inspiração vem de formas muito diferentes. Às vezes estou em um lugar que não tem como desenhar, não tem jeito.

Eu sempre curti ficar com o som ambiente do lugar, escutar a voz das pessoas, ver como o cara de um bar lida com você, e isso muda seu estado de espírito. Quando fui pra Bahia, saiu um quadro diferente - eu sei que é diferente e sei que os processos são infinitos. Aqui em São Paulo, eu morava numa casa grande, esticava várias telas e pintava, produzia de um jeito até mais a ver com o jeito que sou, deixava as tintas espalhadas por todo lugar e o Edu que morava comigo sempre foi firmeza, até por trabalhar com isso. Mas agora eu mudei, estou em um lugar bem menor...

E muita coisa muda, é outra relação dentro da sua casa - antes era um amigo, agora é sua mulher. Além disso, você se mudou para a praia...

Mas aí o que acontece, tenho um quarto pequeno e fui obrigado a caber lá dentro. Isso é uma coisa meio masoquista, mas ali me ocorreu um lance: se um dia eu tiver um galpão, pego um canto pra pintar. Porque as coisas ficam todas perto umas das outras,



PA

Carlos Dias

"Uma tela não é uma fração, não é só um momento, ela pode representar uma paisagem, mas para compor aquilo eu preciso de vários momentos. Busco muita inspiração no que eu acredito e no que vejo."

não ficam espalhadas. Nesse primeiro mês que estive lá em Floripa, produzi bastante, mas vejo a pintura de forma diferente. O lance de você se adequar ao espaço onde você está é uma coisa que vem do punk. Assim: vamos tocar aqui, ou vamos pintar uma coisa que está na rua, com o material da qualidade que tiver, sempre se aproveitando da situação - mesmo que ela seja ruim. Por exemplo, em 2002, quando fui preso por engano, enquanto eu estava acordado, ou estava desenhando ou escrevendo... Mas, mesmo tentando desenhar uma coisa bonita, saía com muita tensão. Pra mim, quando estou pintando uma tela em casa, é quase como um transe. E quando eu vou pintar na rua, prefiro não ter compromisso com essas prisões: que *crew* que você é, da onde você é.
Pra mim isso sempre foi uma brincadeira, eu não nasci pra ficar fugindo. O traço que está na minha tela pode não ser grafitti, tô pouco me fodendo pra isso, grafitti pra mim é uma influência e uma referência, mas acho que existem muitas normas e muitas regras para uma coisa que começou livre na rua. E o que eu aprendi na rua, ninguém me tira.

Você ficou preso um tempo, quer falar sobre isso?
Tinha acabado de me mudar pra uma casinha em Pinheiros e tava numa parada mais mística, acho que estava muito fraco espiritualmente. Sempre gostei muito do assunto, apesar de não saber dizer se tenho uma religião. E veio parar na minha mão um *Livro Negro de São Cipriano*, uma edição super antiga. Ficar invisível, os desenhos rudimentares, ligações com umbanda e candomblé. Nada muito real, mais ilustrativo, talvez. Nessa época eu fazia umas coisas estranhas, pegava uma imagem e ficava reproduzindo, um símbolo de ponta cabeça, pentagrama, 666, coisas com que parei de brincar, com o tempo. Mas, à medida que passei a dar importância para aquilo, comecei a ter sonhos meio estranhos. Saía, bebia, fiquei agressivo. Acordava e parecia que estava desconectado. Tinha aquela coisa de metrópole, de trabalhar, e fim de semana queria sair pra zoar, beber, fazer o que tinha vontade. Num feriado, ia ter o show do Maurício [Takara] e o [Tiago] Nicolas passou em casa, eu nem queria ir porque estava cansado. Insistiram e acabei indo. Depois do show vinha andando pela [Rua] Teodoro Sampaio e uns flanelinhas me botaram pra dentro de um hotel, sem entender nada, achei que queriam me roubar, disseram que eu tinha atacado uma menina lá em cima, na Sumaré. Me encheram de soco e me levaram pra delegacia. Um desses caras disse que eu estava vestido do mesmo jeito que o atacante, uma calça preta e um moleton. Na delegacia, essa menina disse que tinha sido eu. Fiquei preso por quase três meses na delegacia, acusado de estupro, sem entender nada.
Aquilo me botou numa reflexão desesperada, e, em contato com algumas pessoas ali dentro, acabei contando sobre o *Livro Negro*. Um dos caras falou que eu estava fodido, que eu tinha que ser iniciado... Tive que mandar minha mãe se livrar do livro, e nesse meio tempo aconteceu muita coisa que me colocou perto de várias religiões. Tinha uns crentes, uma meia dúzia de espíritas... e um cara satanista, que tinha o Diabo tatuado no corpo. Quando vi aquele cara dormindo do meu lado, trocando idéia e falando do Diabo, de Deus, pela primeira vez não enxerguei muito o limite entre o bem e o mal. De repente você está de frente com um cara que matou 10 pessoas, mas não tem aquela "capa" do filha-da-puta que matou alguém. Ele tá falando alguma coisa que tá te emocionando, e você acaba sendo obrigado a enxergar o cara como um ser humano, com outra ótica. Tive um convívio forçado com algumas pessoas, que me fez crescer. Ali era o verdadeiro julgamento, você não pode mentir - pode mentir pra polícia, mas no seu julgamento, com aqueles caras, que não são seus amigos, você não poder mentir. Meus amigos, minha mãe, mandavam barra de chocolate, cigarro, e eu dividia tudo. Comunista, sabe. Mesmo tendo passado três meses na espreita, desconfiado, ninguém chegou de fato a me fazer mal. Coisas que a vida inteira eu sempre questionei, ali não tinha tempo pra questionar. "Cala a boca", senão tá fora do sistema.
Quando tinha as histórias de fuga, eram situações de extremo medo e angústia. Tomar um tiro, já era. São momentos complicados, sua cabeça dá um giro e muitas vezes você não tá ligado ao crime, mas acaba seduzido. O cara que é bandido também tem status.
Pode parecer uma coisa muito louca, mas enquanto estava naquele lugar horrível, eu fiz uma diferença, escrevi cartas pros presos, ensinei a desenhar, tirei a música dos crentes pra tocar. Sei que crente eu não vou virar, mas enxergo os caras de outro jeito.

Eles me ajudaram, viram que não era eu.
Aí fizeram aquele teste de voz e a moça falou que não era eu.
Só que até aí o processo já tinha subido. Durou mais cinco anos.
Esse tempo que eu fiquei solto foi realmente o aprendizado,
foi a hora que larguei tudo e resolvi pintar. Aquela coisa de olhar
o nada - o nada dos filósofos. Hoje em dia, sinto vontade de estudar
um pouco de arte, mas passei muito tempo colocando pra fora
o que eu vivi, pensando na cadeia, em algumas baladas,
em determinados horários. Às vezes ainda tenho angústia
e necessidade de botar pra fora. Mas antes era muito só isso.

Assisti a uma leitura de tarô do cineasta chileno Alejandro Jodorowski em SP, um cara muito forte e bem consciente, de 78 anos. Ele falou sobre as pessoas perturbadas que transformam isso em arte, sobre a arte ficar contaminada desses sentimentos. Agora você mora perto da natureza, está mais consciente das coisas que realmente importam, mas assim mesmo disse que às vezes sente falta dessa angústia. Como é essa diferença - ter uma angústia para expressar na sua arte e buscar outras coisas além desse sentimento?
Apaixonado, vamos dizer assim. Palavra difícil, paixão terrena.
Namorei uma mina um tempão, mas era muito novo. Quando terminei,
aquilo me acompanhou anos e eu cultivei uma obsessão, normal.
E tinha o Againe e o Polara, aí era uma avalanche de angústia sendo
colocada pra fora. Um monte de gente gosta, também gosto, me
orgulho de ter feito, mas não consigo mais tocar daquele
jeito, não ia ser sincero. Coisas assim sempre me motivaram.
Mas foi uma fase. Na hora de pintar, nesse período de mudança,
me fixo nas formas em que os bonecos saem, nas cores que vêm.
Não escolho muito as cores. Hoje em dia falo de um jeito meio
matemático... Tenho 35 anos, e é como se estivesse na metade
da vida. Sinto um momento de busca, de equilíbrio dentro de mim.

E sobre as drogas e os ampliadores de consciência?
Droga altera sua percepção, e isso vai refletir no seu
trabalho. Mas acho que é perigoso. Muitas vezes tira o nexo,
às vezes você acha que tá tudo do caralho e de repente tá uma
porcaria. É tudo muito ambíguo, e em geral acho que atrapalha,
mas faz parte da vida dos artistas - na verdade faz parte da
vida de todo mundo, mas o povo mais sensível às vezes se vicia,
como vários músicos de jazz. Mas o trampo não vai necessariamente
melhorar, só tem uma coisa romântica em torno disso (risos).
É difícil falar sobre isso. Inevitavelmente, uma pessoa que toma um
LSD, ou uma droga alucinógena, vai enxergar o mundo de outra forma.
Mas eu, por exemplo, ficava horas olhando nó de madeira no armário,
as nuvens, o mofo - coisas que mexem com a imaginação.
Muitas formas de bicho eu tirava dali, e tem até aquela coisa
xamânica, da visão etérea, de fixar um olho na natureza e
conseguir enxergar a alma da planta. Muitas vezes olhava por horas
o mofo até formar certos desenhos, e tem coisas que só você enxerga.
Alguns podem chamar de ilusão de óptica, ou que você desenvolveu
uma parada. Quando eu era criança, olhava as formas que surgiam
do armário e tinha medo, formavam às vezes uns capetas,
uns rostos - mas é só madeira, por que se assemelha? Sei lá,
o universo é um todo, e existem várias semelhanças entre nós e

"Sempre fui desligado, como dizem, mas na verdade sempre tive meu mundinho próprio. Sempre gostei da ponta da caneta bic, sempre entrava dentro dela enquanto ela rolava no caderno".

as plantas, por exemplo. Os índios podem dizer que é o espírito
da árvore, mas pode ser só um desenho. Cada um acredita de um
jeito, mas o desenho está ali e se parece, e isso é fato. Tudo isso
carrega milhares de segredos, cabe a você saber enxergar.
Uma tela não é uma fração, não é só um momento, ela pode
representar uma paisagem, mas para compor aquilo eu preciso de
vários momentos. Busco muita inspiração no que eu acredito e no
que vejo. Muitos talvez não vejam, mas os que vêem se tornam meus
grandes amigos. Ou é gênio, ou é louco. Já estive internado por
problemas com droga e convivi com muitas pessoas ditas loucas,
mas às vezes tem alguém no seu trabalho que é muito pior, e, sei lá,
por algum momento a pessoa desatou a relação com a sociedade e...
Eu sempre gosto de quem incomoda, de quem questiona, de quem
é do contra. É essa malícia que torna as pessoas interessantes.
Uma pessoa simples pode falar uma coisa que pode mudar sua vida.
Existem pessoas inteligentes que morrem pobres, e outras que
não são inteligentes, mas são espertas e ganham dinheiro.

E dentro do seu trabalho, o que você valida como referência?
A contemplação do belo, as estéticas seguidas na vida, as mudanças,

os afetos. Sempre fui desligado, como dizem, mas na verdade sempre tive meu mundinho próprio. Sempre gostei da ponta da caneta bic, sempre entrava dentro dela enquanto ela rolava no caderno. Tanto que muitas vezes eu parava de escrever e continuava num flow louco com a caneta pelo papel, ou riscava esquizofrenicamente as folhas do caderno na intenção de deixar homogênea. Desses emaranhados de riscos tentava achar formas, sinais, como se alguém fosse me dizer algo... Meu pai inventava histórias cabulosas pra mim, como que tinha vindo de um planeta distante e que o nascimento dele foi filmado nas mentes dos meus avós... Ele também me ensinava a desenhar, a fazer certos exercícios de observação e de adequação ao ambiente, tipo chegar em um local e saber onde é o seu centro de equilíbrio, algo entre um Castaneda, Alvin Lee e John Lee Hooker.

Com o passar dos anos sempre me detinha olhando as nuvens, os nós de madeira e os mofos, como se fossem mundos.

Alguns podem chamar de distração, mas pra mim era uma completa ação mental de projeção. Por exemplo, em aula eu fazia uma audição seletiva e aquele momento era só meu. Esses exercícios de contemplação me tranqüilizavam, tanto quando estive preso como em algumas situações de perigo. Carregamos nossos carmas e, num determinado momento da vida, você escolhe se quer vibrar leve e suave... O tempo vai passando, e cada vez mais você percebe que tudo aquilo é, e sempre será, você. Não adianta jogar fora uma camiseta ou uns discos de uma época. Renegar não adianta, porque aquilo era você também... Sou também um grande romântico e apaixonado, e se não fosse a ansiedade talvez não tivesse me movido muito na vida, estaria só contemplando as coisas. Muitos falam dos olhos de criança, e não sinto mesmo muita diferença do enxergar hoje ou quando era criança. Não sumiram os traços que mostram os segredos das plantas, não sumiram os mundos no mofo até hoje. Mantenho tudo vivo e isso é uma das minhas forças.

Saiba Mais

www.flickr.com/veraneyo2

www.choquecultural.com.br

Dia 20 de Setembro, Carlos Dias inaugura exposição coletiva com artistas de Porto Alegre de diferentes gerações, na Galeria Choque Cultural em São Paulo.

Leia trechos exclusivos da entrevista no portal www.maissoma.com

▸▸ RAEL DA RIMA RUMO À FESTA CHOCOLATE NO CLASH CLUB ▸▸

▸▸ GUILHERME MARZANO (BIG NITRONS) E LUIZA PETRONI NO HANGAR 110

+SOMA VAI ÀS RUAS COM O FOTÓGRAFO RONALDO FRANCO

LANCHES
SUCOS
NATURAIS
VITAMINAS

RODRIGO "NUTS" INDO AO ENCONTRO DAS PICK UPS DO CLUBE VEGAS

RODRIGO NEVES E MILA CAVALCANTE NA NOITE ON THE ROCKS NO D-EDGE

AMANDA BERTATO E ELIZA ROMANCINI LOMBARDI NA NOITE ALBATROZ NA MILO GARAGE

EDIÇÃO DE MODA ▸ HELENA SASSERON

AGRADECIMENTOS ▸ FOTÓGRAFO RONALDO FRANCO E TODOS QUE PARTICIPARAM DESTE EDITORIAL

O RAPPER SÓ

KAMAU E O IMPÉRIO DE UM

Por Arthur Dantas e Tiago Moraes

*Na faixa introdutória de seu novíssimo trabalho, o primeiro em carreira solo, Marcus Vinicius Andrade e Silva, 32 anos, conhecido nacionalmente como **Kamau**, declara: "eu escuto vozes". A faixa segue, e as tais vozes vão surgindo uma a uma - questionamentos sobre sua pessoa, ecoando como se fossem assuntos recorrentes e incômodos ao rapper. A resposta é instantânea e vem na forma de colagens de trechos clássicos do rap nacional, reafirmando a idéia de que o MC escolheu um caminho e dele não se desviará. Qual é esse caminho? O de um rapper ciente de seu próprio trabalho e disposto a construir uma história singular na música atual. "Agora tô sozinho na caminhada, falando mais na primeira pessoa. O disco é mais eu trocando uma idéia comigo mesmo. Mas não é exatamente um disco autobiográfico", explica Kamau.*

O rapper e produtor, que passou no vestibular para Matemática na Unesp de Rio Claro ("Em décimo lugar", conta, orgulhoso) abandonou o sonho universitário para dar vazão ao skate – onde construiu uma carreira profissional – e ao rap. Em uma primeira audição do seu novo trabalho, Non Ducor Duco, *a auto-análise de Kamau soa tão intensa que pergunto se o disco é de certa forma um descarrego. A impressão fica mais evidente na faixa "A Quem Possa Interessar", que conta a história de uma pessoa que passou no vestibular.*

"Essa é menos pessoal, me inspirei em várias pessoas. Tem um trecho livremente inspirado no meu irmão, que trabalha e tá feliz com isso, a outra é inspirada em um cara que estudou comigo, estudioso, fazia tudo direitinho e passou em Arquitetura na USP. E a terceira parte é para as pessoas que realmente gostam de rap, que paravam pra perguntar quando ia sair o disco etc. Teve gente que falou que esse som era um pedido de desculpas por 'Poesia de Concreto', porque ali som eu dizia que você tem que fazer só o que gosta etc., e agora falo de gente que tá feliz fazendo coisas que nem gosta tanto". ⏩

Produzir um disco solo, independente, já não é fácil para uma banda. Imagino que sozinho seja pior ainda. Escrever, produzir, gravar, mixar, masterizar, pensar no lançamento, nos shows... Sem falar na parte dos custos também: você acaba tendo que segurar a onda sozinho, com estúdio etc. Fale um pouco de como foi toda a preparação para esse disco.

Foi dez vezes pior do que tudo isso que você falou (risos). Do [grupo de rap] Simples eu banquei tudo também, os caras não tinham experiência nem grana, daí banquei tudo. Todos os discos que eu fiz sempre foram independentes. Eu nunca cheguei a ter proposta de gravadoras. Na real teve uma "quase" proposta, e uma da 4P que não foi adiante. Nesse disco foi tudo mais difícil, porque foi mais pensado, gravei tudo no Vander Carneiro. Quando entrei no estúdio, só tinha metade do dinheiro. E se eu não começasse logo, não ia acontecer nada. Aprendi com todo esse processo desde 2002 a divulgar o disco antes – coisa que rola na gringa, e aqui é difícil porque a fábrica atrasa etc. Esse disco mesmo atrasou.

Quantos meses?
Quantos? Doze! (Risos.) Eu comecei a gravar o disco em maio do ano passado, mas não vinha inspiração, não conseguia escrever. Foi só quando fui pra Curitiba, na casa do [produtor] Nave, que a inspiração voltou, e acabaram entrando três bases desse período no disco. E o disco ficou pronto já faz uns três meses. Só que falta grana, eu não achava as pessoas que gostaria que participassem etc. No rap é impossível fazer tudo sozinho, precisa de gente pra produzir e gravar os instrumentos. Não sei mixar, não tenho os equipamentos em casa... Até arrumar tudo isso e aprender a fazer direito - porque eu sou chato pra caramba com isso -, já estaria com uns 40 anos (risos).

Mas você tem a ambição de aprender a fazer todas essas coisas?
Com o tempo fui aprendendo a fazer várias coisas. Desde 1997, quando comecei a rimar, já fui aprendendo a fazer umas batidas. No Simples eu produzi tudo. E o que ganhava com o skate, usava para comprar equipamento. Até contrabaixo eu tenho em casa. Mas tem coisa que eu não quero aprender senão vou ficar meio maluco. Tenho vários exemplos próximos de gente que ficou maluca. E sei que é um lance que não iria funcionar pra mim. O ParteUm sabe fazer quase tudo: toca, mixa, edita, faz a arte. O cara faz tudo mesmo! (Risos.)

conseguiria colocar na faixa, assim como não participo na música dos outros se eu não tiver nada para falar. O meu critério principal é pensar no que a pessoa pode acrescentar àquela faixa.

Você tem um jeito muito característico de desenvolver os temas. Há muitos MCs com uma levada fantástica, mas que não se preocupam muito com o desenvolvimento da letra. Quem você acha que combina as duas coisas?
O Brown, o ParteUm e o Emicida casam bem as duas coisas. No exterior são vários: Mos Def no primeiro disco, Common, Talib Kweli, Little Brother, Mr. Lif...

Consigo identificar algumas semelhanças com o trabalho do Common. Você entende bem inglês?
Eu aprendi inglês sozinho, por causa do skate. Common me influencia bastante e acompanho bastante ele atualmente. Teve um show dele que eu prestei muito atenção na postura de palco, porque ele canta sozinho, com um DJ, um tecladista e um percussionista. E o jeito como ele leva o show tá influenciando muito meu show novo.

"O CARA VÊ UM RAPPER FALANDO DE CHICAGO E QUER FAZER IGUAL, FALANDO DE SÃO PAULO; VÊ UM CARA FALANDO DO CAPÃO E QUER FAZER DO MESMO JEITO FALANDO DO TUCURUVI - AÍ NÃO ADICIONA NADA, SÓ MUDA DE ENDEREÇO. EU TENHO UMA FILOSOFIA: QUANDO VOCÊ COPIA, NO MÁXIMO VAI CHEGAR EM SEGUNDO."

O Vander Carneiro, responsável pela gravação e mixagem do disco, tem uma história no rap nacional. Fale um pouco de como foi essa experiência com ele.
Chegamos a um meio termo. A gente se conhecia porque eu tinha gravado uma participação com o Thaíde e outra com o ParteUm no estúdio dele. Eu troquei idéia com ele, e foi legal porque o Vander acabou se envolvendo no projeto, deu palpite, ficou preocupado com a qualidade do que estava sendo feito.

Que discos clássicos ele gravou lá?
Um novo clássico foi o *Raciocínio Quebrado*, o disco do Mzuri Sana, o último do Thaíde com o DJ Hum, o *Raio X do Brasil* do Racionais MCs foi gravado lá, a música "Señorita".

Fale um pouco das participações no disco. Há uma mistura de MCs da nova geração, como o Emicida, com artistas mais velhos como o Carlos Avonts do Potencial 3, além da cantora Thalma de Freitas...
Muitas vezes, esperava as pessoas escreverem para eu fazer minha parte. Só dizia qual era o tema, ou mostrava o que já havia feito para eles escreverem a parte deles. O critério era o de proximidade, talento, disponibilidade, e como essas pessoas iriam interagir nas faixas. Na música "Resistência" pensei no Carlos Avonts, e que seria muito legal colocar o KL Jay também, e acabou que ele fez a primeira fala do som e um scratch no final. Conheço vários MCs, mas tem alguns que eu não

Qual será a estrutura desse seu novo show?
Eu, o Jefe e o DJ Primo. Quero levar outras pessoas, quero levar alguém pra filmar, fazer um DVD, levar um produtor. Tô tentando fazer da melhor maneira possível, ainda que no rap seja difícil ter tudo isso.

Você chamou muita gente para colaborar com a criação das batidas: Primo, Munhoz, Philip Neo, Nave, ParteUm e Suissac, entre outros. Deu para alcançar uma unidade no álbum?
Quando eu ouço uma base, penso em vários aspectos - até porque eu sei bem o que eu quero. A idéia era de um álbum, não de uma coletânea. Então tinha que fazer com que, apesar de usar vários produtores, [o disco] tivesse uma unidade. Por outro lado, quando você faz tudo com um mesmo produtor, corre-se o risco de ficar uma coisa muito parecida, monótona. O Kanye West é um produtor muito bom e mesmo assim usa outros produtores nos discos dele. Peguei a melhor opção de produtor para cada música que eu fiz. Eu indicava a melodia, os timbres. Se não tiver a minha mão no meio, tenho que saber bem para onde o produtor vai levar aquele som. Com o Nave, por exemplo, não mexi em nada. Troquei apenas o baixo, chamei o Rian do Instituto para fazer outro. Só nas produções do Fábio (ParteUm) eu não mexi (risos). Ele sabe muito bem o que faz e o que eu quero. Não iria aprovar se não tivesse do meu gosto, mas ele sabe o que eu procuro.

Kamau, em suas próprias palavras, tem "mania de fazer o que os outros não fazem". Para ele, isso significa, entre outras coisas, explorar temas pouco ou não explorados pelas letras do rap nacional. "O rap tem essa linha de falar do mano que morreu, do cara que tá preso, que perdeu isso e aquilo e tá sofrendo, mas algumas pessoas não se vêem ali. É legal falar do mano desempregado, mas é legal também falar do cara que tá empregado e feliz." Outro ponto importante é poder contar com valiosas participações, que vão desde o projeto gráfico às fotografias do novo CD. "Conheço o Gustavo [Felipe, designer do disco] desde a época que morei no interior. O Flávio [Samelo, fotógrafo], desde quando estudamos juntos, no ginásio. Tive sorte de trombar um monte de gente que deu em alguma coisa (risos)." ⏩

Eu vi em uma entrevista que você ia com o Robson [DJ Ajamu, irmão de KL Jay] nos ensaios e shows dos Racionais. Você teve a tentação de tentar fazer algo parecido com o que eles faziam no início de carreira? Afinal, é um pouco natural...

Não. Eu tenho vivência diferente da deles, principalmente... Talvez o jeito que eles falam da vivência deles tenha influenciado meu jeito de falar da minha vivência. Mas não necessariamente copiar, o que acontece bastante. O cara vê um rapper falando de Chicago e quer fazer igual, falando de São Paulo; vê um cara falando do Capão e quer fazer do mesmo jeito falando do Tucuruvi – aí não adiciona nada, só muda de endereço. Eu tenho uma filosofia: quando você copia, no máximo vai chegar em segundo.

E sobre o nome do disco, *Non Ducor Duco* (frase em latim que significa "Não sou conduzido, conduzo", lema ostentado pelo brasão da cidade de São Paulo): o significado é mais do que auto-explicativo na tradução literal, mas fale um pouco sobre o porquê dessa escolha. Tem mais algo por trás disso, a ver de repente com a sua relação com a cidade de SP?

Acertou, não precisa falar mais nada (risos). Na verdade tem a ver com duas coisas: o momento – estou tomando a direção da parada –, e o fato de eu não conseguir ficar muito longe de São Paulo – nem de praia eu gosto. Em Rio Claro, na época da faculdade, só pensava em São Paulo. Nem sei quando tive a idéia de colocar o nome do disco, mas quando cheguei nela não larguei mais. E meu nome, Marcus Vinicius, tem essa coisa de imperador romano etc. Seria fácil arrumar um nome africano para o disco, por exemplo. Tenho que explicar esse nome na descrição do orkut (risos), porque ninguém descobre o porquê (risos).

O disco todo tem algum tema central, alguma coisa que amarre tudo?

Eu sou ruim de passar mensagem...

Que é isso! Você falou no seu blog de um cara que tava a fim de uma garota, usou uma letra tua para se declarar e deu certo, pô! (Risos.)

Se eu fosse me tornar conselheiro amoroso, não daria certo (risos). Eu falo de coisas que acontecem comigo, e do início ao fim é como se estivesse fazendo uma sessão de terapia, uma auto-análise. Tô tentando me fazer acreditar em várias coisas.

Como o quê?

Tive momentos que beiraram a depressão no processo desse disco, porque achei que havia escolhido errado. Porque eu tinha uns vinte temas, fui diminuindo, analisando até que cheguei a esse disco. E passei a me perguntar se eu conseguiria fazer algo depois – ainda bem que já tenho idéias para um EP. E eu acho que as pessoas que ouvirem o disco vão se questionar sobre o que elas querem fazer da vida. Agora o disco vai para a rua e vamos ver no que vai dar. Estamos numa época em que ninguém vende disco, não dá para saber qual será o resultado. Muitas pessoas estão desacreditadas e se perguntam se o hip-hop

morreu. Mas quem se pergunta isso não tá fazendo o suficiente para continuar seu próprio trabalho. Muita gente chiou quando o [rapper nova iorquino] Nas fez um disco chamado *Hip Hop is Dead*, mas ninguém se ligou que a última faixa se chama "Hope" ("Esperança"). Eu troquei essa idéia com o KL Jay, e ele falou que o Nas tava errado. E eu falei dessa última faixa, onde ele fala que se alguém se pergunta porque o hip-hop tá morto é porque ele mesmo não fez o suficiente.

Non Ducor Duco é um lançamento independente. O que é ser independente para você? Qual a diferença entre ser independente e ser underground?

Eu sou independente por falta de opção – não que queira fazer algo com um monte de gente bancando. Até já tive oportunidades e tal. Não vou deixar de ser o que sou se [meu trabalho] aparecer para mais pessoas. Se eu colocar uma música desse disco em uma novela, muita gente vai dizer que eu não sou mais o mesmo. Tem gente que só quer as coisas para si, quer colocar tudo dentro de uma caixinha que só ele pode conhecer. O [MC do Little Brother] Phonte fala disso no som "Can't Win For Losing" [do álbum *Get Back*, de 2007].

Vou falar um lance que nunca falei antes. O Instituto estava fazendo show no Skol Beats e o [produtor de grupos como Mamonas Assassinas, CPM 22 e Rouge] Rick Bonadio veio falar comigo. Daí eu falei que meu lance era de um jeito, e eu não mudava. Mas ele queria fazer com todo o Instituto e naquele momento não rolou. Ele chegou para o Ganjaman e falou "sei que você é produtor e não vou mexer na tua produção". É uma questão de se impor. Se tiver alguma proposta eu vou me impor, porque a massinha já secou e ninguém vai me moldar.

Li em algum lugar que as duas pessoas com as quais você mais conversa é o KL Jay e o ParteUm. O que você aprende com eles?

Muito. Coisas pra vida mesmo. De jeito de trabalhar e forma de encarar dificuldades e facilidades. Eu conheço o KL Jay faz muito tempo, e ele nunca me facilitou nada. Eu dei o disco para ele e no outro dia ele tocou vários sons no programa dele. E falou que só fez isso porque eu merecia, porque se fosse ruim ele não tocaria. Com o ParteUm rolam as idéias mais malucas. Olha o agradecimento pra ele no disco: "Ao Fábio, por insistir em me ensinar o que eu não queria saber (risos)". Várias coisas ele vem me ensinar, só que são tão loucas que eu falo "pode parar que assim eu desisto de fazer música (risos)". E ele continua falando para eu aprender. Ainda que não façam exatamente a mesma coisa que eu, me espelho muito neles. O KL Jay por tudo que ele conseguiu – a 4P, o selo, a forma como ele convive com os filhos dele – e o Fábio, com o lance dele se isolar bastante. Até com isso eu aprendo.

Conseqüência, Academia Brasileira de Rimas, Quinto Andar, Instituto, Central Acústica, Simples... Todos esses foram projetos com o qual o rapper se envolveu. Segundo Kamau, "a Academia já era e o Quinto Andar também. O resto tá parado, mas continua. Eu continuo envolvido com todo mundo e idéias sempre rolam". Uma de suas facetas mais conhecidas é o trabalho como MC de freestyle. "Tentei me desvencilhar disso. Tem gente que comenta até hoje uma batalha de 2004 [contra o carioca Slow]. Eu faço freestyle no meu show, em festa da Central Acústica, mas nunca fui um MC de freestyle. Eu sou um MC, ponto. Às vezes,[no freestyle,] o cara nem liga para o que tá falando. Eu prefiro rima 'da hora' do que rima 'na hora'". O rapper com nome de imperador sabe bem o quer de sua arte.

Conheça mais

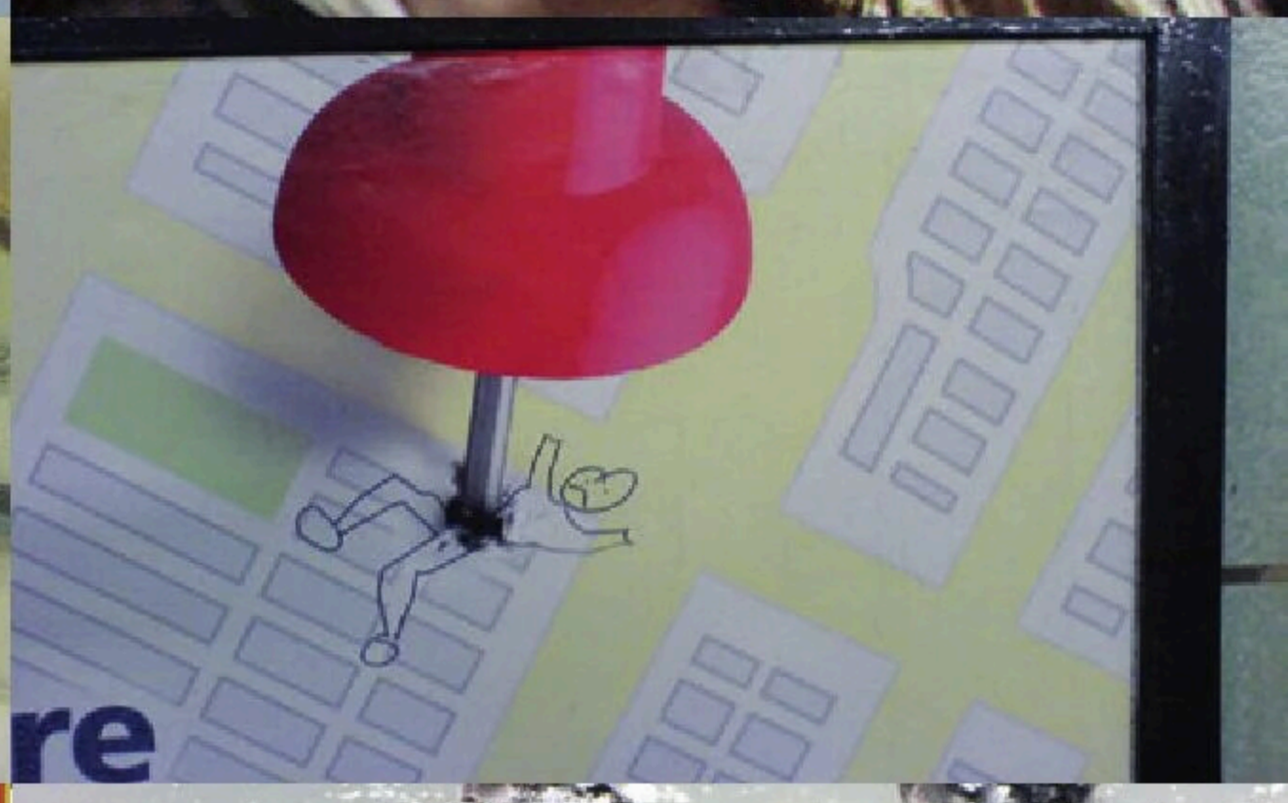
www.estranhamente.blogspot.com

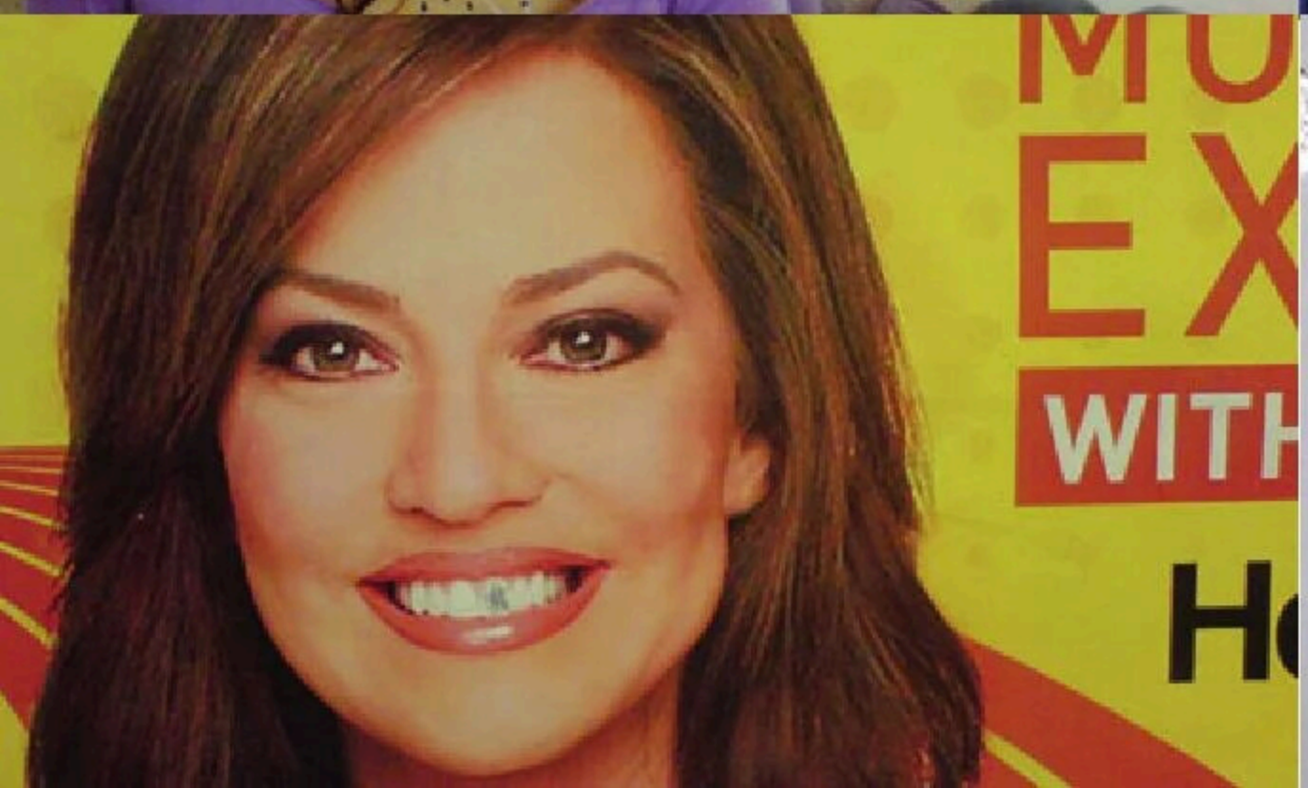
Assita

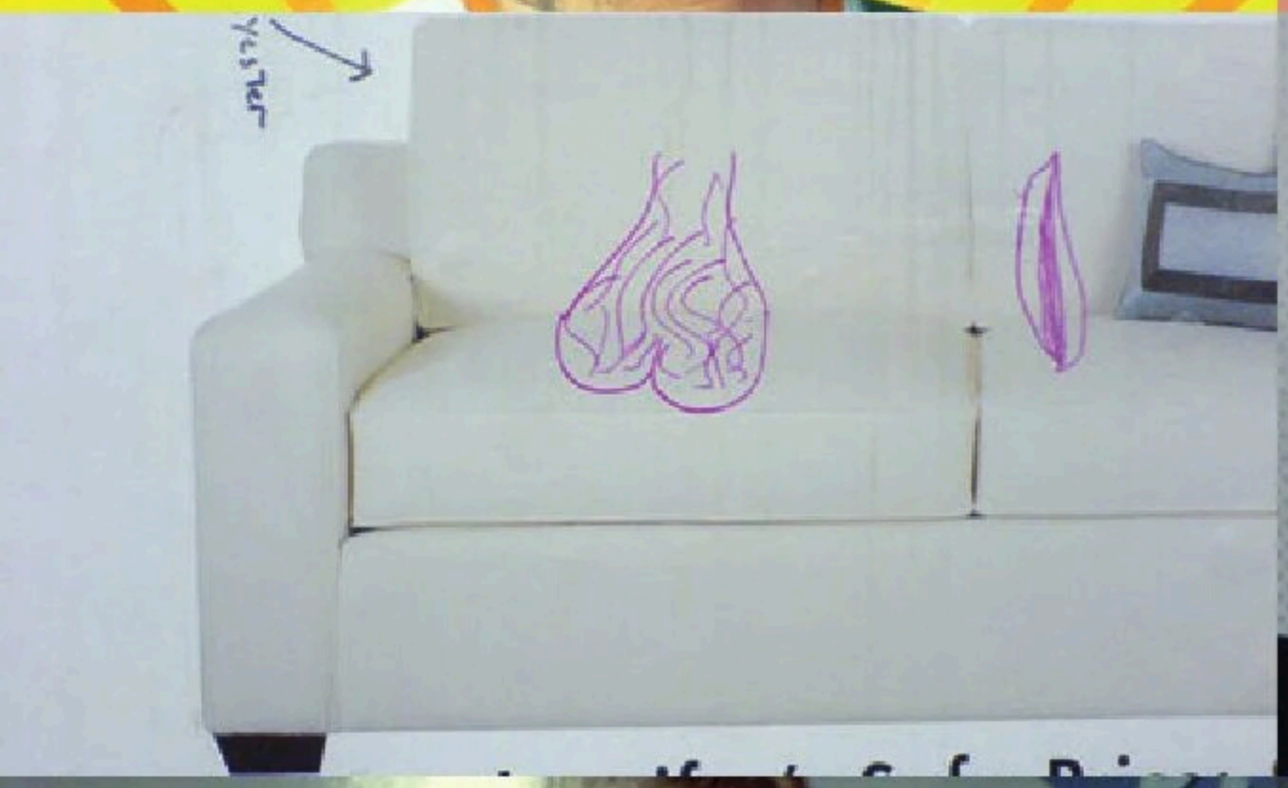
br.youtube.com/watch?v=Qnr-vglIJjA

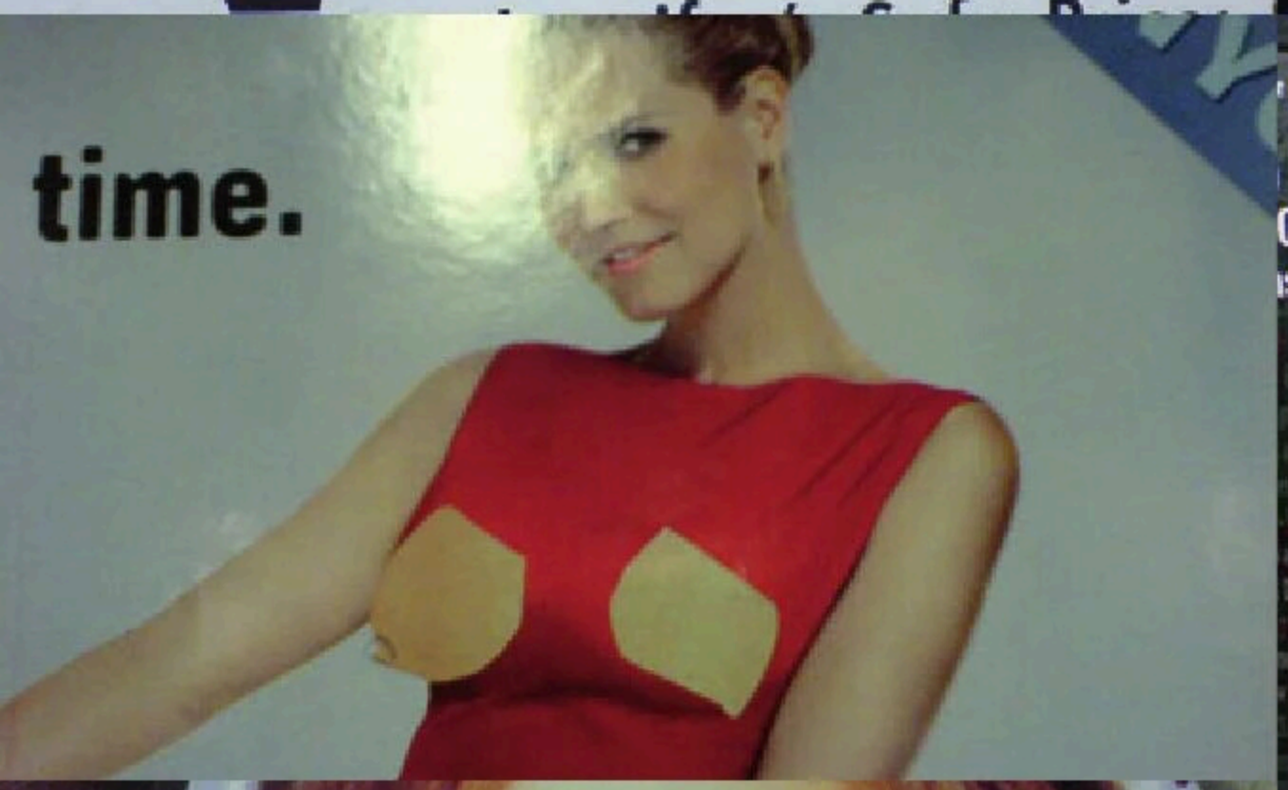
NESS PROTECTION.
NOW GET LOST.

desu desu
desu desu
desu desu


re







Low_res nyc outdoor advertising attacks mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

A FELIZ JORNADA DO BURRO MORTO

Por Luciano Valério . Colaborou Arthur Dantas
Fotos Fernando Martins

*O quinteto **Burro Morto**, de João Pessoa, foi uma grata surpresa para a redação da revista. Nas pesquisas para a seleção da coletânea +Soma Amplifica, encartada na edição passada, descobrimos o trabalho do grupo no MySpace. Após uma troca de mensagens e alguns telefonemas, o convite para participar da coletânea se estendeu para uma apresentação na festa de um ano da **+Soma**, em São Paulo.*

O guitarrista Léo sintetiza a passagem do grupo por São Paulo, onde realizaram cinco shows: "Melhor impossível! Logo no primeiro show rolou uma expectativa. Estávamos há muito tempo sem tocar e era o lançamento da revista, foi meio tenso (risos)". O aperto inicial – vir para São Paulo com poucos shows agendados, sem local para ficar e de ônibus (uma viagem de quase três dias!) – transformou-se no conforto de se instalar em um flat emprestado nos Jardins e passagens aéreas ganhas via Secretaria de Cultura local. "Tínhamos desistido de vir, mas voltamos atrás sabendo da possibilidade de outros shows. A gente achava que ia ficar debaixo da ponte, mas no final conseguimos as passagens de avião, ficamos hospedados em um flat e ainda conseguimos patrocínio de roupas de uma loja. Vamos ver como vai ser da próxima vez, né? Pão com mortadela e debaixo do viaduto", resume Léo, entre risadas gerais. ⏩

Como surgiu a idéia de formar o Burro Morto?

Léo. No início do ano passado, nós abrimos um estúdio de gravação e ensaio aqui em João Pessoa, e a partir daí começamos a tocar juntos. No início, muita gente aparecia por lá e chegava a ter umas oito pessoas, às vezes até mais, em um formato *jam session*. No início essa parada toda era conhecida como Coletivo Burro Morto – [um projeto] mais descompromissado, porque cada um de nós estava envolvido em outros projetos. Um ponto forte para a criação foi o fato de que na época escutávamos muito afrobeat. Tudo mudou com o passar do tempo – pessoas foram saindo do coletivo, os arranjos tiveram que ser mudados de acordo com essas mudanças –, e atualmente somos um quinteto, passamos a ser apenas Burro Morto. A coisa tomou um rumo, arranjamos melhor as músicas e começamos a fazer uns shows no bairro de Varadouro. Faremos um ano em agosto.

Dá pra perceber nitidamente uma referência de bandas da década de 1960/70 na música de vocês. Existe uma preocupação em soar como nos velhos tempos e trazer de volta algo "psicodélico"?

Haley . Uma coisa que pesa muito nessas tais referências é que naquela época existiu um movimento muito forte em Pernambuco e Paraíba, com Zé Ramalho e outros. Sempre gostamos disso tudo, então acabamos por usar essas referências [combinadas] com coisas atuais. Continuamos trabalhando em cima de uma base rock, o que muda é que colocamos um certo balanço, mais groove etc.

Hoje há uma aceitação maior em função dessa geração setentista?

Haley . Na verdade, não tem muita gente fazendo este tipo de som por lá atualmente. Talvez a aceitação seja a mesma para com outras coisas que rolam em paralelo, mas não deixa de ser algo estranho ainda. O engraçado é que [esse tipo de música] já foi bem comum por lá, e hoje soa estranho às pessoas. Mas, por um lado, tem um saldo positivo nisso

tudo, porque se o que fazemos hoje em dia não causasse tal estranhamento, seria motivo para repensarmos a nossa música.

É interessante essa relação artística entre Pernambuco e Paraíba. Antigamente era algo muito próximo, existia uma identidade muito forte entre os dois estados.

Haley . Pois é, tem até um disco chamado *Paêbirú*, muito importante, uma parceria de Zé Ramalho com Lula Côrtes. Hoje em dia tem o Totonho também, que é paraibano, faz um trabalho novo e fala bastante sobre Pernambuco. Tem uma identidade cultural muito forte entre os dois estados. Lógico que tem os ritmos mais peculiares de cada estado e tal, mas tem muita coisa que rola dos dois lados que é uma coisa ancestral mesmo. Um ponto importante também nessa história é que não rolou uma preservação cultural de certas manifestações aqui na Paraíba, como rolou em Pernambuco. Isso ficou bem claro na década de 1980 e 90, quando as bandas quiseram revitalizar essas tradições por lá. Eles têm muito orgulho disso e foi algo muito positivo.

O grupo prepara a gravação do álbum Varadouro, *previsto ainda para 2008, gravado em um estúdio localizado numa área histórica da cidade de João Pessoa. Trata-se de uma região um tanto quanto abandonada, mas que inspira o grupo de tal maneira que dará nome ao seu primeiro álbum. A saber: no Varadouro encontra-se a Rua da Areia, que é a rua dos cabarés, freqüentada por prostitutas, cafetões, bêbados, policiais, e bandidos em geral. Mesmo bairro onde se encontram os cartórios e gabinetes de vereadores. Bem a cara deste quinteto instrumental de sonoridade exuberante, que reaviva a psicodelia nordestina com elementos de jazz rock e música africana moderna.*

Saiba Mais

www.myspace.com/burromorto

Entrevista completa em www.maissoma.com

Mulatu Astatqé

Alemayèhu Eshèté

Gétatchèw Mèkurya

Mahmoud Ahmed

Ethiopiques
em Londres

Por Alexandre Casatti
Fotos por Renato Larini

Duas mil pessoas inglesamente sentadas e falando baixinho. Daí o vizinho de poltrona, o etíope Mulu Yegezu, puxa um papo. Passados alguns minutos, o show **Ethiopiques**, no gigante centro cultural Barbican, de Londres, começa a ganhar um pouco de vida. Com 52 anos, Yegezu era pura emoção, e do nada ele decide me colocar a par de tudo sobre a Etiópia, a música, os músicos, sem dar a mínima pro meu péssimo inglês. O som começa a rolar e eu entro no clima de Yegezu, que era só sorrisos: "É a primera vez na vida que eles tocam juntos!"

Eles: os cantores **Mahmoud Ahmed** e **Alemayèhu Eshèté**, o saxofonista **Gétatchèw Mèkurya** e o músico e arranjador **Mulatu Astatqé**, quatro estrelas da música etíope nas décadas de 60 e 70, silenciadas por uma ditadura comunista entre 1974 e 1987, mas felizmente redescobertos pelo produtor musical francês Francis Falceto, que idealizou **Ethiopiques**, cabulosa série de álbuns sobre a música etíope. Graças a essa série de discos, a musica etíope é uma das vedetes no mercado fonográfico mundial dos últimos cinco anos. O quarteto e outros músicos representam a geração que teve o primeiro contato e experimentou um elo com a música internacional, principalmente o jazz, o soul e o funk estadunidense.

Astatqé, conhecido como o pai do jazz etíope, é o primeiro a se apresentar. Ele acabou por ganhar grande notoriedade graças à exposição dada pela trilha sonora de *Broken Flowers*, filme de Jim Jarmusch. Todos serão acompanhados pelos americanos da Either Orchestra. Com a música rolando, ele entra sob muitas palmas e começa a tocar seu principal instrumento, o vibrafone. Meu novo amigo Yegezu enxuga discretamente as primeiras lágrimas de emoção. A apresentação de Mulatu é elegante, como sua música. Com naturalidade, ele chama a música pra si, improvisa, volta a tocar com a banda, tudo como se fosse só mais um componente dela. E a modéstia se repete nas aparições durante os shows dos compatriotas, com Astatqé tocando em cada momento um instrumento.

Alemayehu Eshete é o segundo a se apresentar. Yegezu fica animado e descontrai: "Ele se veste e dança igual ao James Brown. No ano passado, vi um show dele quando visitava uns amigos na Virgínia (EUA). Pedi e ele cantou essa música pra mim. Foi incrível". Aliás, a descontração começa a tomar conta do Barbican. Eshete sugere palmas e, apesar de tímidas, todo mundo segue suas ordens, retribuídas com beijos jogados à platéia. Ele é um James Brown etíope com a simplicidade característica do terceiro mundo. É um showman sessentão de voz poderosa, que dança simpático e sorridente para o público e para a banda até deixar o palco.

Russ Gershon, o maestro da Either Orchestra, chama o próximo convidado. Todo mundo aplaude, mas nada de Getatchew Mekurya. A demora começa a ficar meio incômoda e todo mundo começa a olhar com estranhamento. Então, a porta de emergência ao lado do público se abre e Mekurya entra com uma capa e uma coroa com as representações do Leão de Judá. Ele caminha entre o público, tocando sua versão instrumental para "Shellala" - canto de guerra etíope. Meu amigo só consegue me dizer isso e não se contém - desta vez tira o lenço do bolso. O saxofonista septuagenário continua sua peregrinação lenta em direção ao palco. É impossível tirar os olhos dele e muito menos da beleza e do poder daquele som durante quase meia hora de apresentação. Facilmente, um dos trinta minutos de música mais impressionantes que já vi. Mekurya volta pela mesma saída de emergência sob aplausos longos de uma platéia empolgada (A qualidade é caseira, mas no Youtube dá pra sacar o veneno: www.youtube.com/watch?v=g9d7zWEWLGM).

A próxima estrela da noite é Mahmoud Ahmed. O show começa calmo, meio na ressaca de Mekurya, com músicas tradicionais e religiosas, segundo Yegezu: "ele é católico". O show vai crescendo, e Ahmed começa a organizar as palmas para acompanhar a música. A resposta é melhor, mais ainda tímida. E com um carisma impressionante, acompanhando o andamento da música – cada vez mais rápida, animada, marcada numa percursão forte – ele passa a dominar a platéia. Depois das palmas, faz todo mundo acompanhá-lo nos refrões e, em alguns segundos, as quase duas mil pessoas se põe em pé, batendo palmas e entoando os refrões. É uma cena incrível. O Barbican inteiro vira parte da música. E quando Ahmed decide que vai sair do palco sob o coro levado pelo público, todo mundo entende o recado. Mas enquanto ele caminha para a saída, o coral-platéia baixa a intensidade. E ele volta e faz sinais de que não ouve mais direito. Às suas ordens, mister Ahmed. É do jeito que ele pede até sair pela mesma porta de emergência usada por Mekurya.

O Barbican Hall vira um coro só para o bis, e, como obviamente iria acontecer, todos no palco para o momento histórico nunca visto antes, nem mesmo na Etiópia. Parecem quatro grandes entidades do além, tamanha é a monstruosidade deles no palco. Eles interagem com um público com relação e carisma absurdos. Meu amigo é pura felicidade e me olha com uma cara de "Te falei que era foda!" E eu, por capricho do destino, sentado no melhor lugar do Barbican, tenho a certeza de ser um privilegiado naquele momento.

Saiba Mais
www.ethiopiques.info

Soar crível pode ser considerado um dos principais desafios para um rap ser bom. Sendo assim, e sendo o gênero autoreferente por natureza, incoerências musicais, discursivas e as possíveis combinações entre esses fatores vencem boas idéias. Coisa séria para um gênero em que as soluções sonoras, quando talentosas, se inscrevem entre o melhor da ficção atual.

A linha de um realismo mais que fantástico, em que não fica claro o que é fato e o que é invenção, é trabalhada com esmero pelo grupo fortalezense Costa a Costa em *Dinheiro Sexo Drogas e Violência de Costa a Costa*, compilação mixada de 23 músicas e interlúdios feita em cima de um álbum de estréia abortado. "A gente amadureceu nesse meio tempo, e não queríamos mais que nosso disco fosse aquele, mas dava pra usar muita coisa na mixtape", diz por telefone o MC e produtor Don L, que forma o Costa a Costa junto com os MC Negro Gallo, Preto B e o DJ Flip Jay. Vendida no formato CD e distribuída na Internet a partir do final de 2007, coroou um período fértil: aparição no programa de TV Central da Periferia e prêmio Grupo Norte Nordeste pelo anual Hutúz em 2006, e uma análise entusiasmada no site Overmundo, assinada pelo antropólogo Hermano Vianna.

"Fomos indicados sem ter nenhum lançamento na rua. Isso foi através de shows. A rapaziada do rap, os formadores de opinião, já conheciam o nosso trampo", diz Don L, que no mesmo ano da premiação carioca gravou participações em coletânea do DJ Hum e na recém-lançada *Rotação 33*, do DJ KL Jay. Em entrevista anterior, publicada pelo site especializado em rap Bocada Forte, os membros do grupo cearense apropriadamente reproduziram a assertividade hipertrofiada que dá o tom de sua música, criticando o que classificam como "linha derrotista do rap nacional". Reproduzida na blogosfera, gerou discussões inflamadas.

"O QUE ACONTECE É: QUAL É O EXEMPLO DE VITÓRIA QUE VOCÊ TEM NO GUETO? COMO VOCÊ PODE TER ACESSO AO QUE A SOCIEDADE COLOCA COMO VITÓRIA?"

Provavelmente só foram levados a sério porque o som bateu. Fato é que a vontade de diferenciação de perspectiva, ancorada em instrumentais maduros, funciona. Por enquanto, o repertório do Costa a Costa soma-se à vertente "traficante" de contos do crime, mas em chave diversa da maioria. Som de bandido, que no caso significa personagens bandidos fazendo som - os maiores no país, o Racionais MCs, o fazem sobre a perspectiva do ladrão ("Eu Sou 157") -, buscando balanço e arranjos malandros. São acontecimentos que a maioria dos diretores de cinema não conseguiria filmar com verossimilhança.

Substituindo o denuncismo choroso por uma agenda clara - a saber, investir o dinheiro angariado com o tráfico de drogas em uma carreira musical -, apresentam sotaque próprio e uma fina interpretação do rap já produzido aqui, o que implica também outro olho nos EUA, e constroem passagens vívidas e diversas das ruas de Fortaleza, enxergando muitos momentos da vida dos personagens que interpretam. Don L: "O que acontece é: qual é o exemplo de vitória que você tem no gueto? Como você pode ter acesso ao que a sociedade coloca como vitória? Aqui, quem consegue isso geralmente está ligado a uma atividade ilegal, como o tráfico. Foi uma forma de mostrar que o gueto não precisa mentir, não precisa negar que quer ter acesso a tudo que está aí. A gente quer os carros, a gente quer jóias, a gente quer viver a vida por inteiro. O tráfico não é uma opção, mas a gente resolveu falar do que estava próximo".

Em *Dinheiro...* o uso de jogos de palavras - frases de impacto, repetição de termos com sentidos diferentes na mesma frase, exploração de sotaques e interpretação de sons para que elas rimem - é caro ao rap, mas muitas vezes soa como compêndios de autocomiseração ou compilados de títulos de HQs da Turma da Mônica. "No melhor Lugar", a introdução, usa referências de boxe de maneira suave em um contexto pesado, sem tentar esgotar todas as metáforas possíveis. As personas adultas desenvolvidas são egocêntricas e bem resolvidas para passarem longe desses clichês, quem sabe gerando outros. A aceitação dos prazeres da vida incluiu o sexo, abundante nas narrativas e no som, que traz elementos de pop, reggaeton, funk carioca e brega para criar som de pista. O uso da monossilábica "mah" como recurso rítmico pontuando as levadas como respiros dá outra pista do caminho. Gíria local provavelmente vinda de "man", substitui a mais engessada "mano", menos afeita à cadência rápida - tal qual Sabotage com o seu "joe". Quando reinterpretam "Sou Função" num remix que quase não usa a voz de Mano Brown, e sim as de Lelê e Dexter, estão dando sua versão do que é ser função para eles: a humildade malandra de salvo pela música filosofando a vida mais imediata.

Com outra mixtape e o esperado álbum de estréia no forno, a expectativa é que o Costa a Costa continue fazendo o que o rap do sul do país, e grande parte do paulista e carioca, ainda não fizeram: supere regionalismos com sotaque próprio para fazer boa música brasileira.

» Saiba Mais

www.costaacostaonline.com

CRIME E DESCONTRAÇÃO

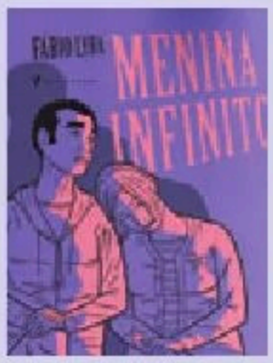
Por André Maleronka . Imagem divulgação

+REVIEWS

365 Graus . Fábio Bitão

***Independente* . 2008**

E com o mesmo reflexo, rápido e preciso, de quem tem experiência em pegar o momento certo em uma foto de manobra de skate, Bitão desviou-se da tijolada. Era uma madrugada na Rua Augusta, centro de São Paulo, e o fotógrafo, com sua máquina apontada para os letreiros das casas noturnas, os prostíbulos da Babilônia paulistana, incomodou os gerentes. Tanto, que o tijolo voou para acertá-lo, na maldade. Aquele era o dia que Fábio Amad Bitão, o skatista e fotógrafo, tinha escolhido para fazer uma foto por hora, durante 24 horas. Uma idéia dentro do seu projeto maior, o de fotografar os 365 dias do ano de 2006 e publicar um livro com o material. O tijolo errou o alvo e o livro saiu em julho deste ano. Bitão decidiu que o projeto marcaria seus 15 anos de fotografia de forma não-convencional. Poderia ter juntado o melhor material de seu portfólio e impressionado, mas arriscou e acertou numa idéia inédita. O interessante é que *365 Graus* não é um livro de fotos de skate, mas um livro de um fotógrafo de skate disposto a ampliar seus horizontes sem perder o olhar adquirido nas ruas. A maioria das quinhentas fotos selecionadas ainda foram feitas no tradicional filme fotográfico, e não com câmeras digitais . Para finalizar graficamente o livro, Bitão fez parceria com seus amigos artistas plásticos, Alexandre Cruz (Sesper) e Felipe Yung (Flip). Para a introdução, convocou Bob Burnquist. É um livro importante para mostrar que a fotografia com berço na cultura do skate está amadurecendo. *Por Alexandre Vianna*



Menina Infinito . Fábio Lyra

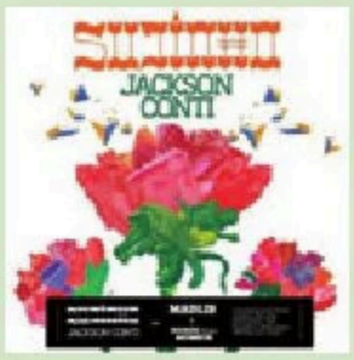
***Desidrata* . 2008**

O álbum de Fábio Lyra, quadrinista que ganhou reconhecimento dentro da revista carioca *Mosh!*, dialoga com duas linhas clássicas de quadrinhos. A primeira, e mais antiga, é a das HQs underground dos Estados Unidos que nos anos noventa faziam o contraponto gráfico ao rock indie de então. No Brasil, segue a linha dos trabalhos iniciais dos gêmeos Fábio Moon e Gabriel Bá, que retratavam baladas em clubes indies na capital paulista e reflexões de jovens um tanto quanto desorientados – a tal da literatura de blog da virada do século XXI. Em comum com os últimos, uma grande habilidade estilística, desenhos funcionais e pleno domínio narrativo. Com os primeiros, o grande vigor na caracterização dos personagens, garantindo que mesmo quem não participe do "mundinho" deles entenda e tenha prazer em acompanhar suas desventuras. Quem gosta dos livros do inglês Nick Hornby vai amar o álbum. A Menina Infinito do título compartilha suas ambições um tanto quanto fúteis e seu amor pelo rock indie. O cantor Morrisey, inclusive, é uma espécie de guru para a garota, o que proporciona momentos interessantes no álbum. A força do trabalho de Fábio é não querer ser mais do que ele realmente é: um retratista do pueril mundo juvenil. Vale a pena acompanhar essa radiografia? "Como não? Essa é a história da minha vida", diz a personagem principal do álbum. Por Arthur Dantas

Japanische Kampfhörspiele & Are You God . Split Mini CD

***Baskat Recordings* . 2008**

O selo alemão Baskat cria um catálogo do que de mais radical os gêneros mais extremos do rock possam oferecer. E este míni CD é prova isso. O encontro de dois grupos, um alemão e outro brasileiro, que usam o grindcore como expediente para experiências sonoras, mostra como um gênero tido como restrito ainda pode ser expandido. No caso dos alemães do Japanische fica evidente a elaboração de canções mínimas, seja nos elementos e na duração, marcada por sobreposição de vocais gritados e guturais (marca típica grind) em bases arrastadas que nunca encontram um ápice, a catarse. O Are You God? seria uma tentativa dadaísta de salvar o gênero de um hermetismo temático baseado no lado mais vil da humanidade, indo da proposição política ao mais puro niilismo. O grupo paulista conjuga os vocais ininteligíveis do estilo com letras idem. O que esperar de versos como "Ai, quem viu a Bia? / I will make up a lover / Ai quem viu a Bia? / Ai, quem ligou? Ah, logo a minha sodomia..." em "A Pior Coisa que Você Faz"? São pérolas "poéticas" criando um diálogo onde não há preocupação em se comunicar nada de imediato. Nada mais coerente, no fundo, com o gênero. A elaboração dos arranjos e uma gravação onde não há espaços vazios ajudam a propagar a doença sonora do grupo. Pérola aos poucos. *Por Arthur Dantas*



Sujinho . Jackson Conti

***Kindred Spirits/Mochilla* . 2008**

Jackson Conti não é só mais um dos inconfundíveis projetos musicais de Madlib. O nome do projeto vem da união dos sobrenomes de Otis Jackson Jr e de Ivan Conti, mais conhecidos como Madlib e Mamão. Ambos dispensam apresentações e, mesmo sendo de diferentes gerações e nacionalidades, têm em comum a genialidade e o talento acima da média na composição musical.

Mamão é uma figura lendária da música brasileira: além de ser um dos nomes por trás do trio Azimuth, já tocou com Deus e o mundo – de Elis Regina a Ella Fitzgerald, de Roberto Carlos a Dizzy Gillespie.

Não espere aqui a tradicional mistura de hip-hop com samba, já bem desgastada tanto aqui como em terras estrangeiras. Em *Sujinho*, o buraco é bem mais embaixo. Musicalmente é uma mistureba das boas entre samba, soul e funk, com um clima jazzístico que permeia todo o disco. Ao mesmo tempo em que resgata sonoridades do passado, não deixa de olhar para a frente e apontar para o futuro, sem excesso de saudosismo e fugindo dos clichês em que alguns produtores e artistas acabaram se perdendo.

Não é o caso de Madlib. Em sua carreira como produtor musical, deu contribuições de sobra para a música, com seu estilo abstrato de compor. Com Jackson Conti, ele vai além. Parece que o artista cansou de simplesmente pesquisar música e samplear. Ele agora se empenha em criar melodias e músicas que muito provavelmente serão garimpadas e sampleadas pelas futuras gerações.

Destaque para as belas "Barumba", "Xibaba" e "Upa Neguinho". "Segura essa Onda", que mais parece um hit esquecido nos lisérgicos anos 1970, fecha o disco com chave de ouro, com Mamão bem à vontade nos vocais. *Por Tiago Moraes*

District Line . Bob Mould

***ANTI* . 2008**

Bob Mould, 47 anos, foi um dos ícones que ensinaram a música underground americana dos anos 80 – que viraria cultura de massa nos 90 – a não ter medo de refrões nem de sentimentos. Desde a época do seminal Hüsker Dü, e principalmente no comando do Sugar, ele parecia ter encontrado a fórmula perfeita entre melodia pop e a distorção displicente que definiu o melhor do rock nas últimas três décadas. Em *District Line*, seu sétimo disco solo, Mould segue criando refrões como poucos. Mas as letras nem sempre acompanham. O lirismo simples e elegante do Sugar e de seus primeiros discos solo deu lugar a um sentimentalismo que por vezes beira o embaraçoso. Em "Old Highs New Lows", ele canta: "I will write the words I want to hear you say/ On a page torn from my Diary/ I'll hand you the sacred text/ And wait for you to place it/ Across the hole in my heart". É como se Mould tivesse sido finalmente seduzido pelo conforto e estabilidade da meia-idade. Seja como for, a guitarra e a melodia vocal de Mould, apoiadas na bateria vigorosa de Brendan Canty (ex-Fugazi), ainda criam hits incríveis como "Stupid Now", "Again and Again" e "The Silence Between Us". Em se tratando dele, já é o suficiente para produzir um disco acima da média.
Por Mateus Potumati

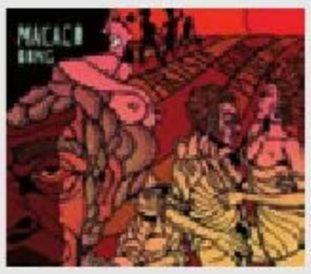
49:00 . Paul Westerberg

***Independente* . 2008**

"WARNING: DO NOT LISTEN WHILE OPERATING A MOTOR VEHICLE."
"THIS PRODUCT IS NOT FAULTY - ALL SOUNDS ARE INTENTIONAL AND VALID AS A WORK OF ART."

Ao mesmo tempo em que boa parte do catálogo do Replacements foi relançado, Paul Westerberg soltou uma pequena bomba, sem aviso, explicação ou detalhes. *49:00*, seu primeiro álbum em quatro anos, foi disponibilizado na internet pela barganha de 49 centavos. No formato de uma mixtape de hip-hop, músicas, ou talvez pedaços de músicas, aparecem e desaparecem como um sinal fraco de rádio em uma viagem de carro. Gravados em um porão, sem pretensão ou propósito aparentes, esses 43 minutos de material têm momentos brilhantes e trazem algo para os fãs de todas fases de sua carreira. Todo esse espectro e diversidade são oferecidos, ou impostos, a todos, sem exceção, já que as músicas não estão separadas, e em alguns momentos estão até sobrepostas. *49:00* é como aquela fita cassete velha que você não pára de ouvir. Não adianta nem tentar avançar para aquela parte que você adora, sossega e deixa rolar. Vale a pena. *Por Rodrigo Brasil*

+REVIEWS



Artista Igual Pedreiro . Macaco Bong

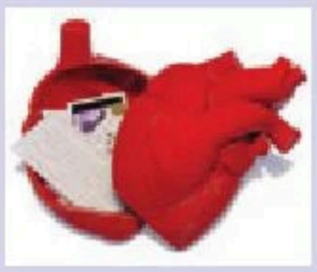
***Trama e Monstro Discos* . 2008**

O disco de estréia do trio cuiabano é uma obra a ser analisada em etapas. Trata-se de um disco-conceito, antes de conceitual; instrumento, antes de instrumental. Suas dez faixas são como uma carta de intenções, que, da ausência quase total de vocais às harmonias maiores, abertamente pueris, verte uma mesma substância: o suor do operário, que renuncia sua ambição ao reconhecimento em função de uma causa maior. Nessa busca, o Macaco Bong é certamente um modelo de desapego e eficiência que poucas bandas no Brasil conseguiram – ou tentaram – repetir. No aspecto musical, *Artista* registra uma banda a meio caminho entre o que é e o que pode vir a ser. A inegável organicidade do grupo – não só em termos de dinâmica musical, mas no sentido do "filósofo orgânico" gramsciano – confere à música um frescor só alcançado mediante a ignorância de certas convenções. Em "Compasso em Ferrovia", isso produz bons momentos, que surgem da fusão insólita de climas e fraseados que vão de Pat Metheny a Jesus Lizard, filtrados pelo timbre da guitarra alternativa dos anos 90. Essa mesma liberdade, porém, leva a escolhas duvidosas, onipresentes em excessos de eco ou timbres de hard rock oitentista na guitarra, ou no som agudo dos tambores da bateria – uma tentativa, talvez, de se aproximar da sonoridade de timbales –, que remete aos piores momentos do fusion. "Vamos Dar Mais Uma" transita por um terreno que une Minutemen, Slint e Bedhead a Rush – uma mistura perigosa, que funciona na maioria do tempo, mas que às vezes cai em franca anomia. O aparente descaso com o nome de algumas músicas contribui para a sensação de que a maioria delas se beneficiaria com alguns cortes. Também não faria mal explorar melhor notas diminutas e harmonias mais sombrias. Apesar desses deslizes, *Artista Igual Pedreiro* é uma obra corajosa, com mais acertos do que erros, e que aponta para um futuro promissor. *Por Mateus Potumati*

"Sem Título" Técnica Mista . Ordinaria Hit

***Independente* . 2008**

Enquanto muitos buscam produções cada vez mais rebuscadas, o grupo assume o erro e a sujeira, a precariedade como dado estético relevante. E assim dão uma cara terceiro-mundista a sua releitura virulenta do pós-punk. Somado a isso, há a ambivalência entre a busca por experiências mais afeitas a vanguarda, como a improvisação livre, e uma certa pobreza estrutural emulando potência punk rock. A presente coletânea, reunindo "o ruído, o rascunho, o barulho e o improviso", como citado no encarte, coroa esse rebuscamento estético às avessas, conquistado em quase 10 anos de banda. São 21 faixas, que compreendem experimentos de 2001 até 2008, e o grande mérito foi arranjá-las de forma a dar consistência ao álbum como um todo. Há quatro versões para músicas de outros grupos independentes, como o punk Excomungados, improvisos de estúdio, colagens utilizando filmes e spoken word, versão de canções previamente lançadas e até uma faixa de mais de 20 minutos que serviu como trilha de um desfile baseado na obra de Machado de Assis. Convenhamos: ousadia suficiente mesmo para um punk. *Por Arthur Dantas*



Coração Vermelho . Tamarindo Design

A Tamarindo Concept, que entrou no mercado inicialmente com sua linha de glassware adornados por trabalhos de artistas urbanos como Fefê Talavera, Zezão, Kboco, Tinho e Whip, entre outros, vem aos poucos diversificando a sua linha de produtos, que hoje conta com louças em cerâmica, almofadas e capas para iPod.

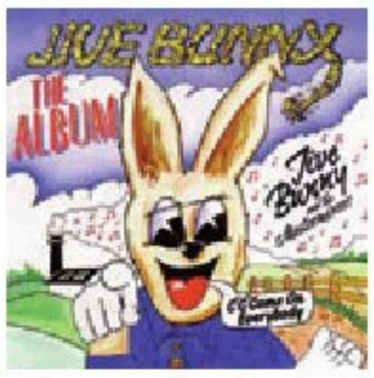
A novidade agora é a criação de uma nova divisão chamada Tamarindo Design, voltada à criação de peças conceituais como esse porta objetos aí da foto, criado especialmente para você guardar tudo que é valioso, e que merece um lugarzinho especial. Cartas românticas, aquela foto da primeira viagem de vocês dois juntos e o guardanapo com o telefone escrito à mão no dia em que se conheceram, tudo ficará super bem guardado, bem ali, no fundo do seu coração. *Por Tiago Moraes*

Prontuário 666 . Samuel Casal

***Conrad Editora* . 2008**

O novo filme de José Mojica Marins, a *Encarnação do Demônio*, encerra a trilogia de seu grande personagem Zé do Caixão, em busca da mulher perfeita para parir seu filho. Para justificar a ausência de 40 anos do coveiro maldito, seria necessário um filme intermediário. A solução encontrada foi narrar os anos de cárcere do personagem neste álbum. Ainda bem! Samuel Casal, ilustrador com quase duas décadas de serviços prestados, foi uma escolha preciosa para contar essa história. O traço de Casal, baseado em um lancinante jogo de (muito) preto e (pouco) branco é perfeito para mostrar o tormento e morbidez da vida em uma penitenciária. Nenhuma tortura ou castigo aos presos é gratuito, são formas de castigar os "seres inferiores" e manter seu espírito iconoclasta vivo, pronto para o que der e vier ao sair da cadeia. Essa idéia se encerra nas duas páginas finais do álbum, quando um pastor prega para alguns presidiários, enquanto Zé do Caixão se prepara para sair finalmente da penitenciária e diz "Pai, perdoai-lhes... Porque eles não sabem o que fazem... deixando-me sair". Agora é ir ao cinema e ver o desfecho. Como extra, há oito artistas dando sua visão a respeito do coveiro mais famoso do país. *Por Arthur Dantas*

Dimas Forchetti Filho



Ainda criança, meu pai tinha uma fita cassete com um desenho engraçado de um coelho apontando pra mim e umas músicas mixadas muito boas. Sempre que levava meu irmão e eu pra passear por São Paulo, pedia para colocar essa fita enquanto ia brigando no carro com meu irmão.
Depois de anos, me lembrei do Jive Bunny & The Mastermixers *e baixei o álbum no começo do ano.*
No dia 05/08 recebi a notícia inesperada de que seria pai, e ao fundo tocava esse álbum.
Não foi um dos melhores que já ouvi, mas com certeza é um dos mais significativos em minha vida.

Presta atenção quando você passar de novo por uma esquina com grama:
o ângulo de 90 graus formado pela calçada vai estar sempre acompanhado de um
atalho cortando o gramado e criando um caminho alternativo, que nos permite
economizar uns 40 ou 50 centímetros de caminhada. Uma economia sem sentido,
que só mostra o quanto quem passa por ali é preguiçoso, apressado ou displicente,
ignorando completamente o trabalho que a calçada tem de guiar nossos passos
pra que não tenhamos que estragar a grama ou coisa do tipo.

Bom, eu pensava dessa forma tosca até alguém comentar no meu blog,
chamando minha atenção para o termo ***"desire lines"****. Sim, essas trilhas*
supostamente aleatórias têm um nome bonito. E também uma função.
Segundo o meu leitor, há paisagistas e planejadores urbanos que utilizam
o conceito de desire lines (também chamadas de desire paths ou social trails)
para estabelecer os caminhos de parques: primeiro você coloca lá um pedação
de grama e deixa as pessoas caminharem à vontade. À medida que as
desire lines vão surgindo, os caminhos são feitos - ou refeitos.

As desire lines são uma forma bonita de poesia urbana. Ninguém combina assim:
"Opa, sabadão, vamo ali fazer uma desire line?" A desire line é simplesmente a
expressão de uma inteligência coletiva, da necessidade de encontrar um caminho
mais curto, mais inteligente, mais bonito ou simplesmente um outro caminho.

O assunto fica especialmente interessante quando você pára pra
pensar que, tirando os parques, também costumamos estabelecer
desire lines nas nossas relações. Qualquer olhar mais atento vai revelar
entre familiares, colegas de trabalho ou amigos uma série de calçadas de
cimento (necessárias), mas também uma vasta rede de atalhos,
feitos da mais pura grama detonada. E é aí onde a ação acontece.

Nossas desire lines pessoais oferecem caminhos alternativos
para tudo aquilo que as calçadas não comportam.
Um passeio que começa numa calçada e termina numa desire line
é como uma conversa que começa com palavras
e termina com olhares*. Um sistema de irrigação alternativo que não*
invalida o oficial, mas o deixa muito mais rico e cheio de possibilidades.

Nossa tendência é querer logo pavimentar essas desire lines sentimentais,
para que elas se tornem calçadas. Algumas realmente talvez precisem.
Mas também é preciso ter cuidado e lembrar que ***é muito, muito saudável manter***
um imenso gramado e deixá-lo à disposição das pessoas que você mais gosta,
pra elas de vez em quando poderem fazer o caminho que quiserem.
Preciso anotar isso em algum lugar para não esquecer.

» ***Gustavo Mini*** *escreve*
em ***www.oesquema.com.br/conector***

PARQUES PESSOAIS

Por Gustavo Mini . Ilustração Renata Barros

DE BRENO TAMURA:

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep.7

TRILHA SONORA:
YOUR SELFISH HABITS
JEN WOOD

ESPERANDO TELEFONEMA?
TÔ.
DENTRO DE UM METRÔ EM MOVIMENTO?

NAMORADA?
NÃO
TRABALHO?
NÃO...
O QUE ENTÃO, DIABOS?
QUE EM ALGUM MINUTO DO DIA ELA SE LEMBRE DE MIM
UH?

OK, FOI ASSIM... EU LEVEI UMA GAROTA EM UM SHOW
DE QUEM?
ISSO IMPORTA?
O QUE IMPORTA ENTÃO?
É QUE EU NÃO CONSEGUIA PARAR DE OLHAR PARA ELA
ENTÃO FOI BOM?
É...NA METADE DO SHOW ELA SUMIU. FALOU QUE IA COMPRAR ALGO PARA BEBER E NÃO VOLTOU MAIS

IDIOTA! VOCÊ NÃO SE OFERECEU PARA COMPRAR BEBEIDA ?
NÃO

NA SAÍDA EU VI ELA COM OUTRO CARA...

TÁ, VAMOS ANALISAR FRIAMENTE ESSA MERDA...
LEVOU A GAROTA, NÃO ASSISTIU O SHOW E AINDA ELA FOI EMBORA COM OUTRO?
É...BASICAMENTE ISSO
ALGUMA PARTE BOA NESSA HISTÓRIA? FICOU BÊBADO, PELO MENOS?

HEHE, A PARTE BOA FOI VER ELA PASSANDO A MÃO NO CABELO E DANDO UM SORRISO PARA MIM...

UHH, TEMOS UM GAROTO SENTIMENTAL AQUI! ELA DEVIA PASSAR A MÃO EM VOCÊ! QUE BOSTA DE HISTÓRIA!
FAZER O QUE? ME CONTENTO COM POUCO..

+ENDEREÇOS

Adidas .
Avenida Roque Petroni Jr.
Shopping Morumbi . São Paulo . SP
Rua Garcia D'Ávila . 130
Ipanema . Rio de Janeiro . RJ
Avenida Dr Nilo Peçanha . 2445
Porto Alegre . RS
www.adidas.com

ANTI .
www.anti.com

Baskat Recordings .
www.baskat.net

Cia de Foto .
Rua Amaro Cavalheiro . 316/318
Pinheiros . São Paulo . SP
www.ciadefoto.com.br

Conrad Editora .
Rua Simão Dias da Fonseca . 93
Cambuci . São Paulo . SP
www.conradeditora.com.br

Desidrata .
www.editora-desiderata.blogspot.com

Desmonta .
www.desmonta.com

Galeria Choque Cultural .
Rua João Moura . 997
Pinheiros . São Paulo . SP
www.choquecultural.com.br

Kindred Spirit .
www.kindredspirit.co.uk

Element / Von Zipper .
Rua Oscar Freire . 909
Jardins . São Paulo . SP
www.elementskateboards.com

Monstro Discos .
www.monstrodiscos.com.br

Nike .
Rua Oscar Freire . 969
Jardins . São Paulo . SP
www.nikesportswear.com

Osklen .
Rua Oscar Freire . 645
Jardins . São Paulo . SP
Rua Maria Quitéria, 85
Ipanema . Rio de Janeiro . RJ
www.osklen.com.br

Plastik .
Rua Melo Alves . 459
Jardins . São Paulo . SP
www.plastiksp.com

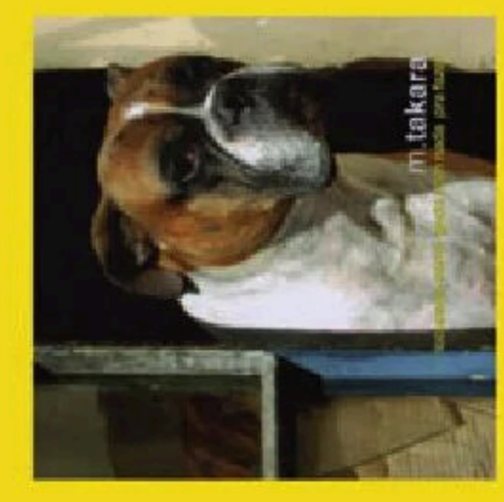
Tamarindo Design .
www.tamarindoconcept.com.br

Trama .
www.trama.com

Volcom .
Alameda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
loja@volcom.com.br

Zarabatana Books .
www.zarabatanabooks.com.br

m.takara
"ocupado como gado
com nada pra fazer"
vinil 12"
dsm002



desmonta. desmonta.com | myspace.com/desmonta

wind runner

NIGEL SYLVESTER
QUEENS, NY
WINDRUNNER

CRIADO PARA O ESPORTE.
REMIXADO PARA A VIDA.

WWW.NIKESPORTSWEAR.COM

SPORTSWEAR

DAÍ É SÓ SENTAR-SE À MESA E ARRANCAR A CABEÇA.

PLOC!

POR FAVOR, UMA IDÉIA...

MALDITA PROFISSÃO

NÃO ME PAGARAM AINDA...

5 PRAZOS DIFERENTES

11:31... REPROVARAM OS ESBOÇOS... CLARO! QUEREM UM TRAÇO MAIS... COMERCIAL.

AQUELES IDIOTAS!

13:0 E AR PAU

TOMA!

PROPAGAND

precisa de mais detalhes aqui.

O CARA ESPREME E SAI UMA CADEIRA - NÃO, SAI UMA ESFERA PERFEITA. MOSTRA PRA NAMORADA E ELA SE SURPREENDE MAS DIZ "É LEGAL, MAS SE FOSSE UMA CADEIRA..."

OS OLHOS... U... O E ESCOR- E OS

24:22... A SITUAÇÃO FOGE DO CONTROLE... O MONSTRO SAI DE CENA.

A QUEM ESTOU ENGANANDO?...

TUDO

6h

TRRRIIIIIIIM

FOLHAS EM BRANCO, CANETA E SEMANAS CONFINADO EM UM MESMO ESPAÇO...

5

SQUEE

IDÉIAS IDÉIAS É IA

•SOMA
"QUE VENHA A NONA ARTE"
APOIO:
NIKE
SPORTSWEAR